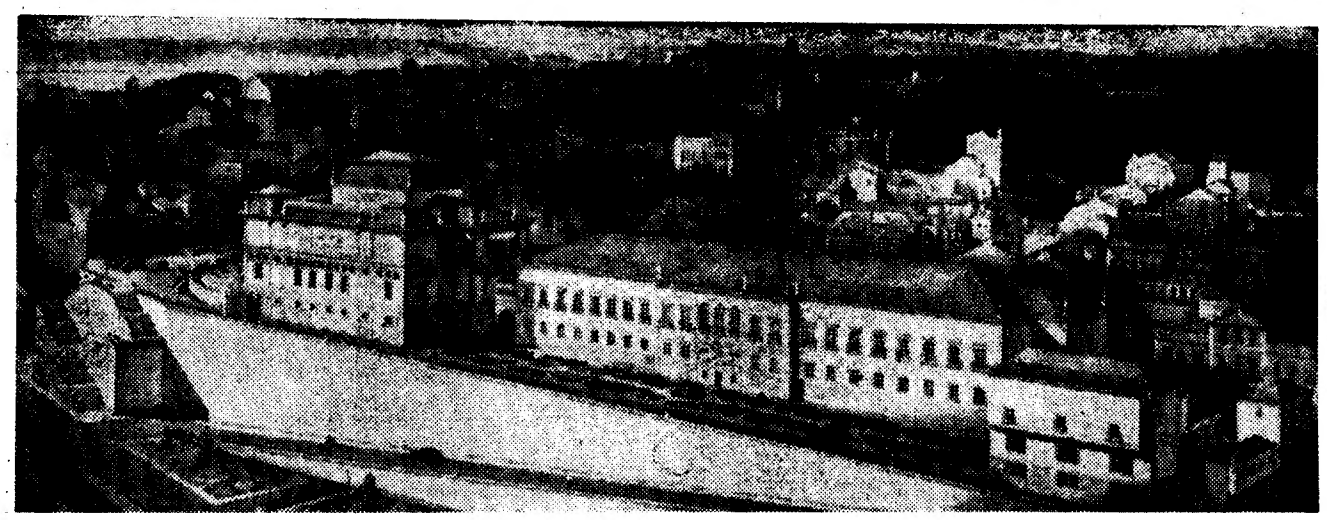
JOÃO MEDINA — GRANDEZAS E MISÉRIAS DOS PRÉMIOS LITERÁRIOS (NA PÁG. CENTRAL)

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

QUINTA-FEIRA, 11 DE DEZEMBRO DE 1969 N.º 16 874 ANO 49.º PREÇO 1$50

às sextas-feiras em MESA REDONDA vamos discutir...



O Museu das Janelas Verdes, segundo o plano de ampliação, realizado de 1937 a 1939, traça do dr. José de Figueiredo que foi seu director

«ÁLBUM DE LISBOA»

O sítio das Janelas Verdes

PUBLICAMOS NA 2.ª PÁGINA A GRAVURA N.º 2 DO NOSSO CONCURSO

GRACIOSA, aparentemente humilde, é esta designação: Janelas Verdes. Uma evocação fugaz do século XVII, uma reminiscência vaga do tempo de Pombal, Janelas Verdes — porquê? Talvez pelas varandas do que foi o seiscentista Palácio Alvor, e que há mais de meio século, é o Museu Nacional de Arte Antiga. E lá estão ainda as Janelas Verdes, de varões grossos, numa fileira simétrica, corrida, dominando os portais armoriados.

Sobranceiro ao Tejo que lhe corria aos pés da Lapa, entre Santos-o-Velho e a Pampulha — o sítio das Janelas Verdes foi uma alameda de casas nobres. Dos tempos das lombas de oliveiras e de encostas de vinhedos restam o solar do Conde da Murça e o Palácio dos Marqueses das Minas — desfigurados. Passaram os frades marianos de Nossa Senhora dos Remédios, as carmelitas de Santo Alberto e, mais abaixo, os hospitaleiros de S. João de Deus.

As Janelas Verdes têm, assim, ressonância lisboeta. Resignada ao urbanismo — esta póvoa nobre e conventual — aceitou o miradouro da Rocha do Conde de Óbidos e Sabugal e, mais tarde, o Chafariz, de formosa expressão monumental — Cont. na pag. seg.

A Síria atacada

DAMASCO, 11 — (R.) — Importantes formações de aviões israelitas atacaram hoje posições militares e aeroportos sírios — anunciou um informador militar em Damasco.

A aviação síria atacou os israelitas, que iniciaram as hostilidades às 11 e 30 locais (10 e 30 de Lisboa).

O informador disse que aviões Phantom, Mirage e Skyhawk israelitas penetraram no espaço aéreo sírio, dirigindo-se em formação de ataque aos aeroportos e alvos militares.

Porém, a Força Aérea síria levantou voo para os interceptar, ao mesmo tempo que a artilharia antiaérea fazia fogo nutrido contra os invasores.

O informador salientou que no momento em que distribuía o comunicado ainda continuavam a travar-se combates aéreos.

Ontem, outro informador sírio anunciou que 26 soldados israelitas foram mortos ou feridos num combate de três horas travado ao longo da linha de cessar-fogo entre a Síria e Israel.

RUÍU UM PRÉDIO EM CONSTRUÇÃO

Nas obras de construção de cinco blocos habitacionais, em Campolide, ruiu esta manhã um dos prédios, ficando feridos três operários. Ao que parece, a derrocada foi motivada pelo aluimento do terreno. Ao longo do vale da Avenida de Ceuta, registaram-se, nos últimos três Invernos, frequentes aluimentos e deslocações de terras. Do de hoje damos notícia na última página.

O assassínio de cientologistas parece relacionar-se com a morte de Sharon

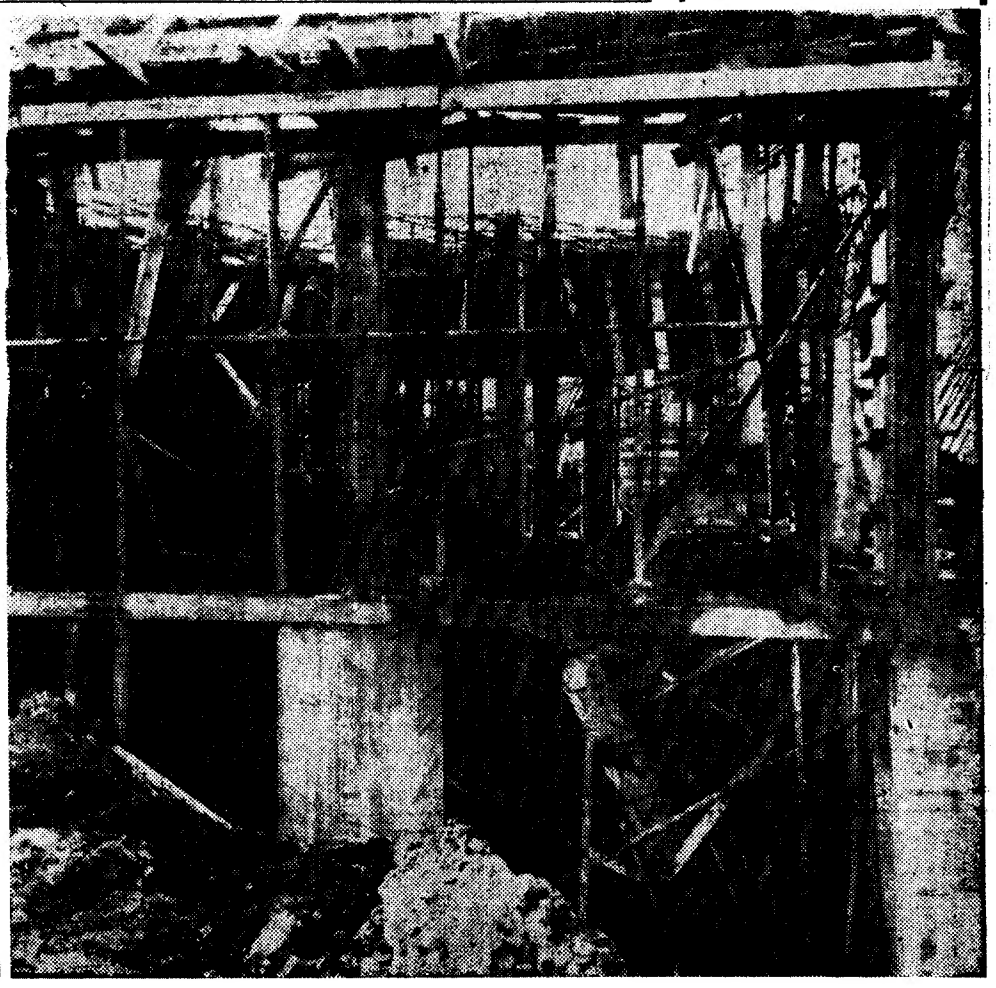
Por JERRY COHEN (Exclusivo «Washington Post»-«D. L.»)

LOS ANGELES, 11 — Detectives desta cidade estão a investigar as possíveis ligações entre os recentes assassínios de dois jovens cientologistas e as sete mortes relacionadas com os acusados do massacre em casa de Sharon Tate.

Como resultado das investigações, a Polícia está a mergulhar num mundo de magia negra e de glorificação dos excessos sexuais.

Em causa, está sobretudo um culto autodenominado «O Processo», que põe em causa e ataca as formas de comportamento

(Continua na 17.ª página)



Política vinícola: Criação de incentivos e apoio à exportação

— anunciou o secretário de Estado do Comércio

(Ler na última página)

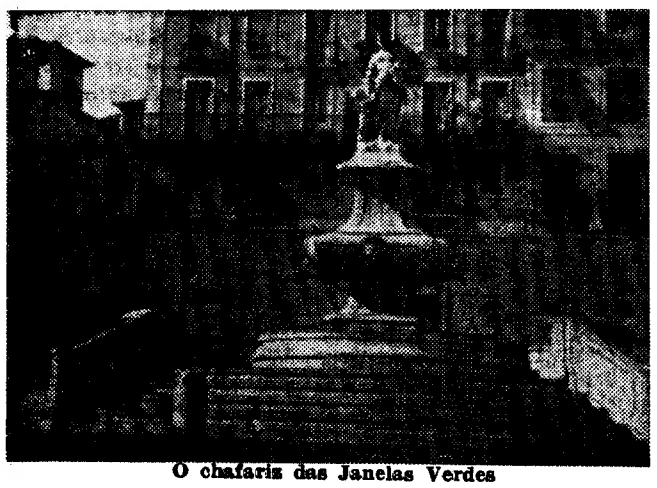
HOJE 36 PAGINAS
PELA CENSURA
VISADO

O sítio das Janelas Verdes

(Continuação da pág. anterior)

Mas o Museu é que constitui o título de honra das Janelas Verdes. A Sé catedral da arte, um Paço da Ribeira, no espólio da beleza dos séculos. Pràticamente, tudo é sumptuoso, arrecadado da dispersão dos patrimónios e da fatalidade das instituições, abriga-se neste solar de riquezas espiritualizadas Portugal — e um pouco de todo o Mundo. A religião e o profano, a história e a aventura, as belas letras e as belas artes.

O Palácio, belo espécime de habitação seiscentista, foi mandado construir em 1960, sobre umas casas que constituam um prazo cujo domínio directo pertencia ao Real Mosteiro de Santos, por D. Francisco de Távora, primeiro Conde de Alvor, que foi governador de Angola e vice-rei da India. Por morte deste, em 1710, herdou a casa seu filho Bernardo, segundo Conde de Alvor. O Palácio foi depois à praça, tendo sido comprado por vinte e dois mil cruzados. Adquiriu-o D. Rodrigo de Sousa Coutinho. Outro proprietário teve o Palácio: Matias Aires da Silva de Eça, provedor da Moeda, nascido no Brasil e notável escritor. Em 1759, morava no Palácio o embaixador alemão, conde de Mech, e em 1762 o consul da Holanda, Daniel Gildemeester, que ali fez grandes obras ao longo de trinta anos. Falecido Matias Aires, o Palácio foi de novo à praça, tendo-o adquirido Paulo de Carvalho de Mendonça, presidente do Senado da Câmara de Lisboa e, mais tarde, cardeal. Por morte deste, em 1770, herdou a casa das Janelas Verdes seu irmão, o primeiro Conde de Oeiras e Marquês de Pombal que nele fez obras, embora nunca o habitasse, continuando ali a residir o então cônsul da Holanda. Em 1782, foi proprietário do Palácio Henrique de Carvalho e Melo, segundo Marquês de Pombal. Em 1884 o Estado adquiriu o Palácio, ali instalando o Museu Nacional de Arte Antiga.



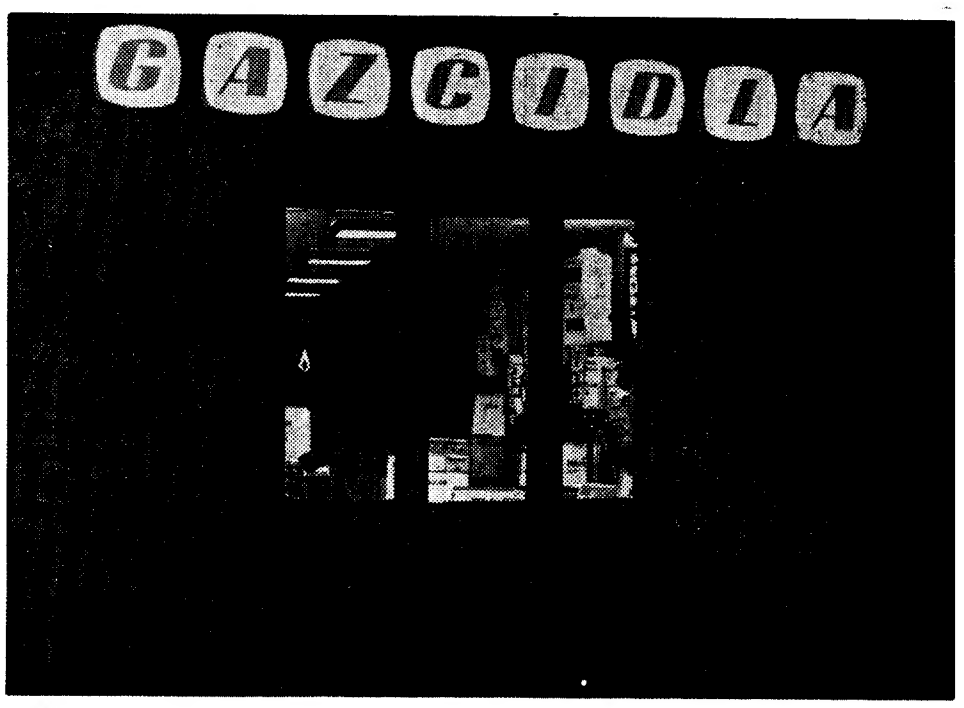
O chafariz das Janelas Verdes

O CHAFARIZ DAS JANELAS VERDES

Deram-lhe esta designação por estar em frente do Museu Nacional de Arte Antiga (também conhecido pelo precedente nome oficial de Museu das Janelas Verdes) e fica ao fundo de um largo semicircular: o Largo dr. José de Figueiredo, que foi director do Museu. Dos chafarizes existentes é dos poucos que ostenta estatuária a que serve de pedestal. Dos dois chafarizes ligados por arquitectos ou escultores á Escola de Mafra, que foram o de Neptuno (ou do Loreto, onde é hoje o Largo do Chiado) e este das Janelas Verdes, só o ultimo permanece no seu lugar. É de mármore branco e rosado. O porte é original na sua forma de enorme urna lobulada em quatro faces sobre base circular que é a taça do tanque e dos cinco degraus da escadaria. O aproveitamento da parede fundeira do largo para encosto e fundo cenográfico do conjunto construtivo completa-o e realça-o. As duplas guardas laterais com o desenvolvimento obliquo e ligação circular com a plataforma da taça, e, nas exteriores, o arqueamento do arqueamento do suporte das escadas para a rua do casario superior, constituem um todo de boa perspectiva.

No alto, como apoteose de toda a preparação ergue-se a estátua de Vénus, a quem Cupido entrega uma seta. A ausência de ornatos secundários faz sobressair a graça das duas figuras. A parte arquitectónica é atribuída a Reinaldo Manuel e a escultura do gosto da oficina de Machado de Castro foi obra de António Machado, discípulo de José de Almeida.

Como escreveu Norberto de Araujo: «O Museu das Janelas Verdes não dá um catálogo dentro duma legenda. Consente uma declamação: a manhã alva de Sagres, em Nuno Gonçalves— a fé e o sonho do Atlântico; o ouro da India em Gil Vicente — a Torre de Belém num hostiário. A Cruz de D. Sancho e a «Fonte da Vida». Alcáçar de todos os génios universalistas. Nesta Lisboa alucinante no pitoresco das ruas que cheiram a rosmaninho, o sítio das Janelas Verdes é um Passo de procissão que parou um instantinho para namorar o mar».



O STAND GAZCIDLA, na Avenida 24 de Julho, serve toda a zona que se estende até ao sítio das Janelas Verdes. Ali, também, como em todos os outros, o pessoal foi seleccionado pela Cidla para poder oferecer competência, assistência eficiente, boa vontade e simpatia — além do fornecimento de gás, de magníficos fogões, esquentadores e caloríferos

Album de Lisboa

Diário de Lisboa

Recorte e cole a gravura n.º 2 no espaço marcado na caderneta

Todos os assuntos referentes ao Concurso deverão ser tratados na RUA CASTILHO, 185-1.º — Telefs.: 65 45 33/65 45 34

O NATAL VISTO PELAS CRIANÇAS

CENTENAS DE PRÉMIOS

Inumeras entidades e firmas dão a sua colaboração ao concurso «O Natal visto pelas Crianças», que o «Diário de Lisboa», como temos vindo a noticiar, organiza pela 12.ª vez consecutiva, suscitando o interesse de milhares de jovens (até aos 14 anos).

O prazo de entrega dos trabalhos termina, como certamente é já do conhecimento geral, na segunda-feira, dia 15.

Nas nossas próximas edições, contamos revelar a constituição dos juris (um para a modalidade literária, outro para a plástica) que procederão á classificação dos trabalhos.

De entre os apoios a «O Natal visto pelas Crianças», é-nos grato salientar, hoje, os seguintes: bolsas de estudo da Fundação Gulbenkian; bolsas de estudo para os concorrentes portuenses premiados («Prémio Delfim Ferreira», no valor de 10 contos, oferecido pela sr.ª D. Silvia Ferreira); caixas de cortiça do nosso amigo A. Gama Reis (Mr. Cork), da Rua da Escola Politécnica, 10; duas bicicletas da marca «Vilar», uma delas oferecida pelo Ciclo do Areeiro, da Avenida Almirante Gago Coutinho, 1-C a 3-B, junto á Praça do Areeiro, e a outra oferecida pelo «Diário de Lisboa»; caixas de bolachas das Fábricas Triunfo, da Rua dos Oleiros, 81, em Coimbra, com depósitos em Abrantes, Chaves, Faro, Lisboa, Santa Iria da Azóia e Porto; diversos artigos da Papelaria «Au Petit Peintre», da Rua de S. Nicolau, 104, em Lisboa; 300 pacotes de «Figo-Bar», da Companhia Industrial de Portugal e Colónias, da Rua Jardim do Tabaco, 74; produtos de «Chocolates Rajá», do Parque de Monsanto; 10 caixas de pastilhas elásticas «Piratas», da firma Fomento Eborense, Lda., da Avenida Combatentes da Grande Guerra, 27, em Évora; duas caixas de borrachas para apagar, da firma Industria de Materiais Plásticos Inexca, de Joaquim Laranjeira, de Elvas; livros infantis da Editorial Minerva, da Rua Luz Soriano, 31, em Lisboa; um «kit» electrónico da Philips Portuguesa, Rua Joaquim António de Aguiar, 66, Lisboa; 50 caixas de «gouaches» Cisne da Casa Mendes Pereira, Herdeiros (Cisne), Campo Grande, 390; 100 livros da edição «O Natal visto pelas Crianças», da Portugália Editora, Lda.; discos alusivos ao Natal, da Rádio Triunfo, do Porto; 30 livros infantis da Porto Editora; livros infantis da Livraria Clássica Editora; três prémios de mil escudos para os primeiros classificados na modalidade plástica (pintura) e três prémios de 250 escudos para os ultimos classificados, bem como diversos outros artigos da Casa A. Ferreira, Lda. (Sino), da Rua da Junqueira, 233 a 277, em Lisboa.

Dão ainda a sua adesão ao nosso concurso as firmas portuenses Confeitaria Arcádia, da Praça da Liberdade, 63, que oferece sacos dos seus famosos bombons; «Porto Cartonagem», fábrica de jogos e brinquedos «Karto», da Rua das Taipas, 131, que oferece 30 unidades dos seus conhecidos jogos, e Sociedade de Cristais, da Rua do Almada, 25 a 29, que oferece espelhos de bolso e de «toilette».

Preparem-se, pois, amigos, O prazo está a expirar. Qualquer dos prémios indicados está, seguramente, ao vosso alcance.

NUM SÓ MÊS

O MUSEU GULBENKIAN VISITADO POR 14433 PESSOAS

Não diminui o interesse do público pelo valioso conjunto de obras de arte da Colecção Gulbenkian, que constituem o precioso recheio do museu que, desde a sua inauguração, passou a ser centro de convívio cultural da cidade de Lisboa.

Grande número de pessoas — e não só de Lisboa — visita, diàriamente, as galerias do Museu Gulbenkian, onde são fornecidas todas as informações sobre as peças expostas, períodos históricos a que pertencem, sua localização nas épocas artísticas, etc.

Recentemente, noticiámos que só na primeira quinzena de Novembro, o número de visitantes havia sido de 9000 e que no período de 15 a 31 de Outubro ultimo, o movimento de visitantes atingira 8806, o que dava um total de cerca de 18 000 visitantes.

Anotemos, ainda, que só no mês de Novembro último o número de pessoas que visitaram o Museu Gulbenkian foi de 14 433, número que, adicionado ao que se verificou no aludido período de Outubro (8806), perfaz o total (em mês e meio) de 23 139 visitantes.

Em grupos, visitaram também o Museu Gulbenkian, no último mês, professoras do Liceu Maria Amália, alunas e professoras da Escola da Obra das Mães, do Liceu Maria Amália, do Liceu Passos Manuel e da Escola Internacional de Decoradoras, grupos de alunas do Liceu Maria Amália, grupo de professoras do Curso de Actualização de História do Ensino Secundário; Corpo Nacional de Escutas-agrupamento de Benfica e um grupo do Instituto de Novas Profissões.

Cofres de aluguer
Av. República, 3
BANCO DO ALENTEJO

SENHOR ESTUDANTE!

Prefira as COLAS e GOUACHES SINO

e veja se dentro está um tubo com 1 senha.

Está, poderá dar-lhe: 1 Bicicleta, ou 1 Bola, ou 1 Par de patins, ou 1 Lego, etc.—além dos Sinos e emblemas dos Clubes

A. FERREIRA, LDA.

233 — RUA JUNQUEIRA — 233

NO CONGRESSO DOS KOLKHOZIANOS

BREJNEV TRAÇOU UM QUADRO SOMBRIO E REALISTA DA AGRICULTURA SOVIÉTICA

MOSCOVO — O quadro da agricultura soviética que Leonard Brejnev apresentou, no dia 2 de Dezembro, num discurso de hora e meia, por ocasião da abertura do terceiro congresso dos «kolkhozianos» é tão sombrio como realista. O secretário-geral do partido falou efectivamente do «sistema kolkhoziano» como de uma «grande conquista histórica». **Mas disse também que era indispensável ver os defeitos da agricultura soviética** «eliminá-los em tempo desejável, corrigir os nossos planos e o nosso trabalho».

As observações do primeiro secretário do P. C. incidiram sobre uma série de domínios. No plano geral, primeiro, verificou que as condições naturais desfavoráveis fizeram com que as colheitas deste ano não fossem alem do nível da média dos quatro anos anteriores (isto é, uns 150 milhões de toneladas).

Quanto aos investimentos na agricultura, «*não fizemos tudo quanto tinhamos intenção de fazer*», disse Brejnev. O aumento da superfície das terras cultivadas é, ele também, um «*grande problema do Estado*» cuja importância ele se vê ainda hoje «na obrigação» de lembrar. A mecanização também não está a operar-se de maneira satisfatória, porque as máquinas existentes nem sempre são bem utilizadas, por falta de quadros qualificados em número suficiente. As críticas mais severas recaíram na pecuária — que é, há muito, um dos pontos fracos da agricultura soviética. «*Este ramo*», disse Brejnev, *ainda não satisfaz plenamente as necessidades da população*». O nível de equipamentos das explorações agrícolas é muito baixo. Presta-se uma atenção insuficiente á forragem e seu armazenamento. A alimentação do gado é «sèriamente descurada» algumas empresas deixam mesmo diminuir o numero de cabeças, etc.

A denuncia dessas insuficiências, Brejnev somou uma série de apelos para uma melhor disciplina de trabalho, maior precisão, maior organização nas tarifas da agricultura, além de apelos aos camponeses para que tomassem consciência da sua «alta responsabilidade moral».

Por ALAIN JACOB

Exclusivo «Le Monde»-«D. L.»

● Um largo uso dos estimulantes

Estas afirmações chocaram sobretudo, pelo tom grave com que as coisas foram ditas e pelo silêncio em que foram escutadas.

Brejnev não parece ter julgado que a hora fosse de um qualquer triunfo: a sua exposição lembrava a de um presidente-director-geral ao pessoal de uma empresa, vasta, sem duvida, mas cuja actividade deixa bastante a desejar.

O congresso, após debates, deverá adoptar os novos estatutos dos *kolkhozes* para substituir a antiga carta, que já tem 30 anos.

Um dos pontos mais importantes do novo estatuto é o reconhecimento do *kolkhoze* como um forma permanente, «acabada» de exploração agrícola socialista. Nem sempre assim foi, e Estaline, em 1952, atribuia-lhes um valor meramente provisório, denunciando o carácter semiprivado dessas cooperativas agrícolas e o obstáculo que esse carácter constituía para uma planificação total da economia. Esta maneira de ver persistiu por muito tempo. Brejnev voltou ao assunto em Outubro de 1968, especificando que não havia a intenção de substituir uma forma de economia socialista por outra, «*mas sim o de reforçar e desenvolver, por todos os meios, uma e outra.*» Contudo, uma vez mais constatava que continuavam a ser dadas «*ordens oficiais para a transformação de um grande numero de* kolkhozes *em* sovkhozes».

Tais práticas prejudicavam inevitàvelmente a qualidade do trabalho e lesavam o entusiasmo dos kolkhozianos que estariam pouco dispostos a empenhar-se a fundo na melhoria da sua exploração para depois, no futuro, virem a ser transformados em simples empregados de uma exploração agrícola do Estado. Foi para dissipar essa incerteza que os *kolkhozes* se apresentaram hoje como *empresas cooperativas demoráticas geridas independentemente*» a quem a terra é confiada gratuitamente «*por um tempo ilimitado.*»

Quanto aos métodos de exploração, os novos estatutos pouco dizem, a não ser que o *kolkhoze* sujeito ás obrigações do plano deve funcionar em autonomia constante e «*fazer um largo uso dos estimulantes morais e materiais*». Contudo não se chegou ao ponto de recomendar a extensão de uma experiência tentada em 1966, na região de Voronej e que consistiu em confiar a uma duzia de camponeses, dotados do material necessário, a responsabilidade total das culturas, numa superfície de 750 hectares. Os resultados foram brilhantes no plano dos rendimentos e gabados, mais tarde, na Imprensa soviética. Mas houve quem receasse, ao mesmo tempo que esses métodos, dando uma autonomia de acção a grupos tão reduzidos, favorecessem o renascimento de uma mentalidade de «proprietário». E a experiência de Voronej não foi práticamente evocada nas ondas de artigos que, há meses, vêm precedendo o congresso dos kolkhozianos.

Pelo menos, agora os *kolkhozes*, reconhecidos oficialmente como «*uma forma de economia socialista inteiramente adaptada ao desenvolvimento das forças produtivas do campo*» podem sentir-se seguros de uma estabilidade duradoura e ter a garantia de que no futuro se manterão essas estruturas no interior das quais os camponeses podem sentir-se ligados á terra.

Nota do dia

PERGUNTAR E RESPONDER

HÁ PALAVRAS QUE MERECEM ser sublinhadas. Não para desabridamente se decidir que nelas está ou nelas falta o que desejamos, mas para uma tentativa de análise do seu verdadeiro conteúdo ou, pelo menos, para a interpretação ou a busca do que nelas possa caber. Sublinham-se hoje aqui as que pronunciou ontem o subsecretário de Estado do Planeamento Económico ao abrir-se o colóquio promovido pelo Centro de Estudos de Planeamento da Presidência do Conselho e em que estão presentes mais de uma centena de especialistas da matéria ocupando posições nos sectores público e privado.

Quais são essas palavras? São precisamente aquelas em que se procura definir o que sejam as finalidades da reunião: «contribuir para um planeamento objectivo, coerente e eficaz ou, o que é o mesmo, para que a comunidade nacional seja capaz de formular um projecto de construção do seu futuro que dê tradução às aspirações de progresso dos Portugueses e a cada um razões claras e suficientes para participar numa obra verdadeiramente comum de desenvolvimento económico e social». Parece não ser preciso procurar muito. Está ali encontrada, numa síntese fácil, a fórmula onde toda a gente pode fazer caber a sua.

Trata-se de contribuir, pois, etc., para «uma obra verdadeiramente comum». Para desencadear o curso dos trabalhos formulou o dr. João Salgueiro quatro linhas de pensamento valendo por outras tantas hipóteses de trabalho que são, segundo disse, «algumas das possíveis opções de fundo definidoras da economia e da sociedade que desejamos construir». «Mutatis mutandis», elas são bastante próximas ou, mesmo distantes, bastante paralelas do questionário que, sob vários aspectos, aqui mesmo por várias vezes se tem formulado como oferta à meditação do País.

A coincidência não é ocasional. Menos ainda é premeditada. Apenas significa que, quando as pessoas se põem a pensar nas coisas que nos interessam a todos, despojando o raciocínio de roupagens circunstanciais, se fixam naturalmente na essência de alguns pontos tão essenciais como decisivos. E aí é fácil. O que é que se pretende? Quais são as finalidades? Continua a ser fácil. O que é que se pretende? Desenvolvimento. Qual desenvolvimento, em que direcção, com que ritmo? Pois aí se responde com qualquer coisa em que se envolva a ideia do que for justo. E daí por diante?

Daí por diante pode continuar a cadeia de interrogações para que até parece fácil ou pelo menos possível ir encontrando respostas adequadamente admissíveis por toda a gente. As dúvidas intercalam-se quando começa a perguntar-se como. Aí é o método, são as prioridades, é a política que é preciso definir. Nós próprios, quando daqui se oferecem interrogações, esperamos com certeza uma resposta. Esperamo-la naturalmente de quem governa, mas esperamo-la também de quem deseja ser bem governado, pois uns e outros somos igualmente interessados e devemos ter bem a consciência disso.

Desta vez é o Governo que pergunta. Não será, porventura, à espera que lhe ensinem o caminho que nas suas linhas gerais deve já estar apontado. Mas é um tactear de ambiente, parece-nos que um salutar desejo de comunicação, um aferir de desejos, de necessidades e possibilidades, ao mesmo tempo também o fomentar um interesse pelos problemas e uma consciência deles que gerem o ambiente possível para se concretizar alguma obra. Mas esperam-se as respostas, esperam-se as sugestões, porventura os ajustamentos. E aí cabe, parece-nos, a aceitação de crítica. Quem for capaz de a fazer que tente. É a sua contribuição.

Discutir temas como o desenvolvimento relativo aos consumos, a igualização das oportunidades oferecidas, as condições de livre expressão, de criação individual ou de participação activa, ou ainda o aproveitamento dos espaços e a implantação espacial urbana e das actividades produtivas, tudo isso é esboçar a configuração do desenho dentro do qual podem mover-se os ímpetos do nosso futuro, entendendo-se que na palavra futuro há-de caber sempre a ideia de progresso. O dr. João Salgueiro fala numa perspectiva de vinte anos. Há dois ou três dias falava-se aqui do que é possível esperar numa década...

SEGURO DE FELICIDADE

Disse a presidente honorária do Clube das Pinguins:

— Minhas amigas reunimo-nos em assembleia geral para discutir o problema da felicidade. Convenhamos desde já e antes de entrar na ordem dos trabalhos, que não trataremos o tema no seu ponto de vista filosófico. Isso seria mera perda de tempo! O que nos importa de imediato é a felicidade conjugal e procurar a forma de a prolongar indefinidamente.

Será isso um impossivel? Sempre foi nosso lema não admitir impossíveis. Todo o brilhante caminho percorrido pela nossa ilustre agremiação é o testemunho mais cabal de que não há impossíveis quando neles estamos empenhadas. O Clube das Pinguins encontra-se na vanguarda de todos os movimentos feministas. Fomos nós que divulgámos o trajo de grande «toilette» a todas as horas e em qualquer circustância; nós que, após séculos de escravização ao ninho, impusemos e conseguimos o direito de ir pessoalmente em busca dos petiscos do nosso agrado; nós ainda, embora arrostando com todas as incompreensões familiares e contrariando todos os movimentos reaccionários, que afirmámos o direito de escolha pelo coração. Escolhemos livremente os nossos companheiros, provemos á nossa subsistência, alteramos os padrões morais: tudo isto fizemos e muito mais podemos fazer porque o futuro está nas nossas mãos...

A oradora, arrastada pelo fogo da sua verbe admirável, deteve-se depois num pormenor da evolução social das pinguins: comprimento das penas. E, após uma série de encadeamentos de causa e efeito, prosseguiu:

— Outrora, a passividade era tida como característica dominante dos pinguins. E hoje, o que verificamos? Hoje, a pinguim confirma diáriamente uma extraordinária capacidade de luta, espírito de iniciativa, poder inventivo, a tal ponto que o sexo masculino se mostra alarmado.

Passando depois á análise das reacções dos pinguins á transformação das suas companheiras disse a ilustre presidente do clube:

— Nós que tanto fizemos para melhorar e dignificar a nossa maneira de estar no mundo, não podemos por uma infantil reacção masculina deixar que se perca esse bem estar-moral, a segurança, enfim, a felicidade que resulta de sermos esposas e mães. Proponho, por isso, para terminar, que procuremos em conjunto solução para o mal-estar social que se gerou da inadaptação masculina.

Após longo debate, a presidente do clube voltou a usar da palavra para anunciar solenemente as medidas que convinha de imediato tomar e disse:

— Segundo todas concluimos, não é fácil garantir a cada uma de nós o prolongamento indefinido da felicidade. Mas podem ser tomadas medidas; sim, podem ser tomadas medidas sobretudo como forma de indemnização da perda da felicidade perdida. Ficará, pois, exarado em acta, que todas as pinguins ao contrair matrimónio, terão direito a um seguro de felicidade conjugal, com todas as despesas a cargo do marido. Tenho dito.

A oradora foi muito aplaudida.

ANTÓNIA DE SOUSA

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

NOVAS TARIFAS PARA AS VIÁGENS AÉREAS ATRAVÉS DO ATLÂNTICO

CARACAS, 11 — (F. P.) — A conferência da Associação Internacional do Transporte Aéreo (IATA), reunida — nesta cidade — desde 18 de Novembro, chegou a um acordo quanto ás tarifas das viagens nos itinerários através do Atlântico.

As reduções dos preços dizem respeito aos voos entre o continente americano, por um lado, e a Europa, o Médio Oriente, a África e a índia, pelo outro.

Além disso, a duração de estado para as tarifas de excursão foi prolongada de 14/21 dias para 28 dias, e as tarifas por grupo de 80 pessoas foram muito reduzidas. Foi estabelecida uma tarifa nova para as excursões de 29 a 45 dias.

As novas tarifas entrarão em vigor entre 1 de Março de 1970 e 31 de Março de 1971, depois de aprovação pelos vários governos interessados.

Eis alguns exemplos (viagens de ida e volta) quanto ao Atlântico Norte: de Londres a Nova York, 250 dólares; a Montreal, 233; a San Francisco ou Los Ângeles, 427. De Nova York a Shannon, 200 dólares; a Roma, 300; a Paris, 275; a Lisboa, 250 (cerca de 4000$00 — excursões de 14 a 28 dias); a Atenas, 359.

Para os grupos de 80 pessoas as tarifas são consideràvelmente reduzidas: de Nova York a Shannon, 170, a Paris, 175; a Zurique, 180; a Atenas, 300; etc.

Homenagem ao presidente do Município de Estremoz

ESTREMOZ, 11. — O presidente da Câmara desta cidade, dr. Luís Pascoal Rosado, foi homenageado, ontem á noite, com um jantar no refeitório da Escola Industrial.

O repasto reuniu mais de cem pessoas.

Aos brindes usaram da palavra diversos oradores, que puseram em relevo as qualidades e a obra do homenageado.

HOTÉIS DE TURISMO

Foi tornada extensiva, a título prévio, ás obras de ampliação em curso a declaração de utilidade turística da Estalagem do Cerro, em Albufeira; e é prorrogado o prazo para conclusão das obras do Hotel de Turismo de Espinho, naquela vila.

DE ONTEM PARA HOJE

HOMENAGEM AO PROF. EUGÉNIO TROPA

Faleceu há um ano o prof. Eugénio Tropa, catedrático da Escola Superior de Medicina Veterinária e director-geral dos Serviços Pecuários. Por tal motivo, foi prestada á sua memória significativa homenagem, numa sessão que levou á Sociedade de Ciências Veterinárias algumas centenas de médicos da especialidade. Presentes, ainda, a viuva e filhos do homenageado. Falaram o dr. Inácio dos Santos, presidente da direcção da Seciedade, e o sr. Joaquim Portugal, director da Estação Zootécnica Nacional, este encarregado do panegírico do homenageado. O orador traçou a biografia do prof. Eugénio Tropa, desde o tempo de estudante, mostrando como ele se não limitava a receber os ensinamentos raros na sua Escola e procurava obter mais, para o que frequentou a Faculdade de Medicina e outros centros de investigação, como o Instituto Camara Pestana. Referiu-se á sua acção nos Serviços Pecuários do Porto, onde fez escola e historiou a sua vida de cientista e investigador, que o levou a conquistar a cátedra na Escola Superior de Medicina Veterinária, onde se formara. Disse que o prof. Tropa não era mestre só na sua Escola, pois, devido ao dom natural da comunicabilidade, só se sentia bem quando transmitia aos outros algo do seu muito saber. Assim, afirmou, era mestre em todo o lado onde se encontrava, fosse junto de quem fosse. Referiu, ainda, o que foi a sua acção na Direcção-Geral dos Serviços Pecuários, e terminou afirmando que, em Eugénio Tropa «todos nós perdemos um amigo; a classe veterinária um dos seus mais destacados mestres; a Ciência, um dos mais apaixonados cultores; e o País, um dos seus mais esforçados obreiros».

MÉRITO CORPORATIVO

As qualidades de trabalho e a competência como dirigente sindical do sr. Alberto Augusto Tavares (há 42 anos ao serviço do Cinema Odeon) foram exaltadas, durante uma homenagem que decorreu no Sindicato Nacional dos Profissionais de Cinema e em que lhe foi imposta a medalha de cobre de Mérito Corporativo.

MATOU O COLEGA

Um desentendimento no trabalho pôs frente a frente os fundidores metalurgicos Maximino Alves Gomes, de 48 anos, e Vítor Manuel da Costa Duarte, de 18, ambos casados. Foi em Paços de Brandão. E tão violenta foi a rixa que o primeiro caiu morto, atingido na cabeça por uma pá.

HOMENAGEM A DEPUTADOS

Os deputados representantes dos círculos beirões foram homenageados durante um jantar, na Casa das Beiras, a que presidiu o dr. Veiga de Macedo, estando presentes os ministros das Corporações e da Saude e Assistência.

INTOXICADO

Como não tivesse comparecido ao emprego, colegas procuraram na residência, em Colmeias, o operário Francisco Martins Sena, de 46 anos, natural de Comparca. Foram encontrá-lo morto, no quarto cheio de fumo Deve ter sucumbido a intoxicação, provocada por fogo que se pegou ao colchão por adormecer enquanto fumava

PALÁCIO DE BELÉM

O sr. Presidente da República recebeu, no Palácio Nacional de Belém, os ass. deputado José Vicente de Abreu, do círculo de Portalegre; eng.º Agnelo Galamba de Oliveira; dr. António Pinto Basto, e esposa; Luís C. Lupi; Prudêncio José Proença Duarte, dr. Diogo Proença Duarte e eng. Alvaro Pinto Correia; e Sérgio Geraldes Barba.

CENTENÁRIO DA COVILHÃ

Uma delegação da Covilhã, tendo á frente o governador civil de Castelo Branco, foi recebida pelo Chefe do Estado, a quem convidou para visitar aquela cidade nas comemorações do centenário, as quais se iniciam no Domingo de Páscoa.

INCÊNDIO

Cerca de 40 toneladas de madeira arderam durante um violento incêndio que se declarou na Caixotaria Império, Ld.ª, no Pátio do Pisaleiro, 42, perto da igreja de Santos-o-Velho. Os prejuízos são elevados.

ANTIGOS ALUNOS

O sr. almirante António Thomaz é o sócio numero um da nova Associação dos Antigos Alunos do Liceu Pedro Nunes, cujos corpos gerentes tomaram agora posse: assembleia geral — presidente, dr. Mário Neves; vice-presidente, dr. Pedro Monteiro Maury; 1.º secretário, eng.º Vasco Blanco Lupi; 2.º secretário, dr.ª D. Eva de Jesus Ferreira; secretários substitutos, dr.ª D. Maria Isabel Monteiro Alves e eng.º João Mascarenhas Falcão. Direcção — presidente, dr. Manuel Paulino Gomes Junior; vice-presidente, dr. José António Tavares; secretário, Manuel da Cunha Pereira; tesoureiro, eng.º Pedro dos Santos Afra; vogal, Jorge Dias de Figueiredo; suplentes, D. Alda do Carmo Prata, João Belo Ortigão Ramos e arq. Mário António Monteiro Martins. Conselho fiscal — presidente, eng.º Manuel Alves da Silva; secretário, dr. João Pires Dinis; vogal, dr. Pedro de Sousa Holstein Beck; suplentes, dr.ª D. Maria Luísa Pacheco Ribeiro Rosa e dr. João Narciso Furtado.

RECORTAR ESTE ANÚNCIO COMPLETO, PREENCHER DE FORMA LEGÍVEL, ASSINALAR OS QUADRADOS CORRESPONDENTES AOS LIVROS, À REPRODUÇÃO-BRINDE E À MODALIDADE DE PAGAMENTO ESCOLHIDOS E REMETER A EDITORIAL INOVA/PORTO PRAÇA GUILHERME G. FERNANDES, 38/OU RUA JOSÉ FALCÃO, 82

OFEREÇA A SI PRÓPRIO
GRATUITAMENTE
UMA REPRODUÇÃO DE ARTE PRÓPRIA PARA EMOLDURAR
ADQUIRINDO ATÉ 31 DE DEZEMBRO DE 1969
POR 20, 50 OU 100$00 MENSAIS
ALGUNS DOS ÊXITOS DE 1968/69

☐ Biblioteca Universitária Inova / O Humanismo no Renascimento / 70$00
☐ Biblioteca Universitária Inova / Economia Paises Subdesenvolvidos / 70$00
☐ Biblioteca Universitária Inova / A Educação no Mundo Moderno / 70$00
☐ Biblioteca Universitária Inova / A Biologia do Trabalho / 70$00
☐ O Espião que veio de Israel / Ben Dan / 40$00
☐ Bonnie & Clyde / Miriam Allen deFord / ilustrado / 50$00
☐ Asas de Israel / Ben Dan / ilustrado / 50$00
☐ Os Médicos Malditos / Christian Bernadac / 50$00
☐ Os Médicos do Impossível / Christian Bernadac / 68$00
☐ Regresso à Suástica? / Lord Russel of Liverpool / ilustrado / 65$00
☐ Daqui Houve Nome Portugal / Antologia sobre o Porto / 2.ª ediç. / 135$00
☐ F. G. Lorca / Trinta e Seis Poemas e Uma Aleluia Erótica / 2.ª ediç. / 60$00
☐ Rainer Maria Rilke / Elegias de Duino e Sonetos a Orfeu / 70$00
☐ Dossier do Conflito Israelo-Árabe / Prefácio de Jean-Paul Sartre / 140$00
☐ Ruy Luis Gomes / Problemas de Investigação e História / 45$00
☐ Magia Negra e Magia Branca (Magia e Religião) / Sokovieds / 45$00
☐ Eugénio de Andrade / Os Afluentes do Silêncio / ilustrado / 55$00
☐ Óscar Lopes / Ler e depois — Crítica e Interp. Literária-I / 2.ª ediç. / 75$00
☐ António José Saraiva / Inquisição e Cristãos-Novos / 3.ª edição / 60$00
☐ Fernando Guimarães / A Presença e o Aparecimento Neo-Realismo / 70$00
☐ Armando Castro / Ensaios sobre Cultura e História / 70$00
☐ Óscar Lopes / Modo de Ler — Crítica e Interpretação Literária-II / 80$00
☐ Marta de Lima / Um Dia São Dias / Prémio Almeida Garrett 1968 / 50$00
☐ Manuel Silva Ramos / Os Três Seios Novélia / Prémio A. Garrett 1968 / 45$00
☐ Michael Ferrell / Para além das Lágrimas / 120$00
☐ Papiniano Carlos / Terra com Sede / 2.ª edição / 55$00
☐ Vergílio Ferreira / Aparição / com 12 ilustrações de Júlio Resende
1.º Prémio na X Bienal Internacional de São Paulo 1969 / 450$00
☐ Sá Colmbra / Eva / 40$00
☐ Eugénio Andrade / Eros de Passagem / Desenhos José Rodrigues / 120$00
☐ Almanaque Infantil / Fernando Pires de Lima / ilustrado / 70$00
☐ H. Silva Letra / A Palavra Fascinante / 45$00
☐ Presença de Abel Salazar / ilustrado / 40$00
☐ Mário Sacramento / Eça de Queirós, Uma Estética da Ironia / 40$00
☐ António José Saraiva / As Ideias de Eça de Queirós / 45$00
☐ Lucinda Araújo / Nunca mais Amanhece / Poemas / 25$00
☐ Selecção Culinária / Margarida Noémia / Mais de 1000 receitas / 300$00
☐ Enciclopédia Empresa Moderna/Organiz. Geral e Metodol. Empresa/80$00
☐ Enciclopédia Empresa Moderna / Organiz. Contabilística Financeira / 80$00
☐ Enciclopédia Empresa Moderna / Organização da Produção / 80$00
☐ Enciclopédia Empresa Moderna / Organização Fabril / 80$00
☐ Enciclopédia Empresa Moderna / Crédito às Empresas e os Bancos / 80$00

Reprodução de Arte / Brinde de Natal, a escolher:
☐ Abel Salazar ☐ Alvarez ☐ António Cruz ☐ Armando Alves ☐ Augusto Gomes ☐ Dórdio Gomes ☐ Eduardo Viana ☐ Júlio Resende ☐ Pousão

Desejo receber os livros e a Reprodução de Arte/Brinde de Natal (1) assinalados nos quadrados correspondentes.
☐ Contra-reembolso (sem mais encargos)
☐ Crédito Inova, a pagar.....(2) por mês
Nome .....
Endereço .....
.....
Profissão (3) .....
Local de trabalho (3) .....
(nome da firma e endereço)
.....
(1) Esta Reprodução de Arte / Brinde de Natal destina-se exclusivamente às aquisições superiores a 200$00.
(2) Indicar a prestação mensal que deseja pagar (20, 50 ou 100$00, conforme o valor dos livros não ultrapasse 200, 500 ou 1 000$00). Os portes e despesas de cobrança são de conta do cliente.
(3) Estas indicações são necessárias sòmente para o sistema de Crédito Inova.
[PARA O ULTRAMAR, OS ENVIOS SÃO EFECTUADOS CONTRA-REEMBOLSO]

«DIÁRIO DE LISBOA»

Fizeram transcrições do «Diário de Lisboa» ou referências ao nosso jornal os prezados colegas: «Comércio do Funchal», «Jornal do Fundão», «Diário do Alentejo», de Beja; «Diário do Ribatejo», de Santarém; «Democracia do Sul», de Évora; «Cardeal Saraiva», de Ponte de Lima e «O Setubalense», de Setubal.

uma escolha de mestre

Aprenda este segredo secular, o segredo da perfeição. Aprenda a desejar o melhor dos sabores. Aprenda a conhecer o whisky que passará a ser o seu whisky.

TEACHER'S Highland Cream

o mestre entre os whiskies

BB Soc. Com. Blandy Brothers (Lisboa) Lda.
R. Victor Cordon, 31-1.º — Telef. 36 65 51

O Festival do Cinema Amador

abre amanhã em Aveiro

com larga presença de concorrentes

AVEIRO, 11 — Celebra-se amanhã, como anunciámos, o I Festival de Cinema Amador, promovido pelo C.A.T., de Paula Dias, desta cidade, que durará três dias. Concorrem 24 cineastas do continente e do ultramar, que apresentam um total de 47 filmes, cuja pré-selecção termina esta noite.

Haverá as seguintes categorias: Documentário, Enredo, Fantasia, Animação e Abstracto ou Simbólico, e será atribuído um grande prémio ao filme mais pontuado, havendo, além de outros galardões, os troféus de ouro, prata e bronze, para os três primeiros classificados em cada categoria.

As projecções far-se-ão no salão de festas daquela unidade industrial, na Rua Comandante Rocha e Cunha, e o festival encerrar-se-á com um jantar, no domingo, á noite, para distribuição de prémios, no qual tomará parte, também, o chefe do distrito.

Resolução de importantes problemas citadinos

Parece que, finalmente, veremos resolvidos, de uma vez para sempre, os instantes problemas dos acessos rodoviários citadinos e do saneamento. A Câmara Municipal, pela voz do seu presidente, sr. dr. Artur Alves Moreira, já falou aos representantes dos órgãos de Informação sobre o andamento dos estudos daqueles acessos, que tanta tinta têm feito correr — ao mesmo tempo que muitas iniciativas têm gorado —, pois toda a problemática urbanística não só da cidade, mas dos arredores, encontrou-se, por vezes, quase num beco sem saída. Daí incidirem sobre o Município muitas malquerenças, quando este, no entanto, tudo tem feito para acelerar o problema e da melhor maneira, pois muitas soluções apresentadas, a serem aceites pela edilidade, não serviriam, de modo algum, os nossos legítimos anseios de expansão e modernidade. Finalmente, vislumbra-se um desfecho rápido e ao sr. ministro das Obras Públicas, que em breve nos visita, tudo lhe será apresentado para um caminhar mais rápido do início das obras.

Ainda no respeitante a acessos, a Câmara Municipal tomou conhecimento de que o estudo urbanístico e o projecto respeitante ás obras de urbanização a poente da Avenida Salazar mereceram aprovação superior, o que irá possibilitar acção da Câmara naquela zona da cidade. Entretanto, e quanto ao saneamento da cidade, foi entregue a uma firma da especialidade a construção de câmaras ejectoras, pela importância de 1697 contos, incluindo já o rebaixamento freático, tendo em conta o novo projecto, que foi remodelado.

NO CASINO ESTORIL, DIA 17

«OS 5 AVISOS DE SATANÁS» EM ANTESTREIA DE GALA

É já no próximo dia 17 que, no Casino Estoril, a Ibérica Filmes e Francisco Castro (com o patrocínio da Sociedade Estoril-Sol) apresentam, em antestreia de gala, o filme português «Os 5 avisos de Satanás», num espectáculo a que assiste o Chefe do Estado e cuja receita reverte para o fundo assistencial da Casa da Imprensa. «Os 5 avisos de Satanás» é uma película realizada por José Luís Merino segundo a obra de Jardiel Poncela, com destacada interpretação de Américo Coimbra, Madalena Iglésias, Luís Filipe, Cristina Galbo, Artur Fernandez e Eduardo Fajardo. «Trata-se de um filme que poderá, realmente, marcar o reinício das coproduções, interrompidas após uma série de fracassos mais ou menos estrondosos — **disse-nos Américo Coimbra, sublinhando: «Os 5 avisos de Satanás»** tem enredo romântico e foi totalmente rodado a cores e em cinemascope». **Na imagem: Américo Coimbra e Cristina Galbo.**

teatro VARIEDADES

ÀS 20.45 e 23 H. — Adultos
DOMINGO «MATINÉE» ÀS 16 HORAS

GIUSEPPE BASTOS
e VASCO MORGADO
APRESENTAM

A REVISTA POPULAR DE GRANDE ESPECTÁCULO

Peço a palavra!

ORIGINAL DE PAULO DA FONSECA, CÉSAR DE OLIVEIRA, ROGÉRIO BRACINHA E MÚSICA DE JOÃO NOBRE E CARLOS DIAS

COM

AIDA BAPTISTA ● CARLOS COELHO ● ELOINA SPINA ● MAX ● ANITA GUERREIRO

HELENA CARDINALI ● VÍTOR ESPADINHA ● MARIANO FRANCO ● A GRANDE ATRACÇÃO NACIONAL

ANTÓNIO CALVÁRIO

UM SENSACIONAL «BALLÉT» INTERNACIONAL

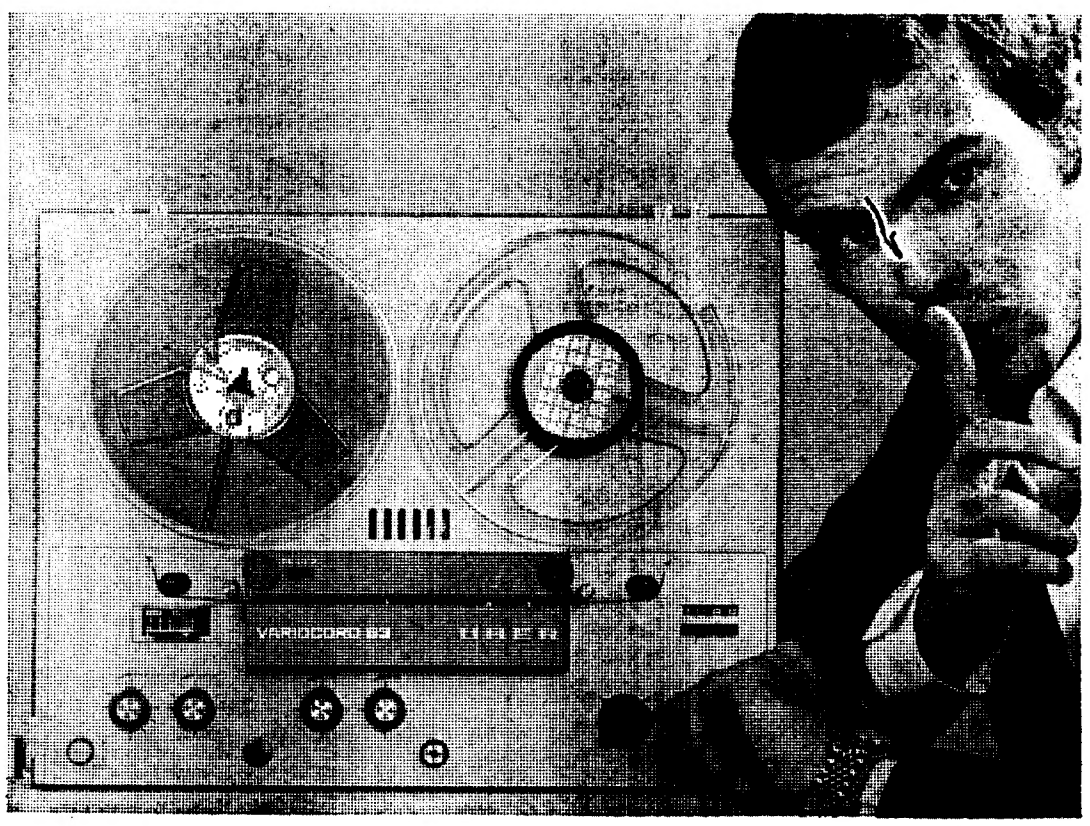
CAPITÓLIO
Tel. 320379
ÀS 21.45 H.
O PECADO DE JOÃO AGONIA
de B. SANTARENO
Um extraordinário espectáculo apresentado pela Companhia do TEATRO NACIONAL D. MARIA II
— Adultos —
Sábado e Domingo Tarde às 16 horas

GIL VICENTE — Cascais Telef 280919
TEATRO EXPERIMENTAL DE CASCAIS
JUNTA DE TURISMO DA COSTA DO SOL
APRESENTA ÀS 22 HORAS
EUNICE MUÑOZ interpretando ARRABAL
com SANTOS MANUEL, VITOR DE SOUSA e CARLOS PAULO
Trad ANTONIO BARAHONA DA FONSECA
Encenação CARLOS AVILEZ
— DOMINGO «MATINÉE» ÀS 16 HORAS —
—Este espectáculo será apresentado exclusivamente em Cascais—
SUBS. FUNDO TEATRO — FUNDAÇÃO GULBENKIAN — ADULTOS

Agora o gravador para toda a gente

NOVO!

LATINA



UHER VARIOCORD 63:
o gravador das 4 variantes

Grave e ouça em sua casa música, a voz de parentes ou amigos, etc. Em 2 ou 4 pistas (2 cabeças fàcilmente intermutáveis), com ou sem automático, o UHER VARIOCORD 63 dá-lhe a verdadeira Alta Fidelidade em gravação e reprodução, de acordo com as exigentes normas Alemãs de HI-FI.

Outras vantagens ainda: um moderno comparador de tensão da fita magnética que proporciona uma surpreendente constância de velocidade; possibilidade de mistura de fontes sonoras; 3 velocidades; funcionamento vertical ou horizontal.

Escolha UHER! Gravadores desde 4790$00

UHER

a mais alta técnica de gravação

ROBERT BOSCH (PORTUGAL) LDA: LISBOA - PORTO

PAVILHÃO DOS DESPORTOS

AMANHÃ

LUTA LIVRE AMERICANA

Última e irrevogável sessão, para fecho condigno da temporada de 1969.

UMA NOVIDADE: pela 1.ª vez em Portugal a luta que está revolucionando o Japão

«BONDE 6»

(todos contra todos)

— 6 lutadores em «ring», DESCAMPS, CHAUSSON, JAYMERY, GALLARZA, PERUANO e ALVAREZ, cada um combatendo por si e sem quaisquer ajudas de outro e com eliminação, conforme vão caindo para fora do «ring», formando-se depois 3 provas, por ordem de saída, que disputarão outros tantos combates formais.

Venda de bilhetes na Agência dos Restauradores.

A exemplo das anteriores, esta sessão não será TELEVISIONADA.

KID MAX e CYCLONE recusaram-se a combater na luta a quatro, ambos dizendo que a «questão» é deles próprios e não de «terceiros».

Portanto, a empresa teve que ouvir á pretensão dos dois famosos lutadores, que irão defrontar-se num combate em que não haverá tréguas e através do qual pairará toda a incerteza do momento crítico que originou esta rivalidade sem par.

O combate CYCLONE-KID MAX só terminará por um «K. O.» ou por abandono de um dos contendores, mas em estado de completa inferioridade.

O árbitro não pode dar outra decisão!

Quem não esteve no Pavilhão na passada 3.ª-feira e deixou de assistir ao combate CYCLONE-KID MAX, que surgiu de um imprevisto, não pode faltar amanhã, para ser testemunha da maior desforra de todos os tempos.

TODA A LISBOA COMENTA ESTE SENSACIONAL COMBATE, QUE SURGIU DE UM ACASO.

M/ 17 ANOS

Vai haver bailado no Teatro Maria Matos

Nos próximos dias 20, 21, 25 e 28 do mês corrente e no dia 1 de Janeiro, haverá espectáculos de bailado no Teatro Maria Matos.

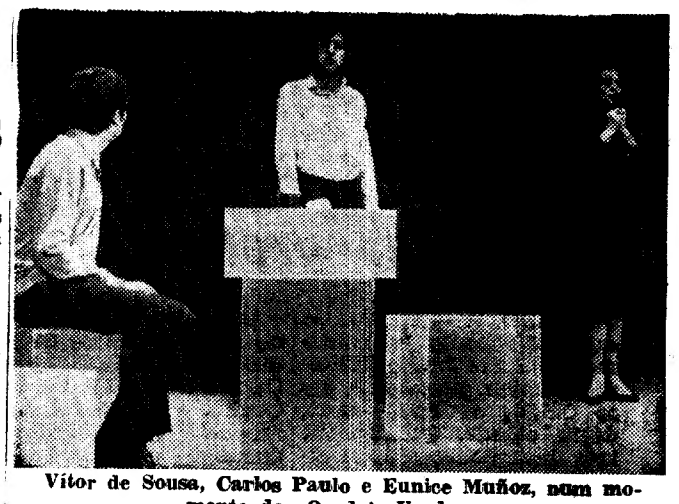
Anna Mascolo apresentará, naquelas datas, o seu Grupo de Bailado, constituído por alguns dos melhores artistas do nosso País. Interpretará um interessante programa de Natal, constituído por «contos e fantasias coreográficas».

A estes espectáculos, que decorrerão á tarde, podem assistir crianças a partir dos seis anos.

É particularmente oportuna a apresentação do Grupo de Bailado de Anna Mascolo na época festiva do Natal, quando os mais jovens estão em férias e, portanto, podem, com mais facilidade, estar presentes nos espectáculos que o Teatro Maria Matos oferece dentro de dias.

Entretanto, «Tombo no Inferno» continua a apresentar-se, todas as noites, ás 21 e 45, e aos sábados e domingos também ás 16 horas. No sábado, haverá mais uma tarde popular, com preços reduzidos, e no domingo será concedido o desconto especial de 50 por cento a todos os jovens dos 17 aos 21 anos.

Dada a programação estabelecida pelo Teatro Maria Matos, a peça «Tombo no Inferno» entra em ultimas semanas de representações, para dar lugar aos espectáculos com «A Relíquia», de Eça de Queiroz, numa adaptação de Artur Ramos e Luís Sttau Monteiro.



Vítor de Sousa, Carlos Paulo e Eunice Muñoz, num momento de «Os dois Verdugos»

ARRABAL EM CASCAIS – SÓ MAIS QUATRO DIAS

São só mais quatro os dias de representação de Arrabal, pelo Teatro Experimental de Cascais. Carlos Avilez, o responsável do T.E.C. como deste êxito da sua jovem companhia, envidou todos os esforços para que o público não perdesse «Oração» e «Os dois Verdugos», peças cuja linguagem é directa como uma pedrada, cruel na sua simplicidade.

No «Gil Vicente» prossegue, pois, um êxito que o público compreende e aplaude. Eunice Muñoz e Santos Manuel mantêm um nível de representação extraordinária, na primeira das duas peças (um drama místico): um homem e uma mulher que procuram um novo interesse, um novo entusiasmo, através de uma nova vida. Sem grandes resultados. Eunice volta a ponto alto em «Os dois Verdugos», bem secundada pelos jovens Carlos Paulo e Vítor de Sousa. As figuras movem-se entre os belos cenários concebidos por Noronha da Costa.

Recintos de diversões

- ★ Regressada de Paris, já se encontra em Lisboa a cantadeira Arminda da Conceição.
- ★ Estrou-se na «Lisboa à noite» a cantadeira Alice Maria.
- ★ Deve chegar, dentro em breve, a Lisboa o acordeonista António Mestre, há muito radicado no Brasil.
- ★ Tristão da Silva encontra-se a trabalhar na casa típica «A Tipóia».

Uma História de "Suspense". Uma História Comovente.
Uma História de Violência. Uma História de Amor.
Uma História de Guerra. Uma História dum Elefante.
Uma História de Aventuras. Uma Super-História.

MICHAEL J. POLLARD: — LEMBRAM-SE DELE EM «BONNIE E CLYDE» e «VÊM AÍ OS RUSSOS... VÊM AÍ OS RUSSOS»?...

Eu sou o Herói!

OLIVER REED • MICHAEL J. POLLARD

SÃO JORGE — PROGRAMAÇÃO RANK

HOJE ÀS 21.30 ESTREIA

A GRANDE AVENTURA DE HANNIBAL

"Hannibal Brooks"

UM ESPECTÁCULO DA MAIS RARA QUALIDADE!

UM FILME DE **MICHAEL WINNER**

12 anos

história MICHAEL WINNER e TOM WRIGHT argumento DICK CLEMENT e IAN LA FRENAIS produtor e realizador MICHEL WINNER música FRANCIS LAI A Scimitar Films Production

COR DELUXE **United Artists**

Teatro Maria Matos

AV. FREI MIGUEL CONTREIRAS (à av. ROMA) TELEF. 717017

ÀS 21.45 H. — ADULTOS

ÚLTIMAS SEMANAS

a corajosa peça de AQUILINO RIBEIRO

TOMBO NO INFERNO

realização de **Igrejas Caeiro** que iniciou na presente temporada a campanha de reconquista do público para um **TEATRO PORTUGUÊS AUTÊNTICO**

COLISEU

HOJE, ÀS 21.30

Maiores 12 anos

GRANDE COMPANHIA INTERNACIONAL DE CIRCO

As maiores atracções

ULTIMOS DIAS

Sábado, á noite, podem assistir crianças a partir dos 6 anos

Artes plásticas

Muito visitada a exposição de gravuras portuguesas em Paris

PARIS, 11 — (E.) — A exposição de gravuras portuguesas, patente no Centro Cultural Português da Fundação Calouste Gulbenkian, está a registar um êxito sem precedentes. Durante a primeira semana mais de 1000 pessoas tiveram oportunidade de apreciar os 80 trabalhos de 50 artistas portugueses, entre os quais Almada Negreiros, Jorge Barradas, Carlos Botelho, Abel Manta, Bartolomeu Cid, Navarro Hogan, etc.

Entre as personalidades que ali estiveram contam-se as pintoras Maria Helena Vieira da Silva e Simonne Tiersonnier, os conhecidos críticos de arte Raymond Cogniat, Michel Senphor, Monique Ditierre, Frank Elgar, José Augusto França, Egídio Álvaro, Janine Warnod, muitos professores, estudantes, gravadores franceses, etc.

O «Figaro», pela pena de Sabine Marchand, escreve, a propósito da exposição: «Conjunto valioso de gravuras, que faz desta exposição uma prova de bom gosto», ao mesmo tempo que cita os nomes de Almada, Hogan, Abel Manta, Bartolomeu Cid, etc.

A exposição manter-se-á aberta, diàriamente, das 14 ás 19 horas, até ao dia 20.

CINECLUBE DE BEJA

BEJA, 11 — No Cine-Teatro Pax Julia, o Cineclube local promove, no dia 17, ás 21 e 30, a sua 215.ª sessão ordinária. Será exibido o filme «Ao cair da noite», de Karel Reisz.

HELENA TAVARES no fado «Quando a Noite Vem»

• A REVISTA DO ÊXITO está no MARIA VITÓRIA

ONDE GIUSEPPE BASTOS E VASCO MORGADO APRESENTAM

ÀS 20.45 e 23 HORAS

ESPERTEZA SALOIA

DOMINGO «MATINÉE», ÀS 16 HORAS

ADULTOS

UM ESPECTÁCULO DE GARGALHADA, COM:

• SALVADOR • JOSÉ VIANA • MARIEMA • BARROSO LOPES • DORA LEAL

VÍTOR MENDES • DINA MARIA • CRISTINA CASSOLA

A ATRACÇÃO NACIONAL A ATRACÇÃO FILIPINA

• HELENA TAVARES • «THE MELODIES»

À FRENTE DE UMA GRANDE COMPANHIA

UMA ESPANTOSA HISTORIA -ALTAMENTE SECRETA- SÓ AGORA REVELADA!

MIRISCH FILMS

"SUBMARINO X-1"

COM JAMES CAAN DAVID SUMNER NORMAN BOWLER realiz. WILLIAM GRAHAM arg DONALD SANFORD e GUY ELMES

hist. JOHN C. CHAMPION e EDMUND NORTH prod. ex. IRVING TEMANER

prod. JOHN C. CHAMPION COLOR DeLuxe United Artists

AVIS ESTREIA AMANHÃ ÀS 21.30 12 ANOS

ESTUDOS MOBILIÁRIO

UMA SIMPLES FORMALIDADE PODE DECIDIR O SEU FUTURO!

Também pode organizar a sua vida com base no crédito. Seja para realizar um «sonho» antigo, para melhorar o seu nível familiar ou concretizar aspirações a um trabalho independente. Consulte o nosso serviço de **CRÉDITO FAMILIAR.** Diga-nos o que pretende e preencha o formulário que pomos à sua disposição. Esta é a única formalidade... uma simples formalidade que pode decidir o seu futuro.

CRÉDITO FAMILIAR

pali

BPM

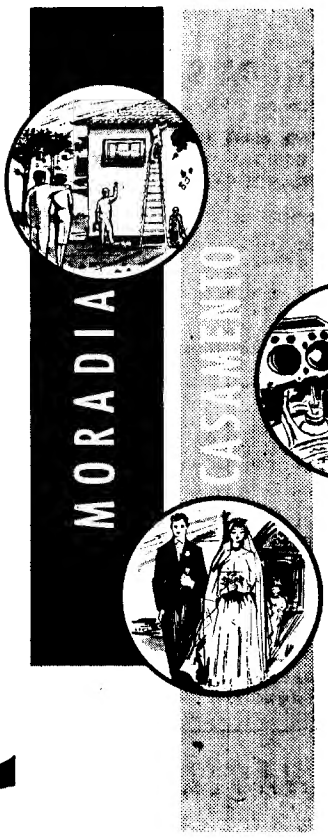
ORGANIZAÇÃO BANCÁRIA

PINTO DE MAGALHÃES

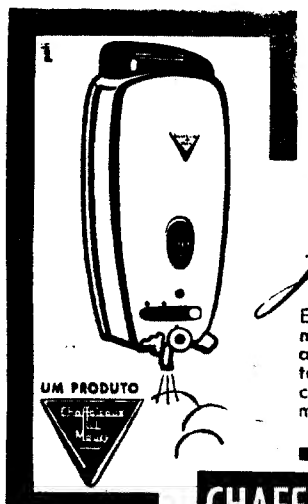
PORTO — RUA SÁ DA BANDEIRA, 53 LISBOA — RUA DO OURO, 95

O CRÉDITO FAMILIAR BPM não é um serviço novo. É um dos muitos serviços que há alguns anos colocamos ao dispor do público e que no seu conjunto fazem de BPM uma organização moderna e dinâmica, sempre na vanguarda das realizações bancárias.

AGÊNCIAS E CORRESPONDENTES EM TODO O PAÍS E NO EXTERIOR



MORADIA CASAMENTO OFICINA



ÁGUA QUENTE?

COM CHAFFOTEAUX *já está!...*

Económicos na compra e no consumo, seguros e elegantes na sua apresentação compacta, os esquentadores a gás CHAFFOTEAUX aquecem a água rápida e silenciosamente. Prefira também...

ESQUENTADORES

UM PRODUTO

CHAFFOTEAUX ET MAURY

DISTRIBUIDORES GERAIS: Frigel

PORTO: RUA DE SÁ DA BANDEIRA, 712 — TELEF. 21257/8

LISBOA: AV. INFANTE SANTO, 72 — TELEF. 661431/444

a METALÚRGICA da LONGRA LDA, abriu

móveis longra internacional

R. da Escola Politécnica 82A-LISBOA

mobiliário e equipamento para a habitação

inicia as suas colecções com habitat 70 em associação com Manuel Souza Braga e Filhos, Lda.

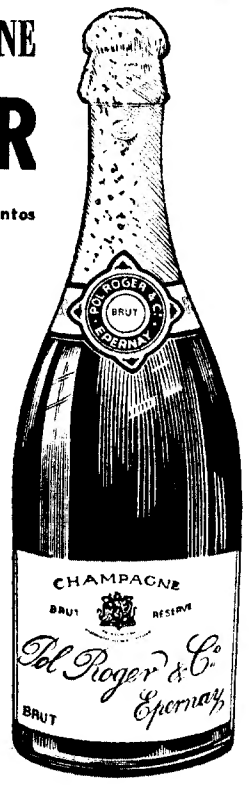
O FAMOSO CHAMPAGNE

POL ROGER

Está presente nos grandes momentos

POL ROGER usa o Brasão da Casa Real Inglesa

Em todas as recepções de carácter mundial é o POL ROGER que marca os maiores Triunfos.



ÚNICO AGENTE EM PORTUGAL

CASA
J. CÂNDIDO DA SILVA
Fundada em 1940

A ORGANIZAÇÃO MAIS COMPLETA NO RAMO DE BEBIDAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS

LISBOA — Avenida de Berna, 42-A — Tel 760 94 - 176340
PORTO — Rua de S. Luís, 12 a 22 — Tel PPC 2825/2/3/4 e 37045
COIMBRA — Rua Dr António José de Almeida, 273 a 277 Tel 27477

ATRÁS DO REPOSTEIRO

- *Já embarcou em Luanda, com destino a Lisboa, a companhia de que é titular a actriz Laura Alves.*
- *No Teatro Maria Matos, continuam os ensaios da peça «A Relíquia».*
- *Só deve ser estreada em Março a nova revista dos Parodiantes de Lisboa.*
- *Devem começar, dentro de dias, no Teatro Laura Alves, os ensaios da peça «O Barão».*
- *Diz-se que a próxima revista a apresentar no Teatro Variedades é da autoria de Aníbal Nazaré e António Cruz.*

A HOMENAGEM A MIRITA

Muitas têm sido as adesões à segunda parte do espectáculo de homenagem a Mirita Casimiro, que um grupo de artistas amigos resolveu realizar, na próxima segunda-feira, ás 21 e 45, no Monumental. Na primeira parte representar-se-á o original de Henrique Santana «Os elefantes não sentem as pulgas». Entre muitos artistas, colaboram nesta festa Florbela Queirós (presentemente a trabalhar no Sá da Bandeira no Porto), Nicolau Breyner, Fernanda Amaro, Paulo Jorge, óscar Acúrsio e Paulo Renato. Os bilhetes para este espectáculo encontram-se á venda nas bilheteiras do Teatro Monumental.

«FORJA» — ÊXITO NO LAURA ALVES

Trata-se de um belo e emocionante espectáculo de teatro a peça «A Forja», em representação no Laura Alves. Constitui uma homenagem á memória de Alves Redol, admirável figura humana e literária.

A encenação é de Jorge Listopad e o desempenho está a cargo de Carmem Dolores, Jacinto Ramos, Sinde Filipe, Manuela de Freitas, António Montez, Norberto de Sousa, Maria Margarida, Luís António e o pequeno Alexandre Careto.

Aos estudantes é proporcionado o desconto de 50% no preço dos bilhetes.

«O LAR PORTUGUÊS»

RESTAURANTE TÍPICO

RUA DA BARROCA, 133 — TELEF. 36 97 60

HOJE ADULTOS

O LAR PORTUGUÊS festeja o 6.º ANIVERSÁRIO bem como o seu proprietário e artista

JOSÉ BORGES

GRANDIOSA NOITE DE FADO E FOLCLORE
INÚMERAS SURPRESAS!...
ANTÓNIO BESSA e FERNANDO REIS
— OS GUITARRISTAS!
AUGUSTA ERMIDA — CECÍLIA DE JESUS e FILIPE DUARTE, NO FADO!
«CONJUNTO TÍPICO PORTUGAL A CANTAR»
(NO FOLCLORE)
E

JOSÉ BORGES
(EM FADOS E BALADAS DE COIMBRA)

HOTEL DOM CARLOS

A reputação do nosso RESTAURANTE é feita pelos seus próprios clientes. A par da cozinha internacional há sempre uma especialidade portuguesa á sua disposição.
AMANHÃ AO ALMOÇO:
BACALHAU À MODA DO CHEFE
AV. DUQUE DE LOULÉ, 121 — TEL. 53-90 71 — LISBOA

Depressa, tome Rennie!

O SEU EXTINTOR DE BOLSO

Indigestão, azia, excesso de ácidos...
Você sente o estômago a arder!
Depressa! Uma pastilha Rennie
e apague imediatamente esse ardor!
Uma segunda Rennie,
dissolvida lentamente na boca,
assegura-lhe um alívio duradouro!
Rennie não precisa de água
e tem agradável sabor!
Rennie
Força digestiva!

Notícias dos Estúdios

- A peça de Luiz Emílio Calvo Sotelo, um dos vencedores do prémio «Lope de Vega 1968», «La Zanja», que ainda não foi estreada, já recebeu ofertas de duas firmas produtoras de cinema.
- A película «A Celestina» foi designada para representar a Espanha no concurso aos «óscares» da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood. «A Celestina» foi realizada por Cesar Fernandez Ardavin e interpretada por Julian Mateos, Elisa Ramirez e Amelia de la Torre.
- A actriz Monica Vitti, premiada recentemente com o «Globo de Oiro Italiano», vai interpretar uma nova película de Antonioni.
- Proveniente de Roma, chegou a Madrid, por via aérea, o actor Burt Lancaster, que pouco depois prosseguiu para Málaga, aonde vai participar na película «Que venha o Valdés».

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

NOVO CASINO ESTORIL

SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS
DAS 15 ÀS 3 HORAS
"SLOT MACHINES"
ACESSO LIVRE
MAIORES DE 21 ANOS

DIANA COLE
vedeta da canção e da TV inglesa

SINO
ilusão e fantasia

LIDIA RIBEIRO

DORISS DANCERS
DO "MOULIN ROUGE" DE PARIS

CONJUNTO BOBY CAMPOS com ERIKA HOLM

FILARMÓNICA FRAUDE

FERRER TRINDADE e sua orquestra

no grande salão restaurante às 23.30h m/17 anos — no wonder bar à 1.00h m/21anos

TAMARA KISS
SÓ NO WONDER BAR

NO CINEMA, às 17 e 21.30
UM HOMEM... E MUITAS MULHERES
(M. 17 anos)

O DIREITO DE INSTRUÇÃO CONTRADITÓRIA

— tema de uma intervenção na Assembleia Nacional

Na sessão de hoje da Assembleia Nacional, prosseguiu na ordem do dia a discussão da Lei dos Meios para 1970, tendo, como no dia anterior, falado da tribuna seis deputados: Ricardo Horta, Eleutério Aguiar, Oliveira Dias, Pinto Machado, Malafaia Novais e Teófilo Frazão.

No período antes da ordem, o deputado Correia da Cunha leu um requerimento a pedir elementos sobre as contas da ponte de Vila Franca de Xira e o dr Sá Carneiro, que considerou indispensável rever a legislação processual penal, que respeita ao exercício do direito de não ser privado da liberdade. E acentuou o dr. Sá Carneiro:

«Mas enquanto essa reforma não surge, e não cabe aqui detalhar as razões da sua necessidade bastando pensar em como é longo o período legal de prisão sem culpa formada, é indispensável que sejam observadas com rigor exemplar as actuais garantias.

Refere-se-lhes o n.' 10.º, do art.º 8.º da Constituição, mencionando o direito de haver instrução contraditória, dando-se aos arguidos, antes e depois da formação da culpa, as necessárias garantias de defesa.

Uma delas é a consignada no art.' 279.º do Código de Processo Penal, integrado no capítulo que regula a prisão do arguido.

De harmonia com esse preceito, o interrogatório do arguido preso será sempre feito com a assistênvia de advogado constituído ou de defensor oficioso.

É evidente a razão de ser do preceito: a presença do advogado ou defensor oficioso é uma garantia essencial da defesa, destinada a preservar o arguido de toda e qualquer coacção física ou moral, que tem igualmente por fim assegurar a genuidade das suas declarações e a lisura das perguntas.

Em qualquer país livre do mundo civilizado a presença do advogado em todo e qualquer interrogatório do arguido preso é direito indeclinável do suspeito e meio eficaz de obviar as prepotências e violências por parte das autoridades instrutórias.

E se casos há em que, mediante subterfugios, o exercício de tal direito é obstruído, ou iludido, nem por isso lhes deixam de ser considerados, denunciados e punidos como abusos que são.»

A lei deve ser cumprida

E a concluir disse aquele deputado:

«Mas o certo e que, unânimemente reconhecido esse direito que a lei expressamente consagra, o seu exercício tem sido sistemàticamente negado da prática da instrução preparatória: o arguido, que pode chegar a estar preso durante seis meses sem culpa formada, é interrogado pelo instrutor as vezes que este entender sem a assistência de advogado ou defensor. Esta manifesta ilegalidade com os abusos a que pode dar lugar tem sido denunciada não poucas vezes, designadamente em valiosas comunicações feitas na Ordem dos Advogados e em estudos doutrinários.

A gravidade da situação criada em assunto tão sério como é o das garantias de defesa do arguido, legitimaria só por si o uso imediato da iniciativa legislativa em ordem a pôr-lhe termo, designadamente através da lei interpretativa Mas, porque o que se está em causa não é tanto o regime legal como a actuação dos órgãos da administração, entendo que o primeiro passo a dar para resolução do assunto, sem prejuizo de a ele voltar se necessário, é o de chamar a atenção do Governo para a necessidade de pôr rápidamente termo a uma prática ilegal que afecta gravemente os direitos das pessoas e o prestígio da autoridade.

Qualquer que seja o crime e a autoridade competente para o instruir é indispensável e urgente que se assegure, nos termos legais, a assistência do advogado ou defensor em todos os interrogatórios dos arguidos presos. Ficam, pois, a aguardar-se as providências que o Governo entenda dever decretar para que a lei seja imediatamente cumprida.»

EM S. BENTO

★ A Assembleia Nacional, na sua primeira semana de trabalhos, continua a bater «records» de presenças. Ontem responderam á chamada 108 deputados. E houve numerosas intervenções: seis, só na ordem do dia isto é, a propósito da Lei de Meios para 1970.

•

★ *A nova mesa (como se sabe, presidida pelo eng.º Amaral Neto, e secretariada pelos srs. drs. Soares Pereira e Mota Amaral) parece ter particular cuidado em que seja lido todo o expediente, prática que não era regra em legislaturas anteriores.*

★ Antes da ordem do dia, além de dois requerimentos a pedir informações diversas, falou, da tribuna, o sr almirante Armando Roboredo, para elogiar o feito das viagens á Lua. «Julgo que nos devemos congratular por terem sido americanos» — acentuou. E propôs que a Assembleia manifestasse ao Congresso dos Estados Unidos o seu apreço pelo cometimento

★ *A Câmara aprovou a proposta por unanimidade. Um deputado, entretanto, comentara em voz baixa: «Mas porquê da tribuna?».*

★ Entre as intervenções de antes da ordem do dia, teve interesse o que disse o sr. dr. Teodoro Sousa Pedro, criticando a manutenção das barreiras alfandegárias entre o Continente e as Ilhas, «anacronismo difícil de compreender». E referiu-se a outros problemas comuns ao resto do País, como o baixo nível de vida das populações rurais.

★ *No período destinado á ordem do dia, falaram os deputados prof. Almeida Garrett, dr. Correia da Cunha, dr. Fernando de Sá Viana Rebelo, eng.º Almeida e Sousa, dr Moura Ramos e eng.º Rocha Lacerda.*

O ESTADO DE SAÚDE DE JOSÉ RÉGIO

Mantém-se estacionário o estado de saude de José Régio que, depois de ter experimentado sensíveis melhoras, piorou bastante nos ultimos quatro dias. Segundo informação que colhemos junto do médico assistente do grande escritor e poeta, apesar deste agravamento não é alarmante a sua situação clínica.

José Régio foi acometido de grave crise cardíaca há cerca de dois meses, na sua casa de Vila do Conde, onde se encontra.

VIDA POLÍTICA

● **Ministro das Obras Públicas**

O sr. ministro das Obras Públicas visita, amanhã, zonas do Centro do País, onde decorrem trabalhos dependentes do seu departamento.

O sr. eng.º Rui Sanches observará diversas obras em curso em Coimbra e no concelho de Oliveira do Hospital.

Mercês honoríficas

Foram condecorados com a medalha militar de prata de serviços distintos, com palma os srs. primeiros-tenentes Luís Gonzaga de Oliveira Bacharel e António Luís Sarmento Coelho e segundo-tenente Manuel Maria de Meneses Pinto Machado.

Administração de Propriedades
BANCO DO ALENTEJO

BANCO FONSECAS & BURNAY
o banco para toda a gente

Pol Roger

LEGÍTIMO E AFAMADO
CHAMPANHE FRANCÊS
DE DELICIOSA QUALIDADE-EXTRA
APRECIADO NO MUNDO INTEIRO

AGENTES:

COSTA PINA & VILAVERDE, LIMITADA

Rua do Bonjardim, 420 — PORTO

Telefones: 26562 - 32228 - 35221 e 24943

J. A. DA COSTA PINA, LDA.

[illegible] Alecrim, [illegible] — LISBOA

Telefones: P P C 32 00 31/4

Estuda-se a criação na Murtosa de uma nova escola do ciclo preparatório

MURTOSA, 11. — Pelo Plano de Actividades e Bases do Orçamento da Camara Municipal para o ano de 1970, prevê-se uma receita aproximada de 1870 contos, verificando-se o progressivo aumento das receitas do Município, nos ultimos três anos. O cômputo aproximado das despesas a efectuar, incluindo os pagamentos a diversas entidades por consignação de receitas, orça por 1900 contos; a despesa extraordinária, relativa a comparticipações e subsídios do Estado, ascende a 1700 contos. Às juntas de freguesia, nos termos legais, serão dados os subsídios para expediente e outros para obras, gastos directamente pela Camara consoante as suas mais instantes necessidades, ou pelas próprias juntas, computando-se essa atribuição em cerca de 100 000$

Propõe-se a Camara levar a efeito diversas obras, desde que lhe não faltem as comparticipações do Estado e não se agravem as dificuldades económicas e técnicas do momento que se atravessa, e tanto têm dificultado o bom andamento dos trabalhos municipais. No respeitante a obras de viação rural, encontram-se discriminadas as seguintes: construção do C. M. 1932 (150 contos); construção do C. M. da Formiga, comparticipada com 100; reparação geral de estradas 150); reconstrução da estrada da Insua, com 100; conclusão do C. M. 1398 com 100; e reconstrução da estrada de S. Tomé, com 80.

No respeitante a melhoramentos urbanos, contam-se os seguintes: na Torreira, abertura e ensaibramento de ruas (300 contos); colocação de betuminoso nas existentes (100); obras no Parque de Campismo (60); abertura da rua que ligue a Avenida Marginal Duarte Pacheco á Rua da Saudade (200); na Murtosa, iniciação do arruamento do hospital á Murtosa (100 contos); reparações nos edifícios escolares (20); reparação do matadouro do mercado «Tavares Gravato» (30); pavimentação e valorização urbana de arruamentos na sede (70); idem nas freguesias do concelho (60); aquisição de terrenos para o novo mercado (700), urbanização do cais da Torreira (60); construção de passeios na Avenida de Santo António do Monte (50); conclusão da Rua do Dr. Carrão (50); reconstrução da Rua Alípio Portugal (200) e reconstrução do caminho da Saldida (150)

O Município propõe-se estudar a criação de uma escola do ciclo preparatório, construir um novo edifício escolar na Saldida e um nas Quintas do Norte, na Torreira; o ajardinamento do Largo da Assembleia, na Torreira e na construção de parques de estacionamento, também naquela localidade.

Aos Serviços Municipalizados de Electricidade, caberá a beneficiação e remodelação das cabinas de transformação e a modernização do sistema de iluminação nas seguintes ruas: Avenida Marginal Duarte Pacheco, na Torreira; novos arruamentos nesta praia; na Avenida de Santo António do Monte; na Estrada Nacional 109-5, do Monte ao Esteiro e na Rua Dr. Oliveira Salazar ao Bico.

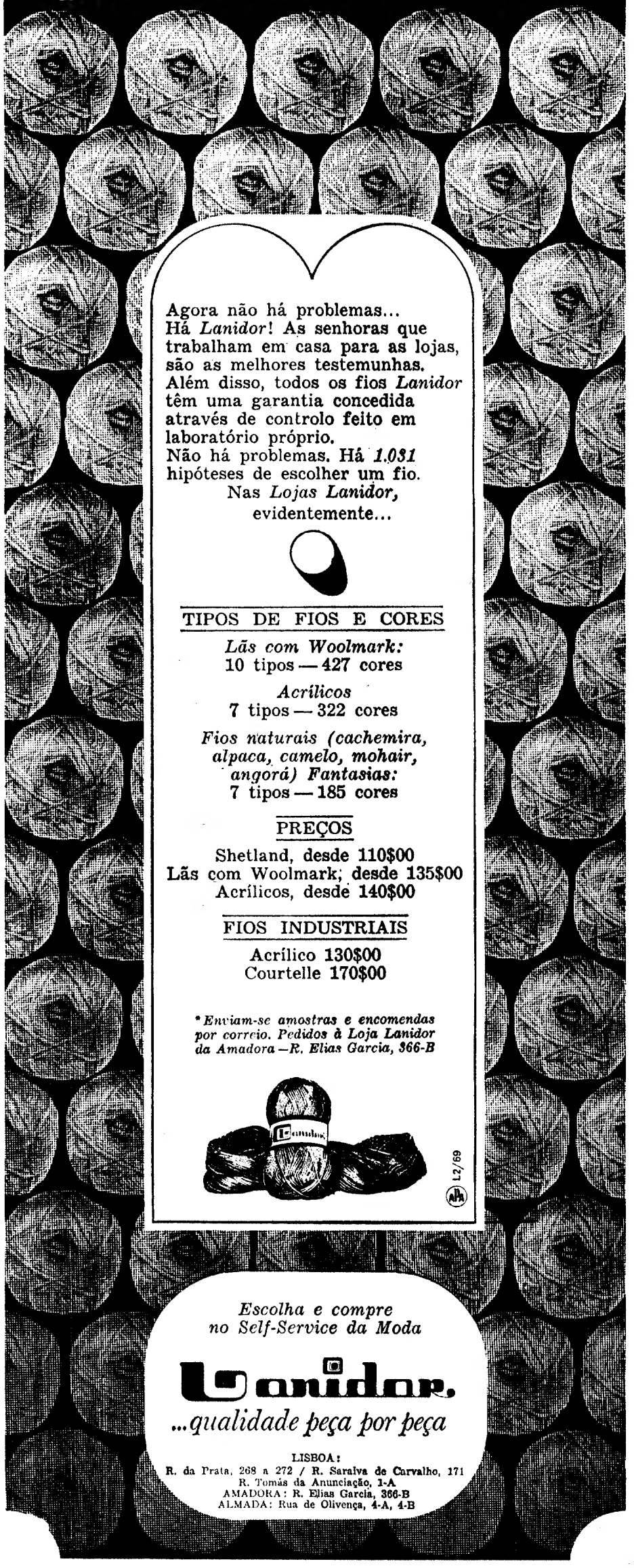
ESCOLA DO CICLO PREPARATÓRIO EM ALCAINS

ALCAINS, 11 — Uma comissão de Alcains, constituída pela Junta de Freguesia, Casa do Povo, Vigário, Direcção da Albergaria e alguns elementos representativos das actividades económicas desta freguesia, avistou-se com o governador civil do distrito de Castelo Branco, a fim de solicitar a sua interferência, com vistas á criação de uma Escola de Ciclo Preparatório em Alcains.

A pretensão é absolutamente legítima, pois trata-se de uma localidade que marca posição de relevo, na província da Beira Baixa, pela sua população e pelo seu labor agro-pecuário e industrial. Há ainda a considerar que a satisfação desta aspiração de grande projecção para o futuro beneficia também diversas freguesias vizinhas, como Escalos de Cima, Lardosa, Lousa, Póvoa Rio de Moinhos e Tinalhas.

A iniciativa conta com uma frequência inicial de 330 alunos, mas em curto prazo deve ultrapassar meio milhar. Ainda por cima, o terreno para a construção deste empreendimento já foi oferecido pelo sr. José dos Reis Sanojes.

1.031
hipóteses
para escolher um fio:



Agora não há problemas...
Há *Lanidor*! As senhoras que trabalham em casa para as lojas, são as melhores testemunhas.
Além disso, todos os fios *Lanidor* têm uma garantia concedida através de controlo feito em laboratório próprio.
Não há problemas. Há *1.031* hipóteses de escolher um fio.
Nas *Lojas Lanidor*, evidentemente...

TIPOS DE FIOS E CORES

Lãs com Woolmark:
10 tipos — 427 cores

Acrílicos
7 tipos — 322 cores

Fios naturais (cachemira, alpaca, camelo, mohair, angorá) Fantasias:
7 tipos — 185 cores

PREÇOS

Shetland, desde 110$00
Lãs com Woolmark; desde 135$00
Acrílicos, desde 140$00

FIOS INDUSTRIAIS

Acrílico 130$00
Courtelle 170$00

Enviam-se amostras e encomendas por correio. Pedidos à Loja Lanidor da Amadora — R. Elias Garcia, 366-B

L2/69

Escolha e compre no Self-Service da Moda

Lanidor.

...qualidade peça por peça

LISBOA:
R. da Prata, 268 a 272 / R. Saraiva de Carvalho, 171
R. Tomás da Anunciação, 1-A
AMADORA: R. Elias Garcia, 366-B
ALMADA: Rua de Olivença, 4-A, 4-B

ora diga-nos...

— Já leu este ano algum romance português?

Parece que é já possível concluir que foi baixa a produção dos ficcionistas portugueses, durante este ano. Mas enquanto não vem a opinião dos «especialistas» nos habituais balanços de fim-de-ano, nós perguntamos ao leitor como vão as suas preferências no respeitante a literatura de ficção.

● *O sr. Francisco João Mourata do Carmo, desenhador de ar condicionado, respondeu sem hesitar:*

— Ainda não li nenhum...

— E romances estrangeiros?

— Também não.

— Lê pouco, portanto...

— Sim, devido á escassez de tempo. E, depois, preciso mas é de ler revistas e livros relacionados com a minha profissão. Além disso, só um ou outro livro de História.

● *O sr. Manuel Mateus, chefe de vendas de máquinas gráficas, também não é muito dado a romances:*

— Não... Nem portugueses nem estrangeiros.

— Não gosta de ler sr. Mateus?

— Gosto. Mas a minha profissão obriga-me a ler coisas técnicas, de modo que não tenho tempo para romances

— Nunca leu nenhum?

— Já. Costumo ler um ou dois por ano, mas este ano, que me lembre, não li nenhum. Ou até talvez tiveses lido ..

● *Por último, respondeu o sr. Horácio Paulo Costa Bandeira, agente comercial que, a avaliar pelas suas respostas, lê tantos romances que...*

— Já li, pois claro Tantos que, de momento, talvez nem possa responder...

— Recorda-se, pelo menos, do nome dos autores?

— Recordo: li vários de Alves Redol, de Ferreira de Castro, de Aquilino Ribeiro... E de romancistas estrangeiros também, como de Steinbeck, Remarque, Jorge Amado ..

— Quer dizer que lê muito ..

— Um bocadinho Depende do tempo e do dinheiro para comprar livros.

1.º CURSO DE HEMATOLOGIA PARA PÓS-GRADUADOS

Organizado pela Cadeira de Propedêutica Médica e Semiótica Laboratorial da Faculdade de Medicina de Lisboa e pelo Núcleo de Estudos Clínico-Hematológicos do Instituto de Alta Cultura, de que é director o prof Ducla Soares, com a colaboração do Laboratório Central de Hematologia e dos Serviços de Medicina Interna e Pediatria do Hospital de Santa Maria, vai realizar-se, de 15 a 20 do corrente, o 1.º Curso de Hematologia para pós-graduados sobre leucocitopatias

Este curso compreende lições e mesas-redondas sobre alguns assuntos de interesse na patologia da «série branca», casos clínicos, exemplos da mesma patologia, e demonstrações laboratoriais que focam o diagnóstico citológico das referidas afecções.

As lições e as mesas-redondas realizam-se na Aula Magna da Faculdade de Medicina de Lisboa, e as demonstrações no Laboratório Central de Hematologia do Hospital de Santa Maria

As lições são proferidas pelos profs. Ducla Soares catedrático de Propedêutica Médica e Semiótica Laboratorial da Faculdade de Medicina de Lisboa; Carlos Sacchetti, catedrático de Semiótica Médica da Universidade de Génova; e M. Boiron, director do Laboratório de Hematologia experimental do «Institut de Recherches sur les Maladies du Sang» e professor agregado da Faculdade de Medicina de Paris.

Os casos clínicos são apresentados pelos Serviços de Clínica Médica, Patologia Médica, Propedêutica Médica, Terapêutica Médica e Pediatria, de que são directores, respectivamente, os profs. Arsénio Cordeiro, Frederico Madeira, Ducla Soares, Fernando de Pádua e Carlos Salazar de Sousa

Realizam-se duas mesas-redondas sobre agranulacitose e leucemia aguda. São moderadores os profs. Carlos Sacchetti e M. Boiron, com a colaboração dos drs Óscar Candeias, J. Nápoles Sarmento, Evaristo Ferreira, A. Palma Carlos e Francisco Parreira. As demonstrações citomorfológicas são feitas pelos profs. Carlos Sacchetti e Francisco Parreira e pelos drs. Maria do Pilar Gomes e Vítor Nunes.

O curso abre com uma alocução inaugural, a cargo do respectivo director, prof. Ducla Soares, no dia 15, ás 11 horas, seguindo-se a primeira lição, sobre «Fisiopatologia da granulocitopoiese».

PRESENTES
PRESENTES
PRESENTES
PRESENTES
PRESENTES

PARA TODOS

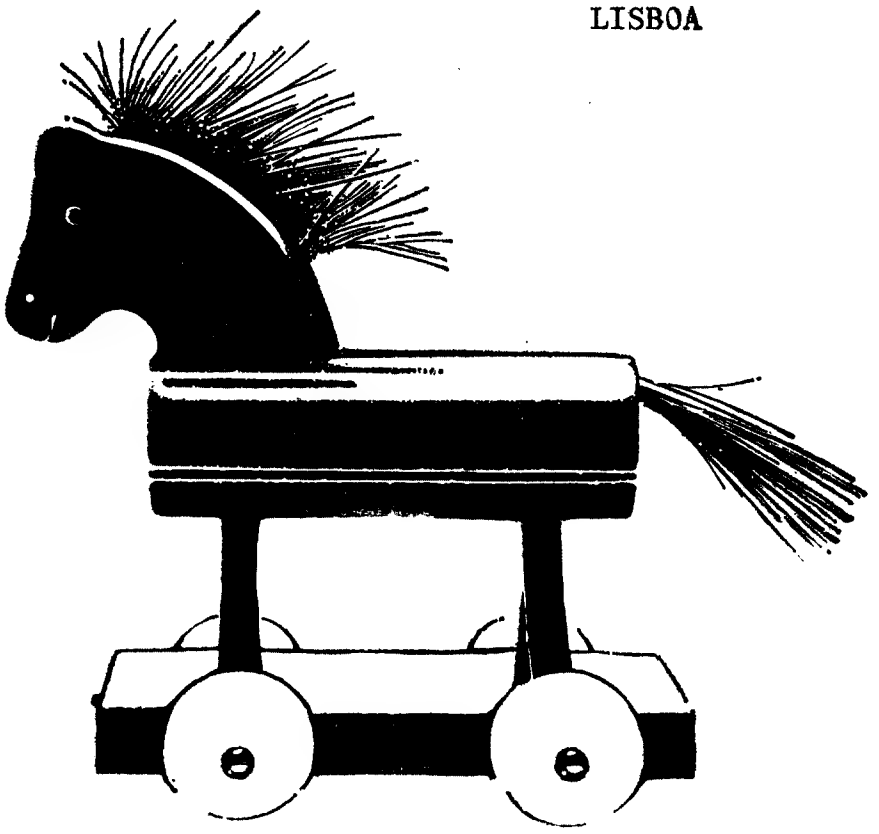
KALINKA

RUA SAMPAIO E PINA, 1-C
LISBOA
RUA CASTILHO, 171-A

no Natal ofereça o futuro

No Natal
assegure o futuro dos seus.
Ofereça-lhes um
TITULO DE OCUPAÇÃO.
Por 1.111$10
adquira a 1ª prestação
do seu Título
que lhe rende imediatamente 8%.
Este poderá ser pago
em 36 prestações.
Se desistir
da compra do Título
não perde o seu dinheiro.
TORRALTA adquire-lhe a sua posição
acrescida dos juros
a que tiver direito.

TORRALTA
UM LUGAR PARA SI
UMA SOCIEDADE PARA TODOS
Av. Duque de Loulé 66-A
LISBOA



apt

Regressou de Angola o ministro do Ultramar

— Na população, seja qual for a etnia, são cada vez mais vivos os sentimentos patrióticos, a fé no futuro, o desejo de progresso e a confiança no Governo, e mais firme e devotada a dedicação ao Chefe do Estado e ao senhor Presidente do Conselho.

Estas palavras foram hoje de madrugada proferidas pelo ministro do Ultramar no seu regresso de Angola, para onde partira há uma semana.

A aguardá-lo no aeroporto estavam, entre outras individualidades, os subsecretários de Estado da Administração Ultramarina e da Administração Escolar, governador-geral de Cabo Verde, agente geral do Ultramar e directores-gerais da Segurança e da Cultura Popular e Espectáculos.

Na sua breve exposição o prof. Silva Cunha referiu ainda ter tratado, com os governadores-gerais de Angola e Moçambique (o dr. Rebelo de Sousa deslocara-se entretanto a Luanda) alguns «assuntos de interesse comum com o objectivo de definir orientação para preparar projectos de reformas destinados a dar maior maleabilidade e eficiência á administração e aos serviços provinciais, para poderem melhor corresponder ao que o progresso dos territórios deles exige».

A TAP CRIOU OS «PRÉMIOS VASCO DA GAMA»

Associando-se ás comemorações do 5.º centenário do nascimento de Vasco da Gama, a administração da TAP acaba de instituir uma série de prémios (viagens a Moçambique e Nova York) com o nome do navegador, e destinados a três alunos do curso de História, igual número de licenciados em Matemáticas e um finalista da Escola Naval, estes últimos referidos ao ano lectivo de 1968-1969.

Os três alunos de História (José Manuel Moura de Mesquita, de Lisboa; Francisco Fortunato de Queirós, do Porto; e José Carlos Seabra Pereira, de Coimbra) partem no próximo domingo para Lourenço Marques, devendo os restantes premiados (dr.ª Isabel Maria Seruca, Maria Teresa Resende Dias, Isabel Maria Neves Zuzarte e cadete Artur Albuquerque Ferreira da Silva) seguir para Nova York no dia 17

O INFANTICÍDIO DE VILA PRAIA DE ÂNCORA

VILA PRAIA DE ÂNCORA, 11. — Chega hoje á noite a esta vila o marido de Rosa Pires Vilanova, infanticida de 21 anos descoberta pela G. N. R. local e detida desde ontem na cadeia de Caminha após confissão do crime. Fernando Oliveira Pereira, pedreiro do vizinho lugar de Vilarinho, embarcara há dois anos para a Guiné, já casado. Regressa agora com uma notícia triste á sua espera.

O caso, deslindado pelo primeiro-cabo Amorim, da G.N.R., resume-se nisto: Rosa Vilanova engravidara na ausência do marido e subitamente apareceu sem sintomas de gravidez, o que fez nascer a suspeita de um infanticídio. Interrogada, simulou a princípio ter estado com uma doença, mas acabou por confessar o crime e indicar o local onde enterrara o recém-nascido, aliás uma menina, que ela matara por estrangulamento.

Pormenor a acrescentar: uma irmã de Rosa registou hoje a criança, dando-lhe o seu nome.

EXERCÍCIOS DE FOGOS REAIS

O Regimento de Artilharia de Costa, efectuou hoje de tarde, mais um exercício de fogos reais com as baterias da Laje (Oeiras) e da Parede.

Pelas 14 horas, começou a primeira parte do exercício com fogos pela bateria da Parede. Um barco-patrulha da Armada rebocou um alvo e outro navio também da nossa armada vedou o acesso á barra.

A segunda parte do exercício foi efectuada pela bateria da Laje, que, como a primeira, alvejou o alvo.

Durante o espaço de tempo do exercício, das 14 ás 17, deviam ter-se mantido abertas as janelas das residências da área, devido á deslocação de ar provocada pelo exercício.

DE COIMBRA

Estudado o estacionamento de automóveis na cidade

Na reunião da Camara Municipal, sob a presidência do sr. eng.º Araujo Vieira, foram tratados diversos problemas alguns de grande importancia para a cidade.

O vereador sr. dr. Francisco Cortês solicitou informações sobre o pedido feito, em sessão anterior, para a ligação da água ao fontanário de Ribeira de Frades, que foi feita a expensas do povo da freguesia e precisa de pouco mais de seis metros de canalização pelos Serviços Municipalizados. Pediu que sejam substituídas algumas árvores no Rossio daquela localidade, que secaram e beneficiação da rede eléctrica para Eiras, e transmitiu, ainda, a solicitação do presidente da junta daquela freguesia para ser adquirido terreno destinado á construção de um bairro de casas económicas.

O sr. eng.º Azevedo Sobral referiu-se á necessidade da construção de um abrigo para passageiros de transportes colectivos, na Avenida Dias da Silva, junto de uma clínica, por ser aquela zona muito desprotegida, e solicitou dos Serviços Municipalizados a montagem urgente dos tubos de instalação de semáforos. O sr. Miranda Veloso, depois de se referir á recente colocação de candeeiros na Praça do Comércio, transmitiu ao presidente o agradecimento dos comerciantes locais por tão notável melhoramento, pedindo mais dois candeeiros para completar aquela iluminação

Solicitou, ainda, do sr. eng.º Azevedo Sobral, como presidente da Comissão Municipal de Transito, um estudo para melhor ordenação de veículos delimitando com a respectiva marcação o numero de carros a estacionar e prevendo-se locais para carga e descarga de mercadorias.

O presidente agradeceu e disse que aquele benefício se deve a toda a vereação, manifestando o seu agrado por se manter em Coimbra a tradição da arte do ferro forjado que permite a execução de tão artísticos candeeiros. Acrescentou que outras ruas irão beneficiar do mesmo sistema de iluminação, embora com candeeiros mais pequenos

Ainda sobre o trânsito, o sr eng. Azevedo Sobral afirmou esta já feito o estudo para o estacionamento, e que o numero de veículos será notávelmente reduzido, mas que a marcação respectiva não será feita enquanto não se efectivar a ampliação do estacionamento junto ao Parque Dr. Manuel Braga. Disse ainda, que o Serviço de Obras deve preparar, desde já o plano de condicionamento do estacionamento e até do trânsito em determinadas ruas da Baixa durante a quadra de Natal.

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Efec	Compra	Vendo
Consolidado 4 3/4%	518$	—	518$
Consolidado 3%	539$	538$	540$
Consolidado 3 1/2%	—	—	630$
Centenários 4%	1.505$	505$	1.505$
Obrigs Tesouro 5%	1.004$	1.003$	1.004$
Externo 1.ª Série	—	680$	733$
Externo 2.ª Série C	—	830$	850$
Externo 3.ª Série	—	730$	—
Externo 3.ª Série C	—	—	860$
Cautelas 3.ª Série	—	750$	760$
OBRIGAÇÕES			
Aguas Lisboa 5%	—	470$	—
A P L 5% 56	—	—	945$
A P L 5% 58	—	—	945$
C P 4 1/2% 65	—	870$	—
C P 5 1/2% 67	—	—	1.000$
C U F 6%	—	992$	1.000$
C U F 6% 68	—	1.000$	1.005$
Gás Elect 4% 48	790$	780$	800$
Gás Elect 4 1/2% 51	—	760$	—
Gás Elect 5% 54	—	890$	900$
Gás Elect 5% 58	—	890$	900$
Gás Elect 5% 59	—	890$	900$
Gás Elect 5% 62	—	925$	—
Gás Elect 5% 63	—	925$	940$
Gás Elect 5% 65	—	—	—
Gás Elect 6% 67	—	1.004$	—
H E A Alentejo 5%	—	870$	—
H E Cávado 5%	—	880$	—
H E Cávado 6%	—	—	1.015$
H E Douro 5%	840$	930$	850$
H E Douro 6%	—	1.018$	1.020$
H E Norte Port 5%	—	870$	—
H E S Estrela 6%	1.013$	1.012$	1.015$
H E Zêzere 5% 55	—	825$	—
H E Zêzere 5% 57	—	825$	—
Lanove 6%	—	1.020$	1.030$
Metropolitano 4%	—	880$	895$
Metropolitano 5 3/4%	—	1.000$	1.003$
Moçambique 5%	—	—	—
Nac Electr 5%	850$	845$	855$
Nitratos 5%	—	800$	840$
Nitratos 5% 60	—	780$	820$
Petroquímico 5%	860$	865$	—
Port Celul 5%	—	950$	—
Sacor 5% 54	—	930$	935$
Sacor 5% 60	—	860$	—
Siderurgia 5% 2.ª	—	—	820$
Siderurgia 5% 3.ª	—	—	—
Siderurgia 5% 4.ª	—	—	—
Sonete 5%	—	—	855$
T A P 4%	—	—	950$
Termoelect Port 5%	—	815$	—
U E P 3 3/4%	—	84$	—
U E P 4%	—	84$	—
U E P 4 1/2%	—	82$	83$
U E P 5%	—	810$	820$
U E P 5% 60	—	—	—
U E P 5% 63	—	—	—
AÇÇÕES			
Bancos			
Agricultura	2.030$	2.030$	2.150$
Alentejo	1.047$	1.047$	1.050$
Angola	3.600$	3.550$	3.620$
Burnay	—	—	—
Créd Predial	5.000$	5.000$	5.050$
E Santo	—	—	20.000$
E Santo n	—	—	—
Consecas S p	—	20.000$	30.000$
L G Açores p	7.480$	7.460$	7.500$
L G Açores n	—	—	—
P Atlântico p	6.500$	6.480$	6.520$
Portugal n	3.300$	3.250$	—
Portugal p	—	—	4.400$
Totta Aliança	—	6.500$	7.000$
Ultramarino n.	3.300$	3.300$	3.320$
Ultramarino p	3.775$	3.775$	3.800$
Seguros			
Alentejo	78$	—	79$
Douro	—	1.500$	—
Mundial	—	830$	855$
Sagres	—	—	2.700$
Tranquilidade	—	50.000$	62.000$
Ultramarino	—	15.000$	30.000$
Ultramarinas			
Açúcar de Angola	—	850$	880$
Ag Cassequel	—	775$	790$
Ag Incomati	—	—	—
Ag Neves	—	420$	—
Ag S. Tomé e Príncipe	350$	320$	—
Boror	—	180$	—
Buzi	—	85$	86$
Cabinda	235$	232$	235$

Ultramarinas	Efec	Compra	Vendo
Diamantes Angola	2.400$	2.410$	2.430$
H E Revue	640$	—	650$
Ilha do Principe	850$	850$	870$
Moçambique	—	175$	180$
Sonete n	—	410$	420$
Sonete p	435$	435$	438$
Zambézia	—	85$	88$
Angolana	—	—	—
C.ª Diversas			
Cidla	7.950$	7.900$	8.000$
Com Lemos	—	—	5.500$
Com Teixo	—	—	8.000$
Co Navegação	—	—	1.500$
C U F	—	1.500$	1.550$
Ilha Alianço	—	—	850$
Nac Navegação	3.800$	3.750$	3.850$
Petroquímica	2.180$	2.160$	2.180$
Port e Colónias	—	1.460$	—
Port Celulose	—	—	4.600$
Port Pesca	—	1.230$	—
Port Tabacos	788$	786$	790$
Sacor	—	4.800$	4.850$
Saneamento Nac	—	1.700$	1.800$
Socel	3.400$	3.350$	3.400$
Tabacos de Portugal	—	—	—
Tabaqueira	—	8.100$	8.500$
U F Azoto	850$	845$	850$
Aguas Electr e Gas			
Aguas Lisboa p	—	435$	—
Aguas Lisboa 34	—	435$	—
Aguas Lisboa 36	—	390$	—
Eléct Beiras	—	—	650$
Gás Electr	422$	421$	422$5
H E Alto Alentejo	159$	159$	595$
H E Cávado	1.285$	1.285$	1.288$
H E Douro	1.285$	1.280$	1.295$
H E Norte Portugal	—	—	—
H E S Estrela	—	—	—
H E Zêzere	1.290$	1.287$	1.295$
Nac Electricidade	1.290$	—	1.295$
Termoeléctr Port	—	—	1.295$
U E P	191$5	191$	191$5
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F I Atlântico	—	208$	214$2
F I D E S	—	128$	138$8

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base Dez 65 100)

	4/12/69	10/12/69	11/12/69
GERAL	156,4	155,7	154,6
METRÓPOL.	147,9	147,6	146,5
ULTRAM.	218,8	215,0	213,6

PAISES	Compras	Vendas
Africa do Sul — Rands	37$30	39$30
América		
— Dollars de 1 a 2	28$30	28$70
— Dollars de 5 a 000	28$50	28$90
Canadá — Dollar	26$40	26$90
Alemanha — Marco	7$65	7$95
Áustria — Schilling	$08	1$15
Argentina — Peso	$06	$09
Brasil — Cruzeiro Novo	5$20	7$20
Espanha — Peseta	$40	$41,5
Holanda — Florim	7$85	8$15
Inglaterra — Libra	68$50	70$50
Itália — Lira	$0,45	$04,7
Bélgica — Franco	$55	$58
França — Franco	4$75	5$15
Suíça — Franco	6$58	6$78
Marrocos — Dirham	4$90	5$40
Dinamarca — Coroa	3$70	4$00
Noruega — Coroa	3$90	4$20
Suécia — Coroa	5$40	5$70
Ouro:		
Inglaterra — Libra Isabel	250$00	270$00
Inglaterra — 1/2 Libra	280$00	300$00
Ouro fino — Barra	32$70	34$70

J. BURNAY, L.DA
RUA DO OURO, 72
Notas estrangeiras
Papéis de crédito
Tel. 321273

MARINHA DE GUERRA

Foi autorizado o Ministério da Marinha, pela Direcção das Construções Navais, a celebrar contratos para a construção de quinze lanchas de desembarque médias, incluindo os respectivos equipamentos, e para a aquisição de material de apetrechamento, nomeadamente sobresselentes, até ao montante de 50 000 contos.

TRÊS NOVOS BRIGADEIROS

O Conselho Superior da Defesa Nacional, reunido no Palácio de S. Bento, decidiu promover ao posto de brigadeiro os coronéis tirocinados do Serviço de Material Eduardo Joaquim Pai da Vida e Santos, e, do Corpo do Estado-Maior, António Adriano Faria Lopes dos Santos e Carlos Mariano Algéos Ayres.

Os novos oficiais generais têm brilhantes folhas de serviço, com numerosos louvores e outras referências elogiosas

Bazar a favor da Cruz Vermelha e do Home International

No Clube Suíço realizou-se hoje um bazar de produtos canadianos, a favor da Cruz Vermelha e do Home International — bazar que esteve inicialmente marcado para o dia 4 do corrente e não se realizou então em virtude de demoras alfandegárias não o terem permitido.

Nova dependência do BNU no antigo Teatro do Ginásio?

De fonte fidedigna afirma-se que uma nova dependência do Banco Nacional Ultramarino será instalada no antigo Teatro do Ginásio, em Lisboa, ontem adquirido pelo B N U, num leilão, por 11 100 contos.

Segundo outra fonte, funcionarão ali, entre outros, os serviços mecanográficos do Banco

O velho edifício do Teatro do Ginásio, por onde transitaram figuras notórias da cena portuguesa, compõe-se de dois corpos com a área de 800 metros quadrados: um na Rua da Trindade e outro na Rua da Misericórdia ligados entre si por um enorme corredor.

A escritura sobre a aquisição do edifício será efectuada no prazo de oito dias.

FOTÓGRAFO AMERICANO FALA NO I. A. D. E.

Integrado no ciclo organizado pelo Instituto de Arte e Decoração, realiza-se amanhã, ás 21 e 30, na Escola Internacional de Decoradores, na Rua do Alecrim, 70, uma palestra-colóquio em que usará da palavra o fotógrafo norte-americano Joseph Leombruno, da revista «Life». A palestra será acompanhada da projecção de diapositivos e de uma exposição de fotografias da autoria do conferencista.

NOVO CAPITÃO DO PORTO DE LISBOA

Vem no «Diário do Governo» de hoje a portaria, pelo Ministério da Marinha, que nomeia o sr. capitão-de-mar-e-guerra Adelino Augusto dos Santos Vieira para exercer o cargo de capitão do porto de Lisboa.

Promoções na Polícia Marítima

No dia 22, ás 9 horas, na sede da Polícia Marítima, começam a prestar provas do concurso de promoção ao posto de chefe daquela corporação do Ministério da Marinha os candidatos admitidos, subchefes José Martins Baptista e Manuel Ferreira Elias.

Surto de gripe em Viseu

VISEU 11 — São em número de algumas centenas as pessoas, de todas as idades e condições desta cidade atacadas pela gripe — por enquanto algo benigna, mas, ao que temos ouvido, caracterizada por estados febris altos e tosse persistente e extenuante.

Algumas especialidades estrangeiras, normalmente receitáveis, estão esgotadas e muitas outras nacionais têm sido pedidas diáriamente, com urgência.

Casa das Utilidades
54, RUA IVENS
TELEF. 32 86 12
Porcelanas — Cristais
«Ménage»

FESTAS DE NATAL

Da «Bis» — Sociedade Industrial de Borracha, Limitada

No sábado, às 16 horas, na Sociedade Industrial de Borracha, Lda. (Fábrica «Bis»), na Venda Nova-Amadora, decorre a tradicional festa de Natal, dedicada aos filhos dos empregados da empresa.

Do Montepio-Geral

No domingo, às 10 horas, na sede do Montepio Geral, decorre a festa de Natal dedicada aos filhos dos funcionários da instituição.

Da indústria cinematográfica de Lisboa

No dia 16, às 10 horas, no Cinema S. Jorge, decorre a festa de Natal da indústria cinematográfica de Lisboa, por intermédio do Grémio Nacional das Empresas de Cinema e com o patrocínio da Corporação dos Espectáculos e da União de Grémios dos Espectáculos.

Serão distribuídos brinquedos a crianças protegidas por diversas instituições de beneficência.

Do G. D. do Pessoal dos Telefones

A tradicional festa natalícia dos filhos dos empregados dos Telefones de Lisboa e Porto decorre, no domingo, ás 10 horas, no Coliseu dos Recreios Serão distribuidos vestuário e brinquedos a mais de 1900 crianças.

AZEITE NOVO DE BOA QUALIDADE

MONTARGIL, 11. — Continua a tarefa da apanha da azeitona, que é de boa qualidade e está a ser vendida a 2$50 o quilo.

Os oito lagares da freguesia, em plena laboração, produzem azeite de óptima qualidade, com resultados superiores aos previstos para a colheita deste ano.

Andam, pois, os produtores um pouco mais animados, visto que a azeitona constitui sempre uma das principais achegas no orçamento das casas agrícolas.

Assembleias gerais

Montepio Geral

Foi adiada para o dia 17 (21 horas), por falta de «quorum», a assembleia geral ordinária do Montepio Geral, que deveria pronunciar-se ontem á noite sobre os orçamentos da receita e despesa da instituição e da Caixa Económica de Lisboa para 1970, deliberar sobre outros temas de importância e eleger ainda os corpos sociais para o próximo ano.

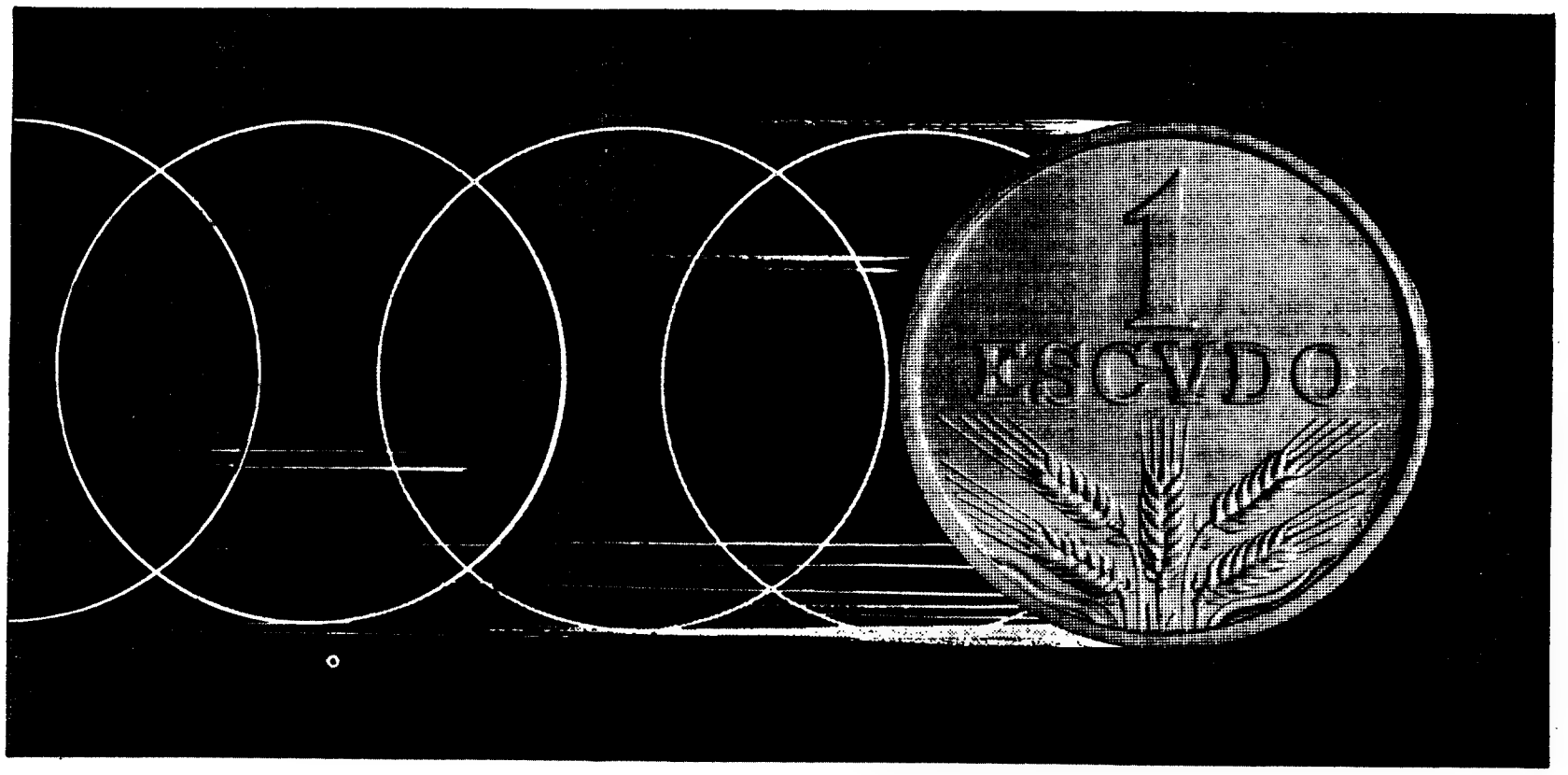
«A Voz do Operário»

Na sede da Sociedade de Instrução e Beneficência «A Voz do Operário» realizou-se ontem a anunciada assembleia geral para discussão de vários assuntos pendentes, entre os quais a modernização do actual salão de cinema.

A assembleia, a que presidiu o sr. Agnelo Mourão Pereira, secretariado pelos srs. Abílio Alves de Lima e António Talma, rejeitou a proposta por maioria.

Boavida-Portugal galardoado com a comenda do Mérito da República do Chile

O escritor e jornalista J. M. Boavida-Portugal acaba de ser distinguido pelo presidente da República do Chile com o grau de comendador da Ordem do Mérito, pelos serviços prestados ao estreitamento das relações luso-chilenas, especialmente no plano da cultura. Há anos, Boavida-Portugal fora agraciado, com o grau de cavaleiro da mesma Ordem, em reconhecimento da sua acção na assistência aos cidadãos chilenos surpreendidos pela guerra na Alemanha e na França. A obra literária do escritor português agora promovido na Ordem do Mérito (a mais alta das condecorações chilenas, normalmente reservada a figuras de grande projecção internacional) é muito conhecida no Chile, onde um dos seus livros, «O Primeiro Milagre de Jesus», tem já várias edições. As insignias serão entregues durante uma cerimónia que se realiza dentro de dias na Embaixada do Chile em Lisboa.



DINHEIRO EM MOVIMENTO É SINAL DE RENDIMENTO.

Dinamize as suas economias. contribuindo para o desenvolvimento económico e social do país.

O BANCO DE FOMENTO proporciona-lhe:

Rendimento de 4,5% ao ano isento de impostos.
Segurança total.
Colocação eficaz do seu dinheiro.
Disponibilidade dos depósitos por meio de livranças.

CONSULTE OS NOSSOS SERVIÇOS:
LISBOA
Rua Braamcamp,5
PORTO
Av. dos Aliados, 58-64

BANCO DE FOMENTO NACIONAL

IMPULSIONADOR DO CRESCIMENTO ECONÓMICO NO ESPAÇO PORTUGUÊS

ECOS

UM romance diferente de tudo é coisa que não existe. A arte mais desconcertantemente nova mergulha fundas raízes nas retóricas passadas. Não há rupturas absolutas. Mas há, de facto, esticões, momentos de avanço, em que se nos torna patente, através de uma obra singular, por vezes tocada de genialidade, a trajectória que o romance, ou o conto, ou a poesia, em suma, a comunicação, descreveu ao cabo de uns tantos anos. E é para um desses livros raros, por isso mesmo difíceis à primeira leitura, que hoje chamo aqui a atenção, para «Maina Mendes», de Maria Velho da Costa — romance de uma solidão, que envolve todavia uma fúria de viver e que, sendo uma análise junta da consciência humana e do instinto, nas zonas obscuras do ser, abraça ainda um mundo em trânsito, na sua visão espectral.

★

PETER MAX ironista, escritor que contesta os valores da América convencional, tem esta frase particularmente acutilante: «Se as pulgas pudessem pensar, diriam provàvelmente que o homem foi criado para alimentar as pulgas. O homem tem portanto o ponto de vista das pulgas sobre o Universo. «O americano branco vai à igreja para falar de Deus; ao menos o pele-vermelha vai ao seu santuário e fala com Deus».

★

MAURICE CLAVEL escreveu no Nouvel Observateur **um artigo que deu brado sobre a evolução dos costumes e sua legalização em toda a Europa, no qual inclusivamente declarava aceitar como um bem a admissão da pura pornografia (desde que não molestasse aqueles a quem desagrada) na vida comum, através do cinema, da fotografia, das publicações especializadas, etc.** Como intelectual enamorado do paradoxo, punha a hipótese de a pornografia poder mesmo levar á ascese, afirmando que tal se verifica já entre alguns jovens. Uma leitora daquele semanário de tendência socialista obtempera, por seu turno, que a pornografia (não confundir com o erotismo) provoca um escurecimento da vida nalguns jovens particularmente sensíveis e argumenta com suicídios sem causa aparente, que atribui ao que considera como degradação dos gestos de amor. Toda esta discussão se processa, óbviamente, num clima de denuncia dos tabus, embora nela se definam posições opostas. Quem tem razão? O problema está em que em qualquer controvérsia não há, em geral, só uma razão.

O colóquio com os críticos de Televisão, dirigido pelo dr. Aires Biscaio, que se vê na gravura, reuniu novas dores e professores interessados na programação infantil

A RESPONSABILIDADE DOS PAIS NÃO PODE SUBSTITUIR A RESPONSABILIDADE DA TELEV

—disse-se ontem no colóquio com os críticos de TV no Sindicato Nacional dos Pro

Apesar de ser uma das actividades mais jovens na Imprensa portuguesa, a crítica de televisão encontra-se numa posição de prestígio, consolidada nas suas relações com um público exigente. Isso explica-se pelas virtudes da própria crítica e também pela importancia do lugar que a televisão ocupa no nosso País: pertence-lhe a «sala de espectáculos» não apenas a maior, mas praticamente a unica; absorve os tempos de ócio de um terço a um quarto da população portuguesa; a sua influência estende-se, com o poder de atracção bem conhecido, a todas as camadas sociais, a indivíduos de todas as idades

A avaliação da importância da crítica ficou bem expressa no facto de se haver reservado totalmente a segunda parte da mesa-redonda subordinada ao tema «A criança portuguesa e a Televisão» organizada pelo Sindicato Nacional dos Professores.

O colóquio realizou-se ontem, como fora oportunamente anunciado, na sede daquele sindicato. Presentes os críticos Alice Vieira, Correia da Fonseca, Mário Dias Ramos e Mário Castrim. A equipa que tem a seu cargo a programação infantil da Televisão portuguesa, dirigida pela escritora Maria do Sameiro Soubo, fez-se representar por diversos elementos. A sessão foi orientada, como a anterior, pelo dr. Aires Biscaia, director da Escola Industrial e Comercial de Sintra

QUAL A VERBA?

A reunião tinha como finalidade de ordem prática: recolher elementos que possibilitassem uma melhoria nas produções da Televisão para as crianças.

Ficou bem expresso que a função dos críticos é... criticar. A maior contribuição, da sua parte, para uma possível melhoria de qualidade, consiste exactamente em continuar a exercer, na máxima amplitude, a sua actividade nas colunas dos seus jornais.

A sua presença ali traduzia-se pela obrigatoriedade que compete a todos os cidadãos responsáveis de contribuir o mais directamente possível para a defesa dos interesses da criança, qualquer que seja a actividade a encarar.

A propósito da programação infantil, três aspectos dominaram o colóquio:

1 — *A importância que a própria R. T. P. lhe atribui;*
2 — *A responsabilidade dos pais perante os efeitos da Televisão;*
3 — *A necessidade de amplos inquéritos aos gostos e actividades das crianças portuguesas.*

Até hoje, quanto ao primeiro aspecto discutido, tudo leva a supor que a R. T. P. não tem encarado a programação infantil com as preocupações mais elementares. Afirma-se *até hoje* porque o tele-pecu rou que dou em louro da guesa.

É evide dará fazer tão difíci qual o g que a R. a conced avaliar-se lugar da til e juv da R. T. verba que e qual p ora em d ignora-se gerisse a ção das R

Com de se tem ul que comp pela prese

(Continu

Três operários absolvidos em Madrid

MADRID, 11 — (F. P.) — Três operários madrilenos, acusados de terem tomado parte em «manifestações não pacíficas» foram absolvidos ontem pelo tribunal da ordem publica de Madrid.

Pelos mesmos motivos, outras oito pessoas — incluindo um eclesiástico em fuga — foram condenadas cada uma a três meses de prisão.

Por outro lado, sete estudantes foram absolvidos, por falta de provas. Tinham sido acusados após incidentes ocorridos na Universidade de Valência, em 27 de Março de 1968.

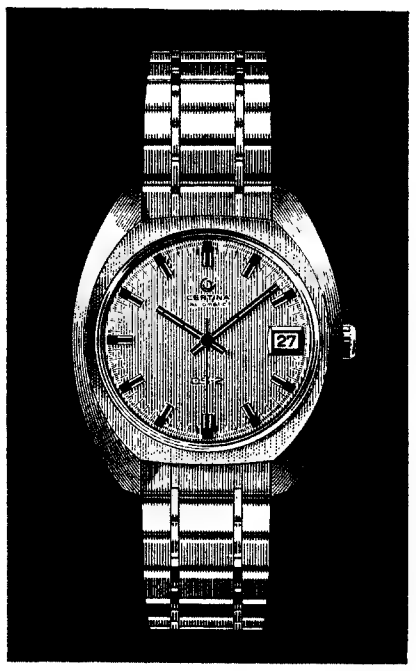
Finalmente, o tribunal de ordem publica condenou seis trabalhadores bascos a penas que vão de quatro a sete meses de prisão, por «associação ilícita». Estes trabalhadores faziam parte de um sindicato socialista ilegal de Bilbau (União Geral dos Trabalhadores).

Certina-DS
o relógio
mais forte do mundo

Procura um relógio em que possa confiar em todas as circunstâncias? Visite um Agente Certina e ele lho revelará: o incomparável Certina-DS.

Certina-DS resiste a choques que nenhum outro relógio poderia suportar. Seu segredo: a sua «máquina flutuante» — revolucionário sistema de protecção — que assegura precisão e resistência notàvelmente superiores às normas usuais de controlo.

Certina-DS uma revelação em elegância, precisão e resistência.



CERTINA

Certina-DS, automático, com calendário, super-antichoque e super-estanque, aço inoxidável, 4 mostradores diferentes, estojo especial.

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

Ourivesaria da GUIA
UM NOME NA OURIVESARIA PORTUGUESA
Fundada em 1875
RUA D. DUARTE, 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)

GUERRA AO FRIO
nas lojas Bardo
CONVECTORES DE AQUECIMENTO REGULÁVE
(não queimam o oxigénio do ar)
34$00 mensais (sem fiad
Quantidade limitada para esta campanha
Av. Liberdade, 131
Av. Almirante Reis, 124
Praça de Londres, 7
Rua S. Bento, 55
Rua D. Estefânia, 193
Rua Gonçalves Crespo,
Rua 1.º de Maio, 146 (a Santo Amaro)

Pasta Medicinal Couto Evita e trata doenças da boca PORQUE É MEDICI

...niu novamente pais, educa-

PAIS

LEVISÃO

io

s: Professores

tele-pec ...dos a e...to ja repa-rou que alguma coisa mudou em tão importante pelouro da Televisão portuguesa.

É evidente que nada se poderá fazer de perene em obra tão difícil se não soubermos qual o grau de prioridade que a R. T. P. está disposta a conceder-lhe. Isso podia avaliar-se se se conhecesse o lugar da programação infantil e juvenil no orçamento da R. T. P., ou seja: qual a verba que tem sido atribuída e qual pensa atribuir-se de ora em diante. Houve quem, ignora-se se por ironia, sugerisse a consulta á repartição das Relações Exteriores...

Com desusada frequência se tem ultimamente repetido que compete aos pais vigiar pela presença das crianças

(Continua na 23.ª página)

RIO

EGULÁVEL

r)

panha

, 55
ânia, 193
es Crespo, 26
)

IEDICINAL

O COLÓQUIO SOBRE PLANEAMENTO

• «Estudos prospectivos» – tema discutido hoje

Com a apresentação e discussão do tema «Estudos Prospectivos», continuou esta tarde, na F. I. L., á Junqueira, o Colóquio sobre Planeamento a Médio e Longo Prazo, promovido pelo Centro de Estudos de Planeamento da Presidência do Conselho.

Apresentaram o tema os srs. profs. dr. Bento Munteira e eng.° Sales Luís, seguindo-se, tal como ontem, a discussão dos mesmos temas por todos os participantes (cerca de 120 especialistas convidados) divididos em grupos de trabalho. Após o período de discussão, cada grupo apresentou, em sessão plenária e através do respectivo relator, as conclusões e moções a que chegou.

Como ontem assinalámos, *«espera-se que deste colóquio saiam conclusões ou moções de operacionalidade imediata»*, segundo se lê no programa distribuído. A importância do colóquio foi, aliás, salientada na sessão inaugural, pelo subsecretário de Estado do Planeamento Económico, dr. João Salgueiro, que fez uma análise crítica da evolução registada no País nas duas últimas décadas e enunciou *«algumas das possíveis opções de fundo definidoras da economia e da sociedade que desejamos construir»*.

O colóquio continua amanhã á tarde, com o estudo do tema «Fundamentação das decisões de planeamento», apresentado pelos srs. dr. eng. Carlos Portela e eng.° João Cravinho. A última sessão, depois de amanhã, será dedicada á discussão das moções ou conclusões.

FÉLIX CORREIA

A morte do nosso saudoso camarada Félix Correia teve larga repercussão na Imprensa; e continuam muitos dos prezados colegas a dedicar-lhe, com o máximo relevo, palavras de apreço e homenagem ao seu talento, ao seu nobre carácter, á dignidade do idealista de convicções inabaláveis, largamente compreensivo e generoso, por todos estimado e respeitado. Nessas homenagens se salienta, ainda, a acção brilhante do grande jornalista que honrou a profissão e foi um dos da magnífica plêiade que ergueu o «Diário de Lisboa» ao seu elevado prestígio e á sua larga expansão.

CHOCOLATES TAGIDES
BARREIRO · LISBOA · QUELUZ

Jóias antigas e modernas

Compramos pelo mais alto preço.

GRANDE OURIVESARIA DA MODA

RUA DA PRATA, 257

jardim das DELÍCIAS

Crónica de JOÃO MEDINA

GRANDEZAS E MISÉRIAS DOS PRÉMIOS LITERÁRIOS

Uma vez por ano, em Novembro, mês de brumas e tédios, a França conhece a febre dos prémios literários. Durante alguns dias as «concierges», essa temível corporação que dirige efectivamente o país, suspendem os seus mexericos e, lembrando-se de que vivem na pátria das «belles-lettres» (ah, a tenacidade de certos mitos, sobretudo quando titilam a vaidade nacional!), poisam o estultificante «France-Soir» ou o arquicretinizante «Ici-Paris» e aguardam com nervosismo a sentença dum grupo de literatos reunidos num restaurante de Paris. Começa então uma espécie de totobola que, em vez de ser hípico como o «tiercé» de todos os dias, se torna literário, dando assim ao observador menos atento a impressão de se encontrar num país que se interessa de facto pelas coisas do «Espírito». Por todo o lado, nas gazetas e na rádio, se prognostica com furor e, escamoteados por uns momentos os resultados das corridas de cavalos, toda a gente fala e perora com seriedade sobre as possibilidades do senhor Sabatier ou do senhor Marceau. E nos bastidores, diligentes mas discretos, os editores fazem campanha por este ou aquele candidato das suas cavalariças literárias.

Começa então a batalha, a expectativa nervosa. Enquanto meia duzia de maganos ingurgitam champanhe e provam as trufas, a França detém-se, aguarda o terrível veredicto do júri Goncourt. Por fim, quando os jurados, o estômago cheio e o juízo avivado pelo álcool, se decidem por um nome, as emissões de rádio são interrompidas, a televisão precipita-se sobre o presidente da academia Goncourt como o gavião sobre a pomba tenra, — e a França inteira ouve então o nome do laureado. Segue-se a convulsão do costume, a debandada dos jornalistas em direcção aos telefones, o crepitar das máquinas fotográficas, o gaguejar das declarações do premiado, as entrevistas caóticas, a sarabanda infernal da literatura arremessada de súbito para a arena dos «mass media», sob o olho implacável, diabólico e devorador das camaras de TV. Tal como o Daniel da Bíblia, o laureado conhece então a cova dos leões, donde sai, todavia, rico e célebre, para grande contentamento do editor que irá abichar a mor parte dos lucros da operação.

ASCENSÃO E QUEDA DOS PREMIADOS

Mas a glória oferecida pelos «mass media» é, apesar de fulgurante, efémera. Se, horas depois de anunciado o nome do laureado do Goncourt, do Femina ou do Renaudot, a França inteira, da planície alsaciana ao estuário da Gironda, de Lille aos Pirinéus arranca das livrarias o livro bafejado pela fada da publicidade, o digere á pressa e distraidamente o deita fora como quem arremessa um maço vazio de cigarros ou uma embalagem perdida de leite, poucas horas volvidas o mesmo Moloch audiovisual fabrica outras Cinderelas, atira aos ventos o nome de outros semideuses de um momento, gane nas montras das lojas outros títulos, outras insígnias. É uma nova vaga esmaga, amarrota e apaga sem piedade a gloríola ainda há poucos instantes tão rutilante e fresca nas parangonas dos jornais e na epiderme transitória das lucarnazinhas da TV. Dentro de um mês já ninguém se recordará desse «fait divers» no meio de meio de tantos outros «faits divers» do quotidiano.

INTERVÉM O LEITOR

Chegado a este ponto do meu artigo, adivinho alguns leitores dizerem aos seus botões: «Pronto! cá temos a habitual indignação virtuosa do intelectual anarco-nihilista que se escandaliza com o mercantilismo do nosso mundo e pretende expulsar a golpes de pluma os vendilhões da publicidade do templo dos Valores Espirituais!... Mas onde julga ele viver? Na ilha idealizada por São Tomás Morus? Não saberá este nefelibata que a nossa civilização mercantil vive no e pelo mercado? Que vivemos numa sociedade onde tudo se torna, mais tarde ou mais cedo, objecto lucrativo, elemento de compra e venda num circuito mercantil ao qual nada, mas mesmo nada (nem mesmo o protesto e a indignação), escapa? Que não estamos numa ilha das Caraíbas mas sim na ilha de Messer Gaster, esse inflexível «Senhor Estômago» descrito por Rabelais? Ou supõe-se ele, á força de escrever no meio de brumas e neves, que está nas regiõs quiméricas sonhadas por Cabet, Campanella, Huxley ou outros ascetas que encontravam na fantasia a compensação duma realidade demasiado limitada e esquálida?...»

A MINHA RESPOSTA

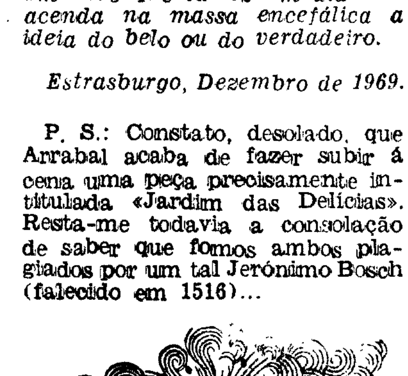
Perdoem-me então esses leitores que lhes corte a palavra alada e lhes responda sem rodeios. Bem sei, amigos, que não vivo na Republica de Platão — nem na de Saint-Just ou mesmo de Lamartine. Não ignoro, vejam lá, que voltámos aos bons tempos sérios e sensatos de Luís Filipe, aliás com um certo tónus bonapartista. Sei também não haver nada de espantar no facto de os prémios ganidos pelos «mass media» serem muito naturalmente devorados pelo Bezerro de Ouro, ingressando portanto no circuito comercial a que tudo o mais se submete. Não ignoro que a trindade Lucro-Publicidade-Produção veio ocupar no frontão dos templos desertos do nosso mundo o velho triangulo de Yaveh ou da divisa Igualdade-Fraternidade-Liberdade da velha democracia burguesa dos nossos avós. Sei ainda que um livro é um objecto susceptível de ser comercializado como qualquer dentífrico ou sabonete das firmas Procter & Gamble, Lever e Colgate-Palmolive, que a literatura é também um comércio e mesmo uma industria; que há mesmo uma sociologia do livro. Que os valores implícitos desta civilização estão muito longe da «vertu» jacobina ou do intransigente platonismo da Cidade do Sol arquitectada pelo dominicano calabrês. Sei também que, se uma firma como a Procter & Gamble gastou em França vinte milhões de francos (novos) para impor junto do publico a ideia toda altruista das virtudes do pó Ajax e do seu Galaaz branco, nada há então de condenável na metamorfose gratuita dum prémio Goncourt em produto de consumo vendido no Prisunic ao lado dos colantes «Tel Quel» ou das farinhas «Blédine». Sei por fim que a literatura, tal como as bananas, se destina sobretudo a ser manducada.

Sim, tudo isso o sei, amigos. Mas nada disso me impede de associar o prémio Goncourt ao «tiercé» hípico. Não protesto portanto em nome duma ultrajada intangibilidade dos chamados «valores culturais», que estariam para além dos sórdidos mecanismos da oferta e da procura, pairando num lugar supraceleste onde só os literatos, os estruturalistas e os amigos do Saber seriam admitidos, numa espécie de meigo serralho longe da turba frenética. Não, não escolhi este jardim para acometer quixotescamente os moinhos de vento da civilização publicitária. Apesar de me repugnar o lado de quermesse leiloeira do fenómeno Goncourt reconheço que, afinal, á força de distribuir recompensas a torto e a direito, o dito galardão terá porventura a vantagem de poder vir a dar a celebridade (e o salário dessa glória) a um escritor de verdadeiro talento. Confinado a um pequeno cenáculo de conhecedores, Mandiargues conheceu, graças ao frenesim publicitário do prémio Goncourt uma notoriedade que até ali lhe tinha sido injustamente recusada.

Mesmo bramidos pelas trombetas impuras da publicidade, os prémios têm pelo menos a virtude de virem afinal propôr á massa dos bípedes do hexágono a oportunidade de ler um livro que, ao fim e ao cabo, pode ter sido escrito por um autor de talento. E isto basta para suportarmos o espectáculo de ver um Mandiargues nas prateleiras do Prisunic, ao lado do ultimo disco de Sheila e dos biscoitos Bellin: o pascácio que escuta a primeira e o guloso que come os ultimos ficam assim aptos a comprarem um livro que talvez um dia lhes acenda na massa encefálica a ideia do belo ou do verdadeiro.

Estrasburgo, Dezembro de 1969.

P. S.: Constato, desolado, que Arrabal acaba de fazer subir á cena uma peça precisamente intitulada «Jardim das Delícias». Resta-me todavia a consolação de saber que fomos ambos plagiados por um tal Jerónimo Bosch (falecido em 1516)...



Actualidade internacional

O ex-presidente do Daomé encontra-se detido —Julga-se em Cotonou

COTONOU, 11 — (R.) — Um novo Governo do Daomé, sucedendo ao do presidente Emile Derlin Zinsou, deposto ontem em consequência de um golpe de Estado chefiado pelo Exército, será formado o mais cedo possível, segundo anunciou nesta cidade o chefe de estado-maior das Forças Armadas, tenente-coronel Maurice Kouandete.

O tenente-coronel Kouandete afirmou, numa radiodifusão para todo o Daomé, que o dr. Zinsou não cumprira a sua missão de reconciliação nacional e que criara a insegurança.

Nessas condições, o Exército tinha assumido de novo as suas responsabilidades e resolvido que ao dr. Zinsou fossem retirados os seus poderes — disse ainda.

Círculos franceses em Paris e fontes africanas no Togo informaram que o tenente-coronel Kouandete era o chefe do golpe de Estado.

O Daomé continuaria a honrar os seus acordos internacionais e a manter a sua filiação nas Nações Unidas, na Organização de Unidade Africana e na Organização Comum Afro-Malgaxe (O.C.A.M.) — continuou o tenente-coronel Kouandete.

O Exército garantiria a segurança da população e dos seus bens — acrescentou.

Julga-se que o presidente Zinsou se encontra detido num acampamento militar de Cotonou.

Várias notícias concordavam em que o médico-presidente, de 51 anos, ficara incólume ao ser disparada uma rajada de tiros de armas automáticas quando chegou ontem ao seu gabinete. Afirmou-se que dois dos seus guarda-costas foram mortos.

Testemunhas oculares afirmaram que o presidente fora metido, amarrado, dentro de um automóvel, que se afastara.

A radiodifusão da noite passada não fazia qualquer referência á sorte do presidente nem revelava quem chefiara o golpe de Estado.

MAURICE KOUANDETE, de 30 anos, que chefiou o golpe de Estado ontem ocorrido no Daomé. O tenente-coronel Kouandete é chefe do Estado-Maior das Forças Armadas do seu país, tendo-se formado pela Escola de Guerra de Paris

NAÇÕES UNIDAS

PEDIDO UM REFERENDO NO SAHARÁ ESPANHOL

NAÇÕES UNIDAS, 10 — Por 89 votos contra zero e 7 abstenções — uma das quais a Espanha — a comissão dos territórios não-autónomos da assembleia geral decidiu pedir á Espanha que organize o mais rápidamente possível um referendo, controlado pela O.N.U., a fim de dar á população do Sahara espanhol a possibilidade de exercer o seu direito de autodeterminação.

A comissão pediu á Espanha que crie «condições favoráveis» ao referendo, autorizando os «exilados» a reentrarem no território e a não permitir que a população autoctone o abandone.

Finalmente, a comissão especificou que o referendo deveria ser efectuado «em consulta» com Marrocos e com a Mauritânia, e pediu ao secretário-geral que envie imediatamente, com o acordo espanhol, uma missão para preparação do referendo.

O delegado espanhol disse, antes da votação, que a Espanha nada tinha a acusar-se e que pertencia apenas á população a tarefa de se pronunciar sobre se deseja o referendo ou não.

EUROPA: o centro de gravidade política

O centro de gravidade política da Europa desloca-se de Paris para Bonn.

Pela mão prosaica de Pompidou, a França enterra os seus faústicos sonhos de grandeza: potência média (económica e militarmente) arruma nos armários (ricos) da sua napoleónica história as megalomanias políticas do general de Gaulle.

Pela mão ambiciosa de Willy Brandt, a República Federal da Alemanha prepara-se (com segurança e á vontade) para ocupar o lugar que lhe compete no chamado concerto das nações.

Se há economia no Ocidente que mantenha (por quanto tempo ainda?) alguma independência e autonomia em relação ao capital norte-americano é (paradoxalmente talvez) a alemã: se há moeda que se possa dar ao luxo de não gravitar em torno do dólar, é o marco; se havia (até á chegada da social-democracia ao poder) diplomacia e política internacional exemplarmente (porque mais do que outras ocidentais) subdesenvolvida e dependente de Washington, essa diplomacia e essa política eram as de Bonn. Chegado ao poder, o S. P. D. procura corrigir essa anormalidade, anular essa desproporção.

Entre a U. R. S. S. e os E. U. A., a R F. A. cresce.

Na conferência de alto nível dos Estados do Mercado Comum, Bonn afirmou-se como a força decisiva no interior da comunidade. A abertura da «pequena Europa» só poderia ser decidida por quem a não temesse. Paralisada durante anos pelos receios gaullistas, decidiu-a a República Federal.

«Aquele que teme o peso da economia alemã — disse Willy Brandt na Haia numa referência clara á França — deveria por isso mesmo ser favorável ao alargamento da Comunidade.» A Pompidou, político «realista», conduzido ao Poder por uma coligação de «europeus» e «antieuropeus» (que a muitos pareceu equívoca, mas que representou, de facto, a nível interno, a reconciliação da classe dominante com o seu Estado e com a ideologia respectiva), a Pompidou uma única via se impunha: aceitar o alargamento da comunidade, mas precaucioná-lo, apresentando um plano completo de integração económica e monetária. «Nunca ouvimos exprimir com tanta força a vontade de integração» — comentou, a propósito, Jean Ray, presidente das Comunidades europeias.

De qualquer modo, o nacionalismo do general-presidente — não aos cavalos de Tróia, não á Europa supranacional — foi enterrado pelo seu sucessor. Entre os cavalos de Tróia e a supranacionalidade, só Bonn está em condições de arbitrar. E de predominar.

Nesta europeia e comunitária euforia, a conferência dos países membros da N. A. T. O. passou quase despercebida.

O comunicado final da reunião de Bruxelas aceita, em princípio, a proposta dos Estados socialistas de reunião de uma conferência de segurança europeia, sujeitando-a, contudo, a condições prévias — sinais de boa vontade acerca de Berlim e da questão alemã, fundamentalmente.

A esta resposta cautelosa ás propostas do bloco soviético, não é alheia (evidentemente) a influência dos E. U. A. Não o é, também, a da R. F. A.

Para Washington, a verdadeira negociação de paz e coexistência com a U. R. S. S. celebra-se em Helsinquia: vis-à-vis e a sós, as duas superpotências.

Para Bonn, a solução dos contenciosos com o Leste não precisa também de intermediários: com a Polónia, com a U. R. S. S. e até com a República Democrática Alemã, o Governo de Brandt negoceia desde a sua investidura com uma desenvoltura notável.

Para a R. F. A., como para os E. U. A., o entendimento real com a U. R. S. S. não pode ser detido nem ofuscado por iniciativas paralelas. Elas virão a seu tempo — e serão, até, necessárias á consagração dos acordos dos «grandes». Pela primeira vez após a guerra, a República Federal da Alemanha prepara-se para ser um deles.

A. L. S.

Dê a si próprio
à sua mulher, aos seus filhos um
Presente de Natal

Venha visitar-nos no Chiado e verá como nos nossos cursos de 8 a 10 semanas se aprende alegremente a FALAR línguas.

CENTRO AUDIO-VISUAL DE LÍNGUAS
Praça Luís de Camões, 36-3.º
LISBOA — Chiado — Tel. 34 988

«VIVER EM PAZ» —NECESSIDADE DA ALEMANHA SEGUNDO GUSTAV HEINEMANN

BONN, 11 — (F. P.) — «A Alemanha deve estabelecer relações de boa vizinhança com o Leste, como já o faz com o Ocidente. É uma necessidade vital, para o meu país, viver em paz com todas as nações», disse o presidente da República Federal, Gustav Heinemann, durante uma reunião com a Associação da Imprensa Estrangeira.

Acerca das atitudes de receio de que a R. F. A. se transforme numa báscula entre os dois blocos, o presidente disse: «A Alemanha transformou-se num factor essencial da economia mundial, mas não tem o menor desejo de abusar da sua situação. Se o fizesse, desencadearia forças hostis que a chamariam novamente á razão».

Quanto ás preocupações francesas, o presidente declarou que a R. F. A. não aspira a dominar o Mercado Comum visto ter defendido sempre a candidatura britânica. «O alargamento da comunidade, desejado pela Alemanha, equilibrará as forças económicas e tirará qualquer possibilidade de supremacia alemã no Mercado Comum», disse.

Heinemann declarou-se partidário dos Estados Unidos da Europa, segundo o figurino que foi desejado no pós-guerra. O presidente declarou-se fiel á concepção de uma Europa unida, já exposta na conferência de Haia de 1948: uma Europa independente de Washington e de Moscovo, que não constituísse ameaça para ninguém.

FRANCO CAPUANA MORREU QUANDO DIRIGIA UM ESPECTÁCULO

NAPOLES, 11 — (R.) — O regente italiano Franco Capuana, de 75 anos, desmaiou e morreu vitimado por um ataque cardíaco quando dirigia o primeiro espectáculo da época, na ópera de San Carlo, nesta cidade.

Funcionários da ópera disseram que o seu corpo ficaria em camara ardente no vestíbulo do teatro e que a representação da ópera «Moisés» seria adiada até amanhã.

Capuana regeu pela primeira vez um espectáculo na ópera de San Carlo em 1930. Compôs também vários poemas sinfónicos, incluindo «A Ressurreição de Lázaro».

Avião sul-coreano desviado para a Coreia do Norte

SEUL, 11 — (F. P.) — Um aparelho YS-11, de fabricação japonesa, pertencente a uma companhia civil sul-coreana, foi hoje desviado para a Coreia do Norte quando efectuava um voo regular de Cang Nung, na costa oriental, para Seul.

Seguiam a bordo quatro tripulantes e 74 passageiros, todos de nacionalidade coreana com excepção de um norte-americano.

Segundo fontes autorizadas, o avião aterrou em Wonsan, perto da costa oriental da Coreia do Norte. Julga-se em Seul que «agentes comunistas» obrigaram o piloto a dirigir-se para a Coreia do Norte logo após a descolagem de Cang Nung. Não se conhecem mais pormenores.

NOVO SISTEMA «ANTIPIRATAS»

WASHINGTON, 11 — (F. P.) — A companhia aérea Trans World Airlines adoptou agora um novo método para evitar os desvios de aparelhos.

Já aplicado pela companhia Eastern Airlines, este sistema baseia-se simultâneamente no «retrato-robot» do pirata aéreo «típico» e na detecção electrónica das armas de que os passageiros sejam portadores.

Referindo-se á adopção do novo sistema «antipiratas», o administrador da aviação civil americana, John Shaffer, salientou o facto de não se ter registado o mês passado o desvio de qualquer avião americano para Cuba, o que sucedeu pela primeira vez desde Maio deste ano.

MEDIDAS PENAIS

PARIS, 11 — (F. P.) — Pela primeira vez um Parlamento, no caso a Assembleia Nacional francesa, vai estudar as medidas penais a tomar no sentido de se pôr termo aos desvios de aviões.

Uma comissão parlamentar aprovou ontem uma proposta de lei para inserir esta infracção no Código Penal francês. Nos termos desta proposta, o autor do desvio de um avião incorrerá numa pena de cinco a dez anos de prisão. Se a captura do aparelho envolver ferimentos, a pena será agravada para dez a vinte anos e no caso de homicídio poderá ir até a prisão perpétua.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

O assassínio de cientologistas investigado em Los Angeles

(Continuação da 1.ª página)

e a moral comuns, e cujas crenças têm por objecto Satanás. Trata-se de um ramo de cientologia desaprovado contudo por esta seita mística e para-científica.

Os detectives têm encontrado muitas similitudes entre as ideologias, respectivas, deste culto e de Charles Manson e dos seus seguidores.

Manson e cinco membros do seu «clan» foram acusados judicialmente na passada segunda-feira da autoria dos assassinios de «miss» Tate e dos seus cinco hóspedes, em 9 de Agosto, assim como do do casal La Bianca, na noite seguinte.

Os corpos de Doreen Gaul (de 19 anos) e de James Sharp (de 15) — os dois cientologistas — foram encontrados em 5 de Novembro numa alameda de Los Angeles. Teriam sido mortos noutro lugar e trazidos para ali, local aliás próximo das suas residências.

Entre uns e outros crimes os detectives apontam as semelhanças seguintes:

— Em ambos os casos, as vitimas foram espancadas bárbaramente.

— As vitimas de Novembro viviam nas vizinhanças de uma população «hippie». «Miss» Gaul residia numa comuna de cientologistas.

A Policia recusa-se a afirmar imediatamente a existência de conexões entre o massacre na residência de Sharon, os assassínios dos La Bianca e a morte dos dois cientologistas. Admite contudo ser possivel que essas conexões existam de facto.

B-52 vão ser retirados da Ásia

WASHINGTON, 11 — (R.) — O Pentágono revelou a noite passada, que principiará a retirar cerca de 30 bombardeiros estratégicos B-52, o equivalente a duas esquadrilhas, das operações aéreas no Vietnam e a fazê-los regressar aos Estados Unidos.

O secretário da Defesa Melvin Laird anunciara em 18 de Novembro que os aviões seriam retirados do Sueste da Asia como uma medida económica.

A retirada deixará os Estados Unidos com três esquadrilhas de bombardeiros a jacto de oito motores no Sueste da Asia. Os seus alvos principais têm sido rotas de infiltração comunista no Vietnam do Sul.

A medida económica reduziu também o numero de ataques dos B-52 no Vietnam de 1800 por mês no princípio deste ano para uma média mensal de 1400.

Condenação de um ex-deputado brasileiro

SÃO PAULO, 11 — (F. P.) — O ex deputado oposicionista Helio Navarro foi condenado na terça-feira passada, por um tribunal militar, a 21 meses de prisão, por «atentar contra a honra» do falecido presidente Costa e Silva e do governador de São Paulo, Abreu Sodre».

Navarro, do Movimento Democrático Brasileiro, foi castigado este ano com a perda dos seus direitos políticos por dez anos e destituído das suas funções no Parlamento. O ex-parlamentar, foi detido em fins de 1968, por ter feito, durante uma campanha eleitoral, declarações consideradas ofensivas para a honra do presidente da Republica e o Governador de São Paulo.

Betões de agregados ligeiros de argila expandida

No anfiteatro do Laboratório Nacional de Engenharia Civil e promovida por este organismo, realiza-se amanhã, dia 12, pelas 18 horas, uma conferência sobre «agregados ligeiros de argila expandida». Esta conferência está a cargo do Dott Eng. Franco Giovannini, projectista industrial e laureado em Engenharia Civil pela Universidade de Pádua. Serão exibidos um filme mostrando diversas aplicações do referido material na confecção de betões estruturais e alguns diapositivos ilustrando o fabrico de painéis.

OMEGA Ω CHRONOSTOP

O Relógio ideal para jovens

NOVIDADE!

Para vós, jovens; para os desportistas, para todos os que querem ler o 1/5 de segundo OMEGA, lança o CHRONOSTOP

COLECÇÃO CHRONOSTOP de 1.900$00 a 2.400$00

ESTE NOVO RELÓGIO, COM A PRECISÃO OMEGA, USA-SE POR DEBAIXO DO PULSO, PERMITINDO UMA LEITURA FÁCIL DA HORA

Chronostop com aro giratório, escala 0-60, corda manual, antimagnético, impermeabilidade até 120 metros amortecedor de choques, caixa de aço inoxidável.

Chronostop com aro fixo, escala taquimétrica, corda manual, impermeabilidade até 120 metros, antimagnético, amortecedor de choques, caixa de aço inoxidável.

Chronostop Genéve, caixa de aço inoxidável, com impermeabilidade garantida até 30 metros. Amortecedor de choque e antimagnético.

PRIMEIRA ORGANIZAÇÃO MUNDIAL PARA MEDIDA EXACTA DO TEMPO

Cada Omega é acompanhado de um certificado de garantia

ALGUMAS AGÊNCIAS OFICIAIS EM LISBOA:

Joalharia AUREA
Rua do Ouro, 89

Ourivesaria da ESTEFÂNIA
Rua Pascoal de Melo, 150-D

Ourivesaria do IMPÉRIO
Av. Almirante Reis, 102-C

Ourivesaria LEANDRO
Rua Francisco Metrass, 61

Relojoaria MAURY
Rua do Ouro, 202

Ourivesaria MOURÃO
Rua da Prata, 200

Ourivesaria NASCIMENTO & PINTO
Praça da Figueira, 4-E

Ourivesaria NOGUEIRA & SOUSA
Rua Braamcamp, 74

Ourivesaria PIMENTA
Rua Augusta, 257

Relojoaria SUÍÇA
Rua do Ouro, 252

TORRES Joalheiros
Rua do Ouro, 255

ASSISTÊNCIA TÉCNICA:
Praça da Figueira, 4-1.º

Necrologia

FALECIMENTOS

João Gonçalves de Oliveira

Faleceu o sr João Gonçalves de Oliveira, de 69 anos, industrial, natural de Angeja (Albergaria-a-Velha), casado com a sr.ª D. Adriana Abreu Leite de Oliveira e pai da sr.ª D Idalina Gonçalves Souto e Silva e do sr Jaime Augusto de Oliveira. O funeral a cargo da Agência «SRAF», sai amanhã, ás 15 horas, da igreja de S. João de Brito para jazigo no cemitério do Alto de S. João. Às 9 e 30, será celebrada missa de corpo presente.

FUNERAIS

D. Maria Adosinda de Almeida

Para o cemitério da Ajuda seguiu ao fim da manhã o funeral da sr.ª D. Maria Adosinda de Almeida, de 76 anos, natural de S. Gonçalo (Amarante), e viuva do major Alfredo Pedro de Almeida A extinta era irmã do falecido escritor Augusto Casimiro e tia dos srs. drs Angelo Zuzarte Cortesão Casimiro, Pedro Augusto Cortesão Casimiro (ausente), Jaime Zuzarte Cortesão Casimiro, Mário Augusto Cortesão Casimiro e Augusto Zuzarte Cortesão Casimiro

REUNIÃO EM COIMBRA SOBRE AS OBRAS EM CURSO NA CIDADE UNIVERSITÁRIA

COIMBRA, 11 — Chegou aqui, esta manhã, o sr. eng.º José Maria Bessa Ferreira da Cunha, director-geral das Construções Escolares. Na Universidade foi recebido pelo reitor, sr. prof dr. António Jorge Andrade de Gouveia, que estava acompanhado pelos directores das Faculdades e pelo sr. eng.º Reis Gonçalves, delegado da Direcção-Geral das Construções Escolares em Coimbra. Houve uma reunião de trabalho, durante a qual foram trocadas impressões sobre as obras em curso na cidade universitária e outras projectadas, seguindo-se um almoço no Paço das Escolas

Depois, o sr eng Ferreira da Cunha, acompanhado pelo reitor da Universidade, pelo sr eng Reis Gonçalves e por diversos técnicos visitou as obras de adaptação do antigo Colégio dos Grilos, onde esteve a sede da Associação Académica, para as instalações do Centro Universitário da Mocidade Portuguesa, as obras de construção, nos terrenos anexos á antiga Escola, de pavilhões destinados á Faculdade de Farmácia, e, ainda, o edifício destinado ás secções de Química e Física da Faculdade de Ciências, em vias de conclusão.

Possivelmente, ao fim da tarde, o sr. eng. Ferreira da Cunha visitará as obras do edifício para o Instituto Industrial

Sociedade de Psicologia

No dia 18, ás 22 horas, no salão nobre do Hospital Miguel Bombarda, reune-se a assembleia geral da Sociedade Portuguesa de Psicologia, para eleição dos corpos gerentes para o triénio de 1970-72

EXCURSÃO DA C. P.

FIM DO ANO NO ALGARVE

31 de Dezembro a 2 de Janeiro de 1970

Comunica-nos a C P de que realiza nos dias 31 de Dezembro a 2 de Janeiro de 1970, em colaboração com a Empresa Geral de Transportes, uma excursão de Lisboa a Armação de Pêra, Senhora da Rocha, Praia do Carvoeiro, Algar Seco, Portimão, Alvor-Praia, Lagos, Cabo de S. Vicente e Sagres, incluindo viagens em 1.ª classe, almoço no combodo, à ida, circuito turístico em autocarro, alojamento e refeições.

PREÇOS

Modalidade 1 ..... 550$00 (2 dias)
Modalidade 2 ..... 860$00 (3 dias)

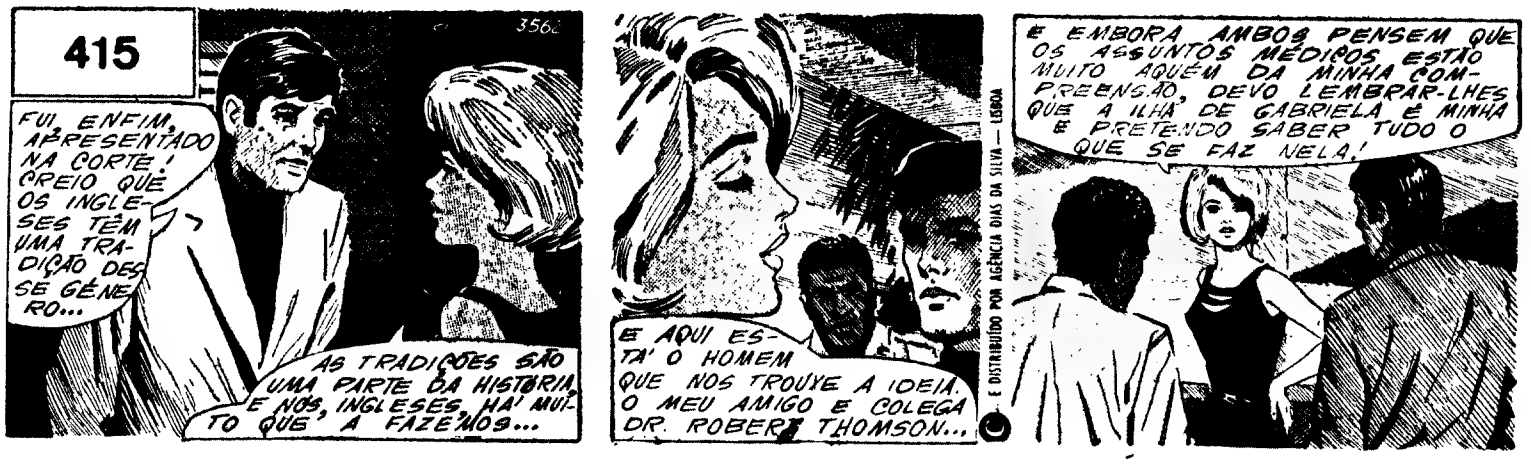
Bilhetes à venda nas estações de Lisboa (Rossio) e Lisboa (Santa Apolónia) nas Agências de Viagens autorizadas, na Empresa Geral de Transportes (Rua do Arsenal, 124) e nos Despachos Centrais do Caminho de Ferro em Lisboa, onde são distribuídos programas descritivos

UM ESPLÊNDIDO LIVRO PARA BRINDE DE NATAL

SERÁ CRIME SER JUDEU?
por BERNARD MALAMUD
Celebre romance da actualidade galardoado com o grande prémio de literatura «PULITZER»
Adaptado ao cinema com o título em português
O HOMEM DE KIEV
À venda nas livrarias
EDITORIAL MINERVA — Lisboa

Os Peanuts

Carol Day



Aventuras do Tio Carlos

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 11 de Dezembro de 1939 publicava:

«**PARIS, 11 — As forças expedicionárias britânicas que defendem determinado sector da Linha Maginot entraram ontem, pela primeira vez, na «terra de ninguém» em combate directo com destacamentos alemães, travando rija luta. Os alemães foram batidos e os ingleses conseguiram realizar alguns avanços e melhorar as suas posições, fazendo 8 prisioneiros e apreendendo 3 metralhadoras, 1 espingarda-metralhadora e 2087 granadas de mão.**»

ALCATIFAS TRICANA
DEPÓSITO DA FÁBRICA
GRANDE BAIXA DE PREÇOS DURANTE TODO O MÊS
Aven. Praia da Vitória, 48-A (Ao Monumental)
Telefones 5 15 25 e 53 63 14
L I S B O A

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos

Palavras cruzadas

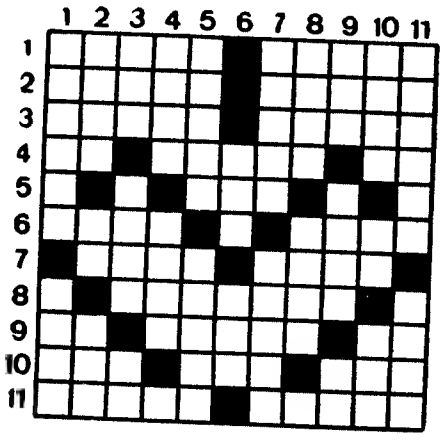
(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5384

HORIZONTAIS: 1 — Muito próximo. Querida. 2 — Caixões funerários. Amofinam. 3 — Lavrais. Deram mios. 4 — Em a. Extrais. Viração. 5 — Consentimento. 6 — Rio de Espanha. Rio da Russia. 7 — Sorve. Grão-duque de todas as Russias que escolheu Moscovo para sua capital. 8 — Esbeltas. 9 — Em partes iguais. Mamíferos roedores. Pronome pessoal. 10 — Ergue. Doença. Madeira (abrev.). 11 — Pule. Louco.

VERTICAIS: 1 — Designação latina usada em física como plural de quantum. Além disso. 2 — Dá urros. Reis. Bicho que aparece no queijo e na carne de porco mal curtida (Prov.). 3 — Nome de mulher. Líquido composto de hidrogénio e oxigénio. O mais. 4 — Vai para fora. Proceder. 5 — Catafalcos. Fio de latão. 6 — Remo para trás. Base aérea portuguesa. 7 — Equipam. Separa. 8 — Em mais alto grau. Nome de frutos. 9 — Fileira. Atrás. Ruim. 10 — Oferecerá. Prefixo de privação. Matemática (abrev.). 11 — Apelido. Secura.

Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5383

HORIZONTAIS: 1 — Pargo. Mamar. 2 — Ame. Sul. Aço. 3 — Semi. QUEM. 4 — Tiara. Furna. 5 — Aarão. Reato. 6 — Tui. 7 — Amolava. 8 — Alias. Setas. 9 — LEVE. Mula. 10 — Ova. VAI. Rier. 11 — Relva. Acama.

VERTICAIS: 1 — Pasta. Calor. 2 — Ameias. LEVE. 3 — Remar. Aival. 4 — Ina. Mãe. 5 — Os. Aotos. Vã. 6 — Um. Ui. Ba. 7 — ML. Frias. Ia. 8 — Que. VEM. 9 — Maurá. Atura. 10 — Acento. Avém. 11 — Romão. Usara.

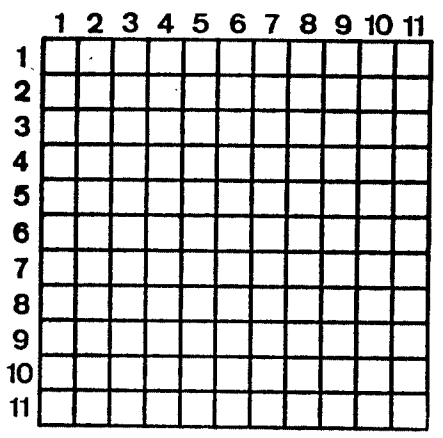
Provérbio: QUEM LEVE VAI LEVE VEM

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9227

HORIZONTAIS: 1 — Rouba. Furiosa. 2 — Trata por tu. Encolerizados. 3 — Vaso em que se acende luz alimentada a azeite (pl.). Pronome pessoal. 4 — Viração. Gostas muito de. Óxido de cálcio. 5 — Freguesia do concelho de Oliveira do Hospital. Atio. 6 — Bolo de farinha de arroz e azeite de coco usado na Ásia. Freguesia do concelho de Oliveira do Bairro. 7 — Acto digno de repreensão ou castigo. Consentimento. 8 — Pedra de altar. Reino da Federação Indochinesa. Ruim. 9 — Letra grega. Engenhoras. 10 — Acentar. Caminhas. 11 — Uma das Espórades. Multidão.

VERTICAIS: 1 — Dizer. De preços elevados. 2 — Joeirar. Dá arrotos. 3 — Álcool de melaço. Estrada magnífica que ia de Roma a Brindes. Prefixo de negação. 4 — Rolhavam. Espaço de doze meses. 5 — Patrão. Cidade de Portugal. 6 — Passada. Prefixo que designa ar. 7 — Ansiedade. Nome de astro. 8 — Freguesia do concelho de Penafiel. Colocava. 9 — Preposição latina que designa movimento. Irmão de Abel. Chefe etíope. 10 — Consagrara. Em mais alto grau. 11 — Lugar de refugio. Tecido transparente de linho ou algodão.

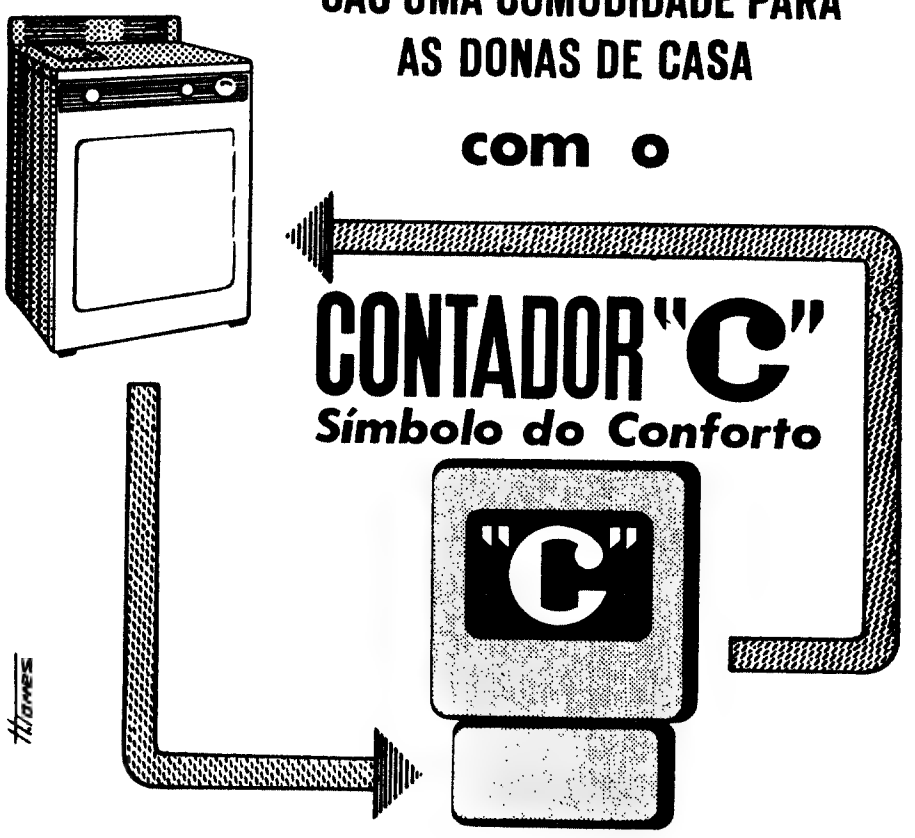


SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9226

HORIZONTAIS: 1 — Apaga. Carta. 2 — Tio. Cara. 3 — Aérea. Bater. 4 — Isola. Abano. 5 — Asar. Rara. 6 — Grã. Eia! Ave. 7 — Aa. Manco. As. 8 — Roscara. 9 — Piaui. Coai. 10 — Amura. Parta. 11 — Ralam. Troar.

VERTICAIS: 1 — Atoi. Gaspar. 2 — Presara. Imã. 3 — Avrosa. Raul. 4 — Goela. Molha. 5 — Aéreas. Am. 6 — Imca. 7 — Baraça. Pt. 8 — Acaba. Orçar. 9 — Ralara. Aoro. 10 — Trinava. Ata. 11 — Aaro. Espiar.

AS MÁQUINAS DE LAVAR
SÃO UMA COMODIDADE PARA AS DONAS DE CASA
com o
CONTADOR "C"
Símbolo do Conforto



PODERÁ TIRAR DELAS MELHOR PARTIDO
COMPANHIAS REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE - LISBOA
TELEFONE — 5370 21

PRIMEIRA CATEDRÁTICA DA FACULDADE DE LETRAS DO PORTO

PORTO, 11 — Foi aprovada, por unanimidade, após as suas provas no concurso para o lugar de professor catedrático da 1.ª secção (Ciências Filológicas) do 2.º grupo (Filologia Românica) da Faculdade de Letras, a professora extraordinária sr.ª dr.ª D. Maria de Lourdes Belchior Pontes.

Esta senhora é a primeira catedrática daquela Faculdade.

Prof.ª D. Maria de Lourdes Belchior Pontes

CONFERÊNCIAS

No Instituto Italiano

Hoje, ás 19 horas, no Instituto Italiano, o respectivo director, prof Riccardo Averini faz uma conferência sobre «A pintura italiana de Miguel Angelo a Caravaggio».

À PORTA FECHADA

Os muçulmanos celebraram hoje o dia 1 de Xaual de 1389

Os muçulmanos de todo o Mundo celebram o fim do mês do Ramadão, durante o qual respeitaram o jejum obrigatório, desde o nascer ao pôr do sol.

Entre nós, o termo do Ramadão foi festejado hoje, dia 1 de Xallal de 1389, segundo o calendário islâmico, por iniciativa da Comunidade Islâmica de Lisboa.

A celebração efectuou-se na Chancelaria da Embaixada do Paquistão, á porta fechada. Junto á entrada da sala servindo de templo, a imagem tradicional, de todos conhecida: os sapatos alinhados dos crentes participantes da cerimónia. Mas eram poucos. Os fiéis do Islão ali reunidos incluíam membros do corpo diplomático em Lisboa e muçulmanos da Guiné e Moçambique residentes na capital.

Esta festa tem adesignação original de «Ide — — Açaguir», que significa «festa pequena». Tem, ainda, o nome de «Ide — Alfitra», em razão da esmola que se dá, obrigatòriamente, no fim do Ramadão. Foi durante este mês que o profeta Muhammada (Maomé) recebeu a primeira revelação do Corão.

BRINDE DE NATAL
POR 20$00

Enviamos-lhe um lindo serviço com 10 peças e ainda um belo presépio com as figuras do nascimento do menino Jesus, conforme as gravuras indicam. Ou ainda outro sortido, composto de doze belas miniaturas de automóveis das marcas B. M. W Taunus, Bristol, Isabella, Opel, Volkswagen, Mercedes, D.K W, Porsche, Maseratti, Jaguar, Anton Martin e Renault

Temos mais variedades de sortidos. A pedido enviaremos **Catálogos Grátis.**

A importância pode ser enviada em notas ou selos do correio

Pedidos a

M. A. Nascimento

APARTADO 2[illegible] — PORTO

NATAL DE 1969

ANTES DE OFERECER OS SEUS **BRINDES DE NATAL,** FAÇA UMA VISITA ÀS NOSSAS SECÇÕES DE:

TECIDOS • CONFECÇÕES
LINGERIE • CAMISARIA • MEIAS
ARTIGOS PARA CRIANÇAS, etc., etc.

GRANDE SORTIDO DE MALHAS A PESO

Milhares de cobertores

DESCONTOS ESPECIAIS A TODAS AS ORGANIZAÇÕES DE FESTAS DO NATAL, CASAS DE BENEFICÊNCIA, ESCOLAS, HOSPITAIS, ETC.

ARMAZÉNS DO MINHO

Rua José Duro, 25-A—ALVALADE—LISBOA-5

Em três linhas

No 7.º andar do prédio na Rua de Artilharia Um, 101, em Campolide, vão ser instalados serviços da Junta Hidráulica Agrícola.

///

O sr. dr. Rogério Ruiz foi reconduzido no cargo de subdirector dos Serviços de Veterinária de Moçambique.

///

O Centro de Assistência Paroquial de Loriga (concelho de Seia) goza da isenção de contribuição predial

///

Foi nomeado tesoureiro da Alfândega da Horta o sr. Rui José Pereira Faria de Bettencourt.

O sr. major Noel da Silva Fernandes de Aguiar deixou o cargo de 2.º comandante da P. S P. de Lisboa, para prestar serviço no Ultramar

///

O Instituto de Assistência Nacional aos Tuberculosos foi autorizado a celebrar contratos para o fornecimento de aparelhagem radiológica destinada ao Sanatório de D Carlos I.

AGORA!

MÁQUINAS
Lavar Roupa
(automáticas)

4 150$

+ a sua máquina usada, na

trifar

TRINDADE & FARINHA, LDA.
Av. Almirante Reis, 54-B
Telefs. 4 19 29 — 53 21 54
(junto ao Metro dos Anjos)

NSU LUSOLANDA NSU

— CARROS USADOS —

«CAMPANHA DO NATAL»

APROVEITE A EXCEPCIONAL OPORTUNIDADE DURANTE ESTA QUADRA

Preços e condições especiais — Facilidades de pagamento e troca

GRANDE EXPOSIÇÃO — AV. DA REPÚBLICA, 84-C — T. 77 80 73 — LISBOA

CAMINHOS DE FERRO

Para transporte de trabalhadores portugueses procedentes do estrangeiro que vêm passar férias de NATAL a Portugal, efectuam-se comboios especiais de 2.ª classe por Vilar Formoso, com o seguinte horário:

(a)	(b)				(c)	(d)
10-50	16-20	p.	Irun	p.	12-06	19-03
4-40	10-34	p.	Pampilhosa	p.	14-25	21-35
7-10	12-50	c.	Campanhã	c.	12-00	17-56
4-32	9-07	p.	Pampilhosa	p.	15-35	21-42
8-30	13-27	c	Lisboa P	c.	18-20	23-55

Dias em que se efectuam:

(a) — 6, 7, 12 a 14 e 18 a 21/12
(b) — 13, 14 e 20/12
(c) — 19 a 21/12
(d) — 13, 14 e 19 a 23/12

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

NAVIOS	SAÍDAS	PORTOS DE DESTINO
«NACALA» *	17 de Dezembro	Luanda, Lourenço Marques, Beira e Nacala.
«S. THOMÉ»	17 de Dezembro	Leixões, Luanda, Lobito e Cabinda.
«TIMOR» *	22 de Dezembro	Luanda, Lobito, Lourenço Marques, Beira (se necessário), Singapura, Hong-Kong. Dili.

* Com escala prévia por Leixões.

LISBOA — R. DO COMERCIO, 85; TEL. 323021;
PORTO — R. INFANTE D. HENRIQUE, 63; TEL. 22438

✝

JOSÉ FRANCISCO DE SALES DA SILVA

MISSA DE 7.º DIA

Maria Elisa Martins da Costa de Sales da Silva, Eugénia Maria da Costa Sales da Silva, Helena Maria da Costa Sales da Silva e mais família participam que amanhã, dia 12, pelas 10.30 na Igreja de São João de Deus será celebrada missa pelo eterno descanso da Alma de seu muito querido marido, pai, e parente.

P. N. A. M.

AGÊNCIA MAGNO
Telef. 534167

✝

ANTÓNIO BERNARDES

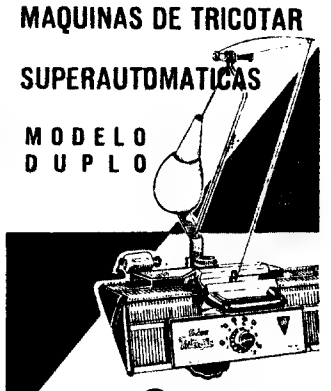
(Funcionário da C. R. G. E.)

FALECEU

Maria Amália Bernardes Valeiras, seu marido Jorge Martins Valeiras e filhos e mais família cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu muito querido pai, sogro, avô e parente e que o funeral se realiza amanhã ás 16 horas, saindo da Igreja de Santos-o-Velho para o Talhão dos Combatentes no cemitério do Alto de S. João.

AGÊNCIA MAGNO
Telefone 534167

MAQUINAS DE TRICOTAR
SUPERAUTOMATICAS
MODELO DUPLO



Swiss Magic

- Produto da indústria suiça de alta precisão
- Inteiramente metálica
- Facilidade de manejo
- Garantia e assistência técnica asseguradas por pessoal especializado

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:
RAFAEL BURGUETE, LDA.
LISBOA - R. António Enes, 20-1.º-Tel. 535057
PORTO - Rua Formosa 172 - Telef. 26902

Pretendo receber publicidade e preços
Nome .....
Morada .....
Localidade .....

TV dia a dia

HOJE PODE VER...

Quase no fim as aventuras de Pippi

Pelas 19 e 45, exibe-se mais um episódio filmado de «Uma Garota Endiabrada» (Pippi Langstrumpe), série alemã realizada por Olle Hellbom, agora quase no seu termo.

São intérpretes: Inger Nilson (Pippi), Maria Person (Annica) e Pär Sudberg (Tommy).

★

«O pai de Pippi regressou, e a garota sente-se imensamente feliz.

Pai e filha voltam a ter as antigas brincadeiras a ver quem tem mais força. Porém, desta vez Pippi é mais difícil de vencer. Está mais crescida. Só Tommy e Annica sentem uma tristeza muito grande. E se Pippi se vai embora com o pai?

Na vivenda «Mil-Cores» há uma grande feeta de despedida...»

A ORQUESTRA I. M. A. V. E: HOJE NA R. T. P.

Hoje, ás 19 horas, a R. T. P. transmite o concerto da Orquestra Clássica Imave, dirigida pelo maestro José Atalaia, realizado recentemente na Escola Preparatória Marquesa de Alorna.

«Les Merles Blancs»

Pelas 20 e 30, a R. T. P. apresenta o registo magnético de um programa musical, realizado pela Televisão jugoslava, com a participação de um excelente conjunto «Beat». «Les Merles Blancs» é o seu título.

A viagem da Apolo-12

Cerca das 20 e 55, será apresentado um curioso documentário sobre a recente viagem á Lua e toda a missão da Apolo-12.

TELE-NOTÍCIAS

EUROVISÃO: DESPORTO

A R. T. P. aderiu ás seguintes transmissões directas:

— No dia 20 do corrente, a partir das 14 e 55, transmissão do jogo de «rugby» entre as selecções de Inglaterra e da África do Sul.

— No dia 1 do próximo mês de Janeiro, pelas 13 e 30, saltos de «ski», na pista de Garmisch (Alemanha).

MISSA DE NATAL

A exemplo dos anos anteriores, a R. T. P. transmite directamente de Roma, no próximo dia 25, pelas 10 e 55, a Missa de Natal celebrada pelo Papa Paulo VI, no adro da Basílica de S. Pedro.

Será transmitida, também, a bênção «URBI ET ORBI».

CONCERTO DE ANO NOVO

Realiza-se em Viena, no dia 1 do próximo mês de Janeiro, o Concerto de Ano Novo, com a participação da Orquestra Filarmónica de Viena, dirigida pelo maestro Willy Boskovsky.

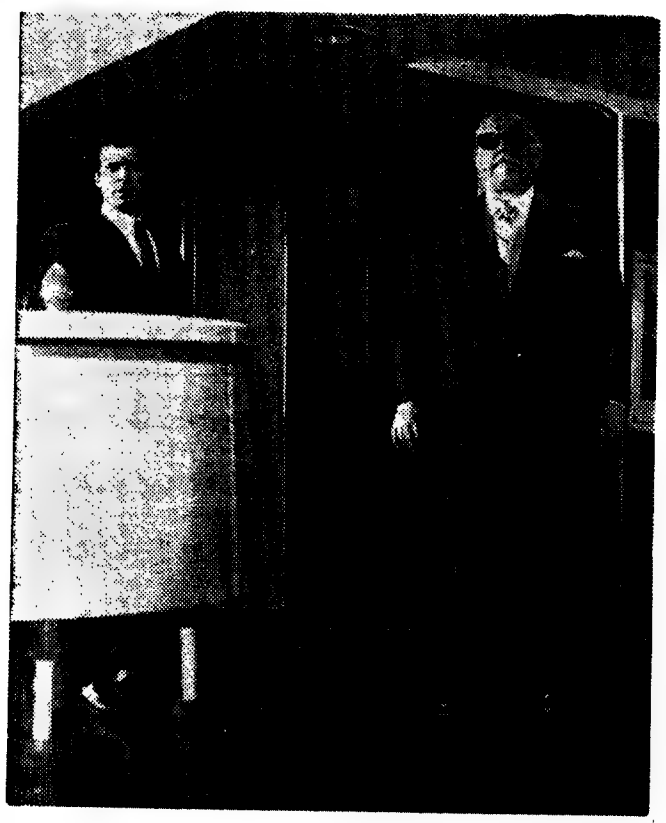
A TV nacional fará a transmissão do referido concerto, a partir das 12 e 15.

VARIEDADES

O programa de Variedades da Eurovisão «De Nós para Vós» será transmitido no dia 27 do corrente, ás 19 e 45.

TARDE DE CINEMA

Dentro de poucos dias é exibido o filme de Ramos Torrado «Frei Vassoura» (Fray Escoba), com René Muñoz no protagonista.



Brad Dillman e Burl Ives, numa cena do filme «O comprador», da série «O Jogo da Vida»

O JOGO DA VIDA: «O COMPRADOR»

As 22 e 5, exibe-se o episódio «O Comprador», da série «O Jogo da Vida», com Gene Barry (Glenn Howard); Tony Franciosa, Cliff Potter. Burl Ives, Brad Dillman, Lois Nettleton e Loraine Day.

«O Comprador», no original «The Taker», foi produzido por Richard Irving e realizado por Harvey Hart.

★

«Glenn Howard vê-se envolvido num crime, de que é acusado, pelo facto de um tal Arthur Jellicoe (Burl Ives) pretender que ele apoiasse a candidatura de um homem seu para governador.

Além do crime, perpetrado por outro, o caso refere-se, também, a falsa paternidade...»

PROGRAMA DE HOJE

I Programa — Às 19: TV Educativa; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: «Uma Garota Endiabrada»; 20 e 15: Totobola; 20 e 30: «Les Merles Blancs»; 20 e 55: Apolo XII; 21 e 30: Telejornal; 22 e 5: «O Jogo da Vida»; 23 e 30: Marcha do Mundo; e Fecho.

II Programa — Às 21 e 30: Telejornal; 22: Zip-Zip; 23 e 40: Fecho.

TELEVISORES GRUNDIG

AMANHÃ — I Programa — Às 14 e 40: Ciclo Preparatório TV; 19: TV Educativa; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: TV Juvenil; 20 e 15: Cortoz TV; 20 e 30: A floresta portuguesa; 20 e 55: «Casei com uma Feiticeira»; 21 e 30: Telejornal; 22 e 5: Musica do nosso tempo; 22 e 35: Série Policial; 23 e 35: Marcha do Mundo e Fecho.

II Programa — Às 21 e 30: Telejornal; 22: Noite de Cinema «De Braço Dado»; 23 e 35: Fecho

II PROGRAMA «ZIP-ZIP»

A partir das 22 horas, o Emissor Regional apresenta, em repetição, o programa n.º 25 da série «Zip-Zip», cuja primeira transmissão se processou na rede nacional no dia 10 do mês passado.

Recordemos que neste programa participaram o Grupo Excursionista e campista «Os Cabindas», José Barata Moura e o pastor que deu a beber leite de cabra, tirado lá mesmo no palco do Villaret.

Além doutros números, houve, também, uma passagem de modelos

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s. — Às 16: Noticiário; 16 e 05: Luz no Horizonte; 16 e 30: Que quer ouvir?; 17: Ginástica de Pausa, pelo dr. Marques Pereira — Programa da Tarde — Canções do nosso tempo; 17 e 25: A Orquestra de...; 17 e 35: Do Choupo até á Lapa; 18 e 10: Programa da Mulher, por Maria Emília Canceia de Abreu e Judite Navarro; 18 e 40: Musica e Sonho; 19 e 45: Rádio Rural — Musica, só musica; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Solistas ligeiros; 20 e 38: 25.º Episódio do Folhetim «O Hero. da Caridade» (Vida de S João de Deus), por Odette de Saint-Maurice; 21: Jornal de Actualidades; 21 e 30: O acordeonista, «Carlos Areias»; 21 e 40: Variedades no Estudio; 22 e 30: Evocação de Coimbra; 22 e 50: Musica ligeira; 23 e 05: Programa da noite; 1: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — Às 16 e 30: 1.º Acto da ópera «Cosi Fan Tutte»; 18 e 05: Musica do Século XX; 18 e 43: Suite n.º 7 em Sol menor (Haendel). Cravo Wanda Landowska; 19: Crítica Literária, pelo dr. João Bigotte Chorão; 19 e 10: Folclore Português — Musica Regional da Beira-Baixa, recolhida por Artur Santos (gravações cedidas pela BBC; 19 e 25: Musica de piano de Schumann; 20: Diário Sonoro; Musica Instrumental — Abertura «La Gazza Ladra» (Rossini); 20 e 30: Musica Coral; 21: Concerto pela Academia de Instrumentistas de Camara, sob a direcção do maestro Silva Pereira; 21 e 30: Panoramas da História, pelo dr. João Ameal; 21 e 50: Recital pelo pianista Zuleika Barbosa, preenchido com obras de autores brasileiros; 22 e 07: O Duo de Violoncelo e Piano — Pierre Fournier-Friedmich Guida; 22 e 20: Poemas Sinfónicos

Prorama (MF 2) — 94, 3 mc/s. — Às 23: Musica de tecla; 23 e 30: Musica de François Couperin; 0 h.: Musica Sinfónica; 1: Fecha.

RÁDIO UNIVERSIDADE—451 m — 665 kc/s. — Às 19 e 10: Abertura; 19 e 15: Temas da Universidade; 19 e 45: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s. — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Canções ao acaso; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20 e 07: Conjuntos vocais; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Rádio Placard; 21 e 03: Diálogo; 21 e 09: Portugal de Hoje; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Musica tradicional e palestra religiosas; 23 e 22: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã

Modulação de frequência—97,4 mc/c. — Às 16: Programa C.D.C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa á Gô-Gô; 0 e 02: Em órbita-dois; 1 e 03: Banda Sonora; 2: Fecho.

Emissor de Miramar — 398,6 m — 82 kc/s. — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: «Matinée» teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 20: Robbiolac; 19 e 35: Estudio 64; 20 e 10: Norte Dia a Dia; 21 e 02: Contrastes musicais; 21 e 15: Só-Rádio; 21 e 45: Francisco e Ernesto; 22 e 08: O Santo; 22 e 15: Cristo para todas as nações; 22 e 30: Presença coimbrã, 23 e 04: Clube da Juventude

RÁDIO RENASCENÇA—233,2 m — 1286 kc/s. — Às 16: Radiorama; 18: Orquestras de violinos; 18 e 30: Terço e bênção do Basílica dos Mártires; 19 e 05: Musica seleccionado; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditando; 21: Variedades; 21 e 30: A nossa musica e os nossos artistas; 21 e 45: Canções a duas vozes; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica variada; 23: A 23.ª hora; 2: Fecha.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda médra — 188 m — 1594 kc/s. — 94,4 mc/s — **Rádio Voz de Lisboa** — Dos 10 ás 12 e das 19 e 30 ás 22; **Clube Radiofónico de Portugal** — Dos 8 ás 10 e das 22 ás 2; **Rádio Graça** — Das 14 e 30 ás 19 e 30

canal da crítica

TRÊS BARCAS E DUAS PALAVRAS

Não foi mal achado, não, repetir-se a última emissão de «Panorama do Teatro Português», da responsabilidade de um conhecido dramaturgo do nosso tempo. Algumas vezes mais será bom tê-lo connosco. Seria bom, igualmente, poder enviá-lo para o Brasil. Não será tempo, já, de se começar a pensar nessa possibilidade?

A arte não esgota a sua expressão numa unica visita. Ao contrário: a arte renasce a cada encontro. Por isso dizia eu que esperamos tornar a ver esta emissão. Foi bem achado, porém, apresentá-lo agora, aproveitando o impacto da primeira apresentação, quando ainda a memória torna possível uma correcção de pontos de vista ou a sua confirmação e quando ainda o facto de estar «na ordem do dia» incita á renovação do publico.

Vieram dizer ontem no início do programa, que o capítulo dedicado a Gil Vicente se repetia a pedido de muitas pessoas. Isto confirma a existência, em Portugal, de um publico para trabalhos de qualidade. É a própria televisão portuguesa que o reconhece: retenha-se este facto.

Igualmente se disse, a propósito da actualização da linguagem de Gil Vicente, que «alguns críticos fizeram observações a este respeito e pareceu-lhes que a actualização não teria sido até onde deveria ser. E apontaram-se casos concretos, como *giolhos* e *onzeneiro*».

O apresentador do programa acha que, ao contrário do que se disse, essas expressões não estão tal vazias de sentido. Cita Vitorino Magalhães Godinho: há regiões no País onde a expressão «giolhos» é ainda frequentemente empregada. O apresentador crê, igualmente que «em quase todo o País, a expressão «onzeneiro» ainda é hoje correntemente utilizada no seu significado de pessoa que empresta a juros».

1 — Diz-se ainda «giolhos» em algumas regiões do País? Claro que sim. Mas é a uni-

(Continua na página seguinte)

COMPANHIA ELÉCTRICA DO ALENTEJO E ALGARVE-CEAL

SARL

Capital 70.000.000$00

Lisboa

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

São convocados os Srs. Accionistas a reunirem-se em assembleia geral extraordinária, na sede social, Rua de D. Francisco Manuel de Melo, n.º 23-A, 6.º andar, no dia 27 de Dezembro corrente, pelas 10 horas, a fim de exercer a competência que lhe pertence nos termos do artigo 27.º dos respectivos Estatutos.

Lisboa, 9 de Dezembro de 1969.

O PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA GERAL.

José Francisco Corrêa Matoso

A MELHOR APLICAÇÃO DOS SEUS CAPITAIS É EM
J. PIMENTA, S. A. R. L.

Rendimento de 6 a 10% garantido por escritura pública, durante 6 e até 18 anos, à escolha do cliente

Compre a sua propriedade e não mais terá preocupações, pois receberá directamente em sua casa, no n/ escritório, ou no Banco o rendimento certo e seguro a que tiver direito.

Pode ainda habitar ou explorar directamente o aluguer da sua propriedade

PREÇO DOS APARTAMENTOS MOBILADOS

150.000$00 — 230.000$00
175.000$00 — 250.000$00
180.000$00 — 255 000$00
185.000$00 — 265.000$00
190.000$00 — 305.000$00
195.000$00 — 325.000$00
200.000$00 — 350.000$00
215.000$00 — 470.000$00
225.000$00 — 600.000$00

APARTAMENTOS EM EXPOSIÇÃO:

Lisboa — Pr. Marquês de Pombal, 15-1.º; Reboleira — Rua D. Dinis; Venda Nova — por detrás da Garage Eduardo Jorge; Paço d'Arcos (Espargal) e Cascais (na retaguarda do Hotel Baía).

TEMOS ANDARES E APARTAMENTOS PRONTOS A FAZER ESCRITURA

PREÇOS DOS ANDARES

4	assoalh.	300.000$00
5	»	380.000$00
6	»	440.000$00
9	»	750.000$00
12	»	880.000$00

LOCAIS ONDE POSSUIMOS ANDARES E APARTAMENTOS

REBOLEIRA-AMADORA — CENTRO DA AMADORA — VENDA NOVA-AMADORA (Junto à Garagem Eduardo Jorge) — PAÇO DE ARCOS (Espargal) — PAREDE (Rua do Lobito, à Quinta do Junqueiro) — LISBOA e CASCAIS

MORADIAS LUXUOSAS

9 DIVISÕES ASSOALHADAS, 3 CASAS DE BANHO, COZINHA, GARAGEM, QUINTAL E JARDIM MAGNÍFICA VISTA DE MAR E SERRA, SITUADA NA RUA JOSÉ FERRÃO CASTELO BRANCO, EM PAÇO DE ARCOS

Facilita-se parte do pagamento

Azulejos nacionais e estrangeiros — **Plásticos** para revestimentos de paredes e tectos Toda a gama de materiais de construção, utilidades para o lar, flores e apetrechos para jardins, encontra V Ex.ª nos mais baixos preços, nos estabelecimentos da Organização J Pimenta, em Amadora e Queluz, junto às estações de caminho de ferro respectivas

Escritórios: LISBOA — Praça Marquês de Pombal, 15 — Tels. 45843 e 47843 QUELUZ — Rua D. Maria I, 30 — Tels. 952021/22; AMADORA-REBOLEIRA, Tel 933670

A nossa organização vende mais barato e com mais garantias porque é a única do país devidamente apetrechada na indústria e comércio do ramo

canal da crítica

(Continuação da pág. anterior)

versalidade do entendimento que deve procurar-se na televisão.

2 — Quanto ao *onzeneiro*, creio que, se ela ainda existe hoje no linguajar comum, não é exactamente com o significado de pessoa que empresta a juros, mas sim com o do *mexericar, intrigar. Onzenice* é hoje *bisbilhotice*. O homem do povo camiliano diz: «Ó mulher, não me estejas a *onzenar*!...».

É evidente que, ao desejar a mais ampla actualização de Gil Vicente, não pretendo o empobrecimento da linguagem. Acho que devem traduzir-se as palavras que já não vivem no dia-a-dia ou possam dificultar a compreensão das intenções do autor junto do grande público de hoje, especialmente quando as Obras são representadas. «Gio-lhos» está no primeiro caso, «onzeneiro» no segundo. Certo?

A programação viria a terminar com três obras-primas de McLaren. Compreende-se que, em noite onde se contava com a presença de Gil Vicente, se quisesse reservar todas as honras para ele, no que respeita ás máximas audiências. Tal reconhecimento não impede a queixa de ver perder-se no vazio da noite a riqueza acumulada beneditinamente nas fitinhas de animação. A história da cadeira incompreendida: aí está uma fita que poderia repetir-se uma tarde destas para os nossos meninos. As pessoas que escreveram para a Televisão a pedir a repetição das «Três Barcas» não terão, por acaso, crianças lá em casa? Não poderão escrever mais um postalzinho?

MÁRIO CASTRIM

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto

A casa que melhor trabalha
ANIBAL GRAVADOR
Rua Nova do Almada 44
LISBOA

NATAL E ANO NOVO
Horário dos comboios

Por motivo das **Férias do Natal e Ano Novo** efectuar-se-ão os desdobramentos que se reconhecerem necessários, aos comboios regulares de longo curso.

Além daqueles desdobramentos, realizar-se-ão ainda, caso a afluência de passageiros o justifique, comboios especiais nas Linhas do Norte e Beira Alta.

FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

UM RECEPCIONISTA-BARMAN
E
UM COZINHEIRO

Importante Empresa admite para o SELF-SERVICE das suas instalações.

Exige experiência profissional, idade até 35 anos, serviço militar cumprido e 4.ª classe como habilitações mínimas.

Oferece lugar de estabilidade com garantias sociais.

Resposta com pormenorizadas informações pessoais, casas onde trabalhou e ordenado pretendido a este jornal, ao n.º 531.

João Gonçalves de Oliveira
FALECEU

Adriana Abreu Leite de Oliveira, Jaime Augusto de Oliveira e sua esposa Maria Olinda Marques de Oliveira, Idalina Gonçalves Souto e Silva, e seu esposo Henrique Souto e Silva, netos e mais família, participam o falecimento do seu saudoso marido, pai, sogro, avô e parente, e que o funeral se realiza amanhã, às 16 horas, da Igreja de S. João de Brito, para o seu jazigo no cemitério do Alto de S. João. As 9.30 horas, será celebrada missa de corpo presente.

AGÊNCIA «SRAF» — Rua das Pedras Negras, 5 r/c. — Telefone 86 92 88

João Gonçalves de Oliveira
FALECEU

ANTÓNIO AGOSTINHO, participa o falecimento do seu sócio e amigo, e que o funeral se realiza amanhã, às 16 horas, da Igreja de S. João de Brito para o seu jazigo no cemitério do Alto de S. João.

AGÊNCIA «SRAF» — Rua das Pedras Negras, 5 r/c. — Telefone 86 92 88

João Gonçalves de Oliveira
FALECEU

PADARIA MADRILENA, LD.ª, participa o falecimento do seu sócio gerente, e que o funeral se realiza amanhã, às 16 horas, da igreja de S. João de Brito para o seu jazigo no cemitério do Alto de S. João.

AGÊNCIA «SRAF» — Rua das Pedras Negras, 5 r/c. — Telefone 86 92 88

João Gonçalves de Oliveira
FALECEU

O PESSOAL DA PADARIA MADRILENA, LD.ª, participa o falecimento do seu patrão e amigo, e que o funeral se realiza amanhã, às 16 horas, da igreja de S. João de Brito para o seu jazigo no cemitério do Alto de S. João.

AGÊNCIA «SRAF» — Rua das Pedras Negras, 5 r/c. — Telefone 86 92 88

Em BENAVENTE o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se na Casa Leitão, Rua da Índia Portuguesa, 13.

A responsabilidade dos pais e da TV

(Continuação da pág. central)

junto do televisor e pela sensata escolha de programas.

Trata-se de uma transferência de responsabilidade que não pode aceitar-se. Lavar as mãos, á Pilatos, não representa boa higiene da alma. E não pode aceitar-se no plano prático e no plano ético. Não o é no plano prático, porque a «escolha», havendo apenas um canal e na quase total ausência de programação infantil diferenciada, se torna impossível; não o é no plano ético, porque ninguém, e por conseguinte nem os responsáveis da Televisão portuguesa, pode isolar-se da responsabilidade. Deixar a decisão aos pais, na sua maioria mal preparados no plano educativo, deformados pelo meio ambiente quantas vezes e outras vezes engolfados na luta angustiosa pela questão de sobrevivência dos seus filhos, é negar a função educativa que deve assumir uma Televisão que é *unica*, que é *portuguesa* e que existe num País de tantas carências.

No que respeita aos inquéritos junto do público infantil, salientou-se a sua necessidade em especial para efeitos de informação e orientação dos programas, sem que estes fiquem amarrados aos gostos e preferências do público infantil — visto que aquilo que tal público quer pode não ser aquilo que mais lhe convém.

PROJECTOS

Instada, por sua vez, pelos críticos para enunciar alguns projectos da sua actividade, Maria do Sameiro Souto citou os seguintes: um programa de teatro (mais propriamente de «oficina» de teatro) a cargo de Artur Ramos e Rogério Paulo; outro sobre «ballet» de Luna Andermatt e Vera Varela Cid; «Olha á tua volta» — uma rubrica de Maria Cândida Mendonça onde se chamará a atenção da criança para diversos aspectos da realidade; um programa sobre questões de iniciação desportiva, da responsabilidade de Mário Simas e Paula Brito. Actividades como o aeromodelismo e o xadrez virão igualmente a ser devidamente encaradas, particularmente a ultima, para a qual existe uma grande procura por parte do publico juvenil.

OS CRÍTICOS SUGEREM...

O colóquio voltou a animar-se com as sugestões para novos tipos de programas apresentados pelos críticos. Foram duas dezenas de sugestões que vão certamente merecer a melhor atenção dos responsáveis da Televisão portuguesa.

Entre eles, destacam-se:

— Um programa diário de apresentação e comentário de acontecimentos de carácter educativo ou saudávelmente recreativo, focando a importância de ser criança no mundo em que vivemos: os seus actos de heroismo e de solidariedade, as suas reacções, as suas actividades, os seus brinquedos. O programa serviria, igualmente, como um desejar de boas-noites aos pequenos telespectadores.

— «O que tens para nos ensinar?» — presença frente ás câmaras de todos os meninos que tenham algo a mostrar como se faz;

— Histórias ilustradas;

— Fábulas animadas;

— Entrevista com artistas, escritores, actores, etc., com leitura de produções;

— José Viana (e outros artistas) viriam desenhar na presença das crianças;

— Crianças iriam diante das câmaras cantar, dizer adivinhas, histórias, etc.

— Jogos de leitura, efectuada igualmente por crianças, com base em histórias muito breves.

O colóquio, cujas principais fases ficaram aqui apenas esguissadas, centrou-se finalmente no interesse provocado pela publicação de artigos no último número do «Século Ilustrado», relativos á influência que os filmes violentos, fornecidos em altas doses e pela Televisão, podem ter sobre as crianças e os jovens. Àquele semanário foi enviado um telegrama, de redacção unanimente acordada entre críticos e assistência, de felicitações e apoio quanto á matéria exposta.

O PROF. VASCO COSTA PRESIDIU AO CONCURSO DO DR. RENDEIRO MARQUES

Sob a presidência do prof. eng.º Vasco Costa — que assim tomou parte pela primeira vez, na sua nova qualidade de reitor da Universidade Técnica, num acto universitário — prosseguiram esta manhã as provas do concurso para professor agregado da Escola Superior de Medicina Veterinária, a que se apresenta o sr. doutor Manuel Paulo Rendeiro Marques.

A prova de hoje constou de uma lição á escolha do candidato sobre o tema «O ritmo em Anatomia. Formulação do conceito de morfo-ritmo», tendo sido arguente o prof. dr. Abel Tavares, da Faculdade de Medicina do Porto.

O concurso termina amanhã com a discussão do «curriculum vitae» do candidato.

Em VILA VIÇOSA o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por TIBÉRIO RAMOS — Rua Dr. Oliveira Salazar, 51.

D. LUCINDA ESTEVES VIEIRA DA FONSECA

FALECEU

Filipe Raul Vieira da Fonseca, Judite Vieira da Fonseca, Maria Augusta Vieira da Fonseca, participam o falecimento da sua querida mãe, sogra, e avó e que o seu funeral se realizou hoje, da sua residência, Rua Carlos Malheiro Dias N.º 23-1.º-Dt.º, para o cemitério do Lumiar.

A. G. MAGNO, LDA
Avenida Almirante Reis, 129-A
Telef.: 51586

Comunicado do S. I. P. das Forças Armadas

O Serviço de Informação Pública das Forças Armadas comunica que morreram em combate: na província de Angola: o soldado n.º 066973/68. António Rodrigues da Cunha, natural de Caíde-Rei (Lousada), filho de Joaquim da Silva Cunha e Maria Alice Rodrigues; na província da Guiné: o marinheiro-fuzileiro especial, n.º 798-64, António Soares dos Santos, natural de Carregal do Sal, filho de Manuel dos Santos Ribeiro e de Emília Cesaltina Conceição Soares

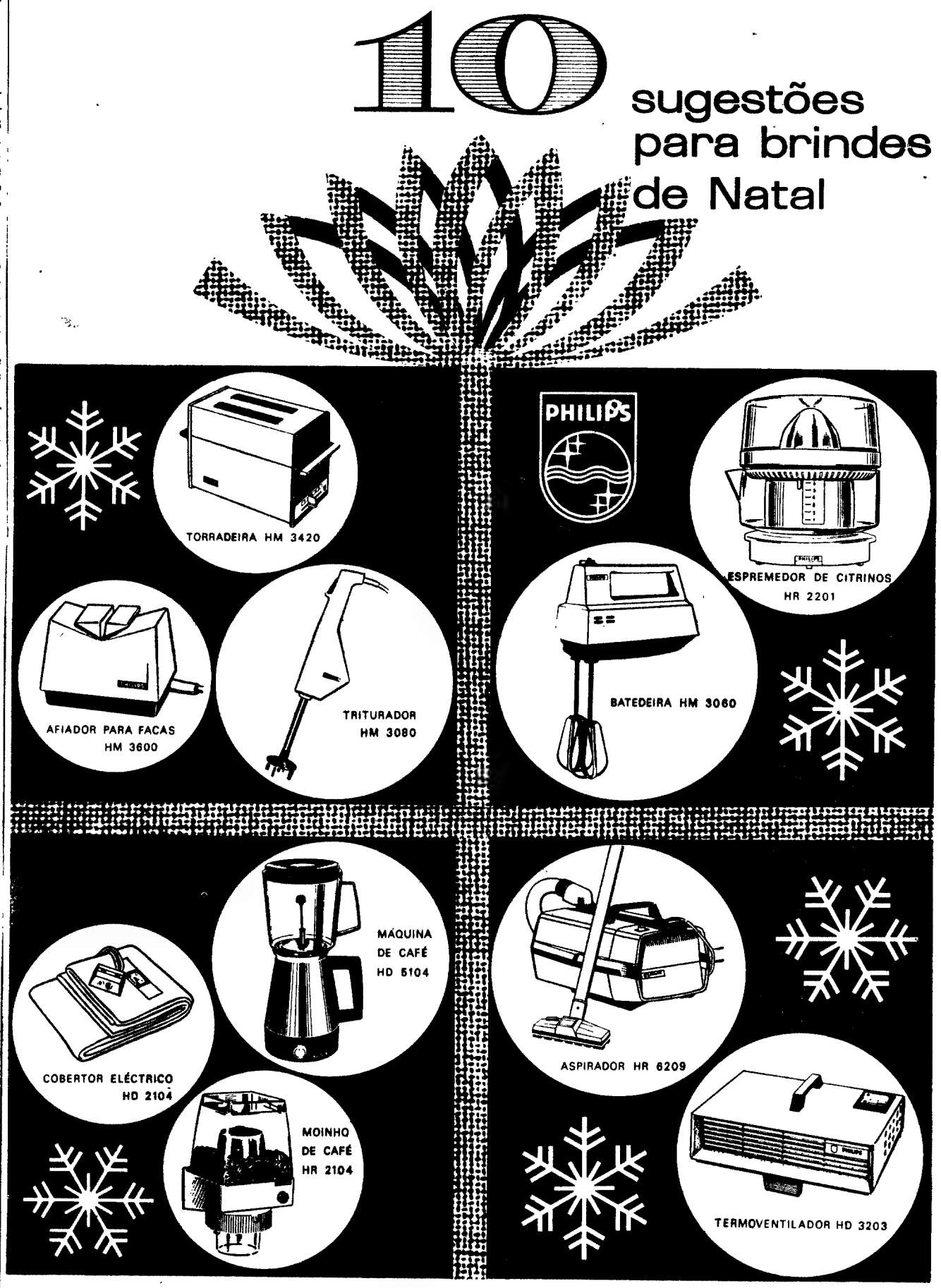
Fernanda Nunes Martins

4.º ANIVERSÁRIO

Alexandre Fernando Alves Martins
(A. MARTINS)

1.º ANIVERSÁRIO

Sua Família participa que manda rezar missa no próximo sábado, dia 13, às 11,30, na Igreja de Fátima (Av. Berna) no Altar de São José, pelo seu eterno descanso, agradecendo reconhecidamente a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto.



DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

A ACADÉMICA CONTRA O MANCHESTER CITY

GERVÁSIO: «Temos o exemplo do Vitória de Setúbal»

Outra equipa inglesa vem jogar a Portugal. Cabe agora a vez ao Manchester City, com quem a Académica de Coimbra terá de bater-se nestes quartos-de-final da Taça dos Vencedores das Taças.

A circunstância de se tratar de um conjunto poderoso não fez, no entanto, «tremer de medo» os «estudantes», quando foi conhecido o resultado do sorteio. A Académica aceitou o repto que a sorte lhe lançou e nos rectângulos do jogo é que tudo se decidirá.

— Conhecido o adversário da Académica para a «Taça das Taças», o que pensa acerca dessa eliminatória?

— O Manchester City é um adversário dificílimo, na medida em que, além de ser uma das mais cotadas equipas inglesas, é, talvez, o mais sério candidato ao triunfo final.

— Julga que a Académica terá possibilidade de continuar na prova?

— Apesar das dificuldades que se nos deparam, acredito que tenhamos possibilidades de passarmos ás meias-finais. Para que isso aconteça é necessário que nos compenetremos do valor real da nossa equipa e pôr em campo as mesmas qualidades que nos permitiram vencer os adversários das anteriores eliminatórias: humildade e determinação.

— O facto de o primeiro jogo se efectuar em Coimbra não aumentará as dificuldades da Académica?

— A primeira vista assim parece. No entanto, para nós, esse pormenor é secundário, visto que temos de realizar os mesmos dois jogos, e pode ser, até, que possamos fazer em Coimbra um resultado que nos permita defender em Manchester. Recorde-se a proeza do Vitória de Setúbal, que podemos imitar.

C. I. F.: Mais um aniversário e mais uma mudança de casa

O Cif realizou ontem o jantar de confraternização comemorativo do 67.º aniversário, que decorreu em ambiente de sincero fervor clubístico.

Presidiu o vice-presidente da Assembleia Geral, sr. Aníbal Vieira, ladeado pelas sr.as D. Fernanda Monteiro, dirigente do clube, Ana Aguiar, capitã da equipa feminina de basquetebol, eng.º Pedro Croft de Moura, presidente da Direcção, e Raul Barros, também director.

Aos brindes, falou o eng.º Croft de Moura que, depois de saudar a Imprensa como pessoa da casa, referiu-se elogiosamente ao nosso camarada Diamantino Dias e informou que o Cif irá, uma vez mais, mudar de instalações. A prestimosa agremiação trocará o Campo Grande por um local em Monsanto, situado entre o Bairro do Caramão e a Av. das Descobertas.

Disse que o Cif sempre teve atletas em destaque, como acontece agora com a equipa feminina de basquetebol, que se deslocará a Espanha a fim de disputar duas provas. Teve ainda palavras de apreço para com a acção do seu treinador, o nosso camarada Vítor Hugo.

Informou, por fim, que o Internacional, colectividade em que o sócio praticante supera o mero espectador, movimenta, num fim-de-semana, no torneio interno de futebol amador, cerca de centena e meia de atletas.

Seguiu-se a distribuição de medalhas a «cifistas» que conquistaram títulos, pertencentes ao andebol, badminton, basquetebol e ténis.

Depois do nosso camarada Manuel Lima, de «A Bola», ter falado em nome da Imprensa, o sr. Aníbal Vieira, com palavras repassadas de emoção, afirmou a sua satisfação por ver que não só os homens engrandecem o clube, mas também muitas senhoras preferem o Cif para as práticas desportivas, seguindo o exemplo de Angélica Plantier e Max Norton, nomes para sempre ligados ao Internacional.

E terminou assim: «O clube vive da ajuda e da dedicação daqueles que o representam».

Bonita festa que uniu várias gerações e constituiu iniludível prova de vitalidade do «velho» mas eterno Clube Internacional de Futebol.

ANDEBOL DE SETE

LISBOA, 21-SETÚBAL, 16

No Pavilhão da Ajuda, disputou-se mais um encontro entre duas equipas do Sul, constituídas por jogadores pré-seleccionados para a campanha internacional que se avizinha: jogo com a Alemanha (em 25 de Janeiro, no Porto) e Taça Latina, em Lisboa, em Março de 1970.

Os lisboetas venceram por 21-16, com 9-7, ao intervalo sob a arbitragem de Manuel Amiguinho e João Martins. Alinharam inicialmente:

LISBOA — Carriço (Bf.); Mário (Alm.) 3, Cascais (Bel.), José Manuel (Bel.) 4, Esteves, (P. Man.), 2, Mendes (Bel.) e Azevedo (Alm.).

Jogaram depois: Paulo (Spt.), Armando (Spt.) 1, Adão (Sp.) 2, Franco (Bel.) 8, Vasco (Bf.), Gil (C. Ourique), C. Ferreira (Bf.) 1 e Cruz (Bel.).

SETUBAL — Pereira; Custódio (7), Mendes, Nunes (2), Armando (5), Martins e Morais (1), todos do Vitória.

Jogaram depois: Amílcar, Andrade, Frazão, Passos (1), Fidalgo, todos do Vitória; Santana (C. Ind.), Novo e Fidalgo, do Naval.

BASQUETEBOL

Fides-Benfica esta noite

A equipa de basquetebol do Benfica defronta, esta noite, em Nápoles, o poderoso conjunto do Fides, a contar para a segunda eliminatória da Taça dos Vencedores das Taças.

Acontecimentos DE ONTEM

VOLEIBOL

Resultados dos encontros de voleibol realizados ontem á noite no pavilhão do Estádio Universitário a contar para o «Torneio de Abertura», nas diversas categorias: SENIORES — Benfica-Lisboa Ginásio, 3-2 (15-9, 15-9, 11-15, 9-15 e 15-13); Externato de Moscavide-Sintrense, 3-0 (15-4, 16-14 e 15-12); e Técnico-C. D. U.L., 3-0 (15-3, 15-6 e 16-14).

HÓQUEI EM PATINS

Prossegue, em Luanda, o campeonato nacional de hóquei em patins da 1.ª divisão. Na jornada de ontem, a primeira da segunda volta, o Atlético de Moçâmedes venceu o Luanda e Benfica por 4-3 e o Desportivo de Lourenço Marques ganhou ao F. C. Porto por 2-1. Estas duas equipas comandam a classificação com o mesmo número de pontos (nove).

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

WEMBLEY: Inglaterra, 1 - Portugal, 0

A MAIS ALEGRE DAS DERROTAS

Um-a-zero. Só. Uma derrota saborosa como muitas vitórias o não são. O tal **bom resultado** em que raros acreditariam. Afinal, perder por um só golo, em Wembley, ante os campeões do Mundo — é alguma coisa que deixa mais desapontados os vencedores que os vencidos. As primeiras notícias recebidas de Inglaterra dão-nos conta desse desapontamento, assente na fraca actuação da equipa de Ransey e na pequenez da sua vitória sobre uma equipa que, jogando melhor do que se esperava, terá sido, no entanto, muito inferior ao grupo português de 1966. O que, aliás, é naturalíssimo.

Disse-se aqui que os jogadores, na sua grande maioria já experientes destes jogos de selecção, mereciam confiança. Que só eles poderiam disfarçar muita coisa errada. Aliás, o próprio seleccionador, em suculenta entrevista concedida na véspera deste jogo, denunciou toda a invalidez da orgânica e a fragilidade ou ausência de planos de selecção.

O um-a-zero de Wembley é um resultado agradável — mas encerra os seus perigos. O perigo de que alguém possa deduzir que afinal, para preparar uma selecção não é preciso disciplina, método e orientação. Que em menos de uma semana, nós, excelentes improvisadores, arranjamos as coisas de modo a conseguir-se o mesmo resultado. Bom resultado, como aconteceu ontem.

Vamos esperar que os pessoas crescidas não se deixem iludir e que não se limitem a confiar na boa vontade e valor dos jogadores. Ontem, eles puderam vencer, não o adversário, mas pelo menos a desvantagem de uma preparação estilo equipa de colégio que vai defrontar a de outro colégio.

Jackie Charlton, o marcador do golo da equipa inglesa

A FIRME DEFESA DOS PORTUGUESES SÓ FOI VENCIDA... POR UM DEFESA

LONDRES, 11. — (Por Curthbert Lloyd, especial para o «Diário de Lisboa») — Embora se tratasse do primeiro jogo de preparação da selecção inglesa, os espectadores que ontem estiveram nas bancadas de Wembley não esconderam a sua desilusão. A Inglaterra acabou por ganhar apenas por um golo — e obtido pelo defesa Jack Charlton, após um «corner» — a uma selecção de Portugal que todos sabíamos muito inferior á de 1966. Poderá dizer-se que é sempre difícil penetrar numa defensiva bem apoiada, como foi a dos portugueses, mas isso não pode contentar os entusiastas, que se preocupam com o mau remate dos avançados ingleses, que até falharam uma penalidade máxima.

O curioso é que o início do jogo mais robusteceu o optimismo geral, pois a equipa inglesa atacou com grande desenvoltura, acumulando-se as dificuldades para a defesa dos portugueses, que chegou a parecer um tanto tosca e perturbada. Não demoraria muito, porém, para que se rectificassem opiniões, tanto sobre os avançados de Inglaterra como acerca dos defensores da área portuguesa.

Assentando na decisão do excelente Carlos e muito bem ajudado pelos jogadores da linha média — Tomé, Graça e Toni — o sistema defensivo dos visitantes começou a mostrar muita organização e uma calma exemplar. É certo que algumas vezes se viu batido, mas os remates de Astley, «Bobby» Charlton e Ball, ou não foram bem apontados ou encontraram ainda um guarda-redes muito ágil e audaz. E Henrique foi ainda afortunado (e com ele toda a equipa portuguesa), pois um belo «tiro» de «Bobby» Charlton levou a bola a bater no poste.

De uma maneira geral, o jogo assentou sobre o meio-campo dos portugueses, mas estes, cada vez mais confiantes, também lançaram os seus contra-ataques. No entanto, só em dois «livres» a baliza de Bonetti correu verdadeiro perigo, pois nas jogadas de progressão quase sempre o enérgico António estava sózinho na luta contra os defensores ingleses. Mas esses golpes ofensivos trouxeram á evidência outros portugueses, nomeadamente o africano Jacinto João, que tem alguma coisa do famoso Garrincha, com o seu «drible» curto e muito embaraçoso para os defesas.

Além de Henrique e José Carlos, estiveram em foco na equipa portuguesa os restantes defensores e ainda Tomé e Toni pela sua constante actividade. Graça é um jogador fino, que esteve na base dos melhores lances, e o ataque, a partir de muito longe, teve a virtude da boa vontade.

Entre os ingleses, a defesa teve pouco trabalho, mas não deixou de revelar uma ou outra falha. Muito bem o «keeper» Bonetti. E Jackie Chalton, que resolveu as situações mais delicadas — e acabou por resolver também o jogo. Na frente, Ball foi o que mais se identificou com o estilo e a eficiência de 66.

Estádio de Wembley, em Londres.

Árbitro: Mouton, auxiliado por Vigliani e Frauciel, da França.

INGLATERRA — Bonetti (Chelsea); Reaney (Leeds), Jackie Charlton (Leeds), Bobby Moure «capitão» (West Ham) e Hughes (Liverpool); Mullery (Tottenham), Bell (Manchester City) e Bobby Charlton (Manchester United); Lee (Manchester City), Astle «West Bromwich) e Ball (Everton).

PORTUGAL — José Henrique (Benfica); Conceição (Vit. Setubal), Cardoso (Vitória Setubal), José Carlos «capitão» (Sporting) e Murça (Belenenses); Tomé (Vitória Setubal), Toni (Benfica) e Jaime Graça (Benfica); Guerreiro (Vit. Setubal), Manuel António (Académica) e Jacinto João (Vit. Setubal).

Substituições: Aos 65 minutos, Peters (West Ham) entrou para o lugar de Bell; aos 70 minutos, Jaime Graça e Manuel António cederam as posições, respectivamente, a Mário Campos (Académica) e Figueiredo (Vit. Setubal).

O único golo da partida foi marcado por **JACKIE CHARLTON** aos 22 minutos de jogo.

Um guarda-redes em Wembley ou a estreia de José Henrique

por COSTA PEREIRA

Só quem jogou no majestoso Estádio de Wembley pode avaliar a honra que representa para um jogador alinhar no melhor relvado do mundo, na pátria do futebol.

Eu, que pisei por diversas vezes esse magnífico tapete verde em representação da selecção nacional, não deixei todavia de sentir o mesmo que certamente José Henrique experimentou ao entrar ontem em Wembley para um jogo internacional.

Sendo a Inglaterra a pátria do futebol e o Estádio de Wembley a sua catedral, qualquer futebolista tem de se sentir verdadeiramente honrado, em actuar ali, visto que isso representa a consagração máxima e o reconhecimento da sua categoria de jogador de futebol.

Temos de considerar que José Henrique atingiu neste momento, por mérito próprio, as qualidades indispensáveis para merecer a honra da selecção e defender a sua baliza no imponente Estádio de Wembley frente aos campeões do mundo.

Embora a equipa portuguesa não seja aquela que neste momento representa a verdade do futebol português, José Henrique, pelo lugar ingrato em que joga, era o alvo das atenções gerais. Integrado numa selecção «tipo José Maria» (fazedor de internacionais), o guarda-redes português não poderia sentir-se menos protegido, dada a ausência dos mais consagrados do nosso futebol. aí a pouca confiança frente ao ataque dos britânicos.

Embora não tivesse sido feliz nesta sua estreia internacional (em função do resultado) devemos reconhecer, que com todas as contrariedades que se verificaram na formação da selecção, a sua actuação dá motivo a nova convocação, se não quisermos afirmar ter ganho já o direito ao lugar.

O seleccionador deve sentir-se feliz. Além de «fazer» mais internacionais portugueses, o magro resultado de 1-0 favorável aos ingleses, enganará muita gente, se considerarmos que são os resultados que ficam na história e não as exibições.

HOJE À NOITE

ANDEBOL — No Pavilhão ASSEMBLEIA — Do Sport Lisboa e Benfica, no pavilhão do Estádio da Luz, ás 20 e 30.

BASQUETEBOL — Sorteio do Campeonato Nacional da I Divisão (fase metropolitana), na Federação, ás 21 e 30.

Taça das Taças: Fides Partonope (Nápoles-Benfica), na Itália, á noite.

BILHAR — Campeonato de Lisboa de 1 Tabela, na Associação dos Amadores de Lisboa (4.ª categoria), ás 21 horas.

HOQUEI EM PATINS — Campeonato Nacional da I Divisão, em Luanda: Luanda e Benfica-F. C. do Porto e Desportivo de L. Marques-Atlético de Moçamedes, á noite.

Jacinto João, o avançado português que mais preocupações deu aos defensores ingleses

José Carlos, que pela primeira vez capitaneou a «onze» nacional

CORTEJO DE OFERENDAS PARA UM CLUBE DESPORTIVO...

Todos sabem que não é fácil a vida dos clubes desportivos que, na sua maioria, se vêm embaraçados para equilibrar as receitas com as despesas. E como na maior parte dos casos esse desejável equilíbrio não é possível, vá de recorrer a uma série de processos, desde a organização de espectáculos aos apelos á generosidade dos associados.

Estas coisas acontecem tanto nas grandes como nas pequenas colectividades. O que talvez seja inédito — ou, pelo menos, raro — é a organização de um cortejo de oferendas a favor do clube local. Aconteceu agora em Cantanhede, onde um desfile de clubismo e boa vontade rendeu ao clube da terra certa importância em dinheiro, além de variadas mercadorias.

No Sporting

ATRIBUÍDOS OS «PRÉMIOS STROMPS» DE 1969

Pelo Grupo de sócios do Sporting Clube de Portugal, que instituiu os «Prémios Stromps» foram galardoados os seguintes atletas, dirigentes e sócios em relação á sua actividade durante o ano de 1969.

Atleta amador do ano — Alberto Filipe do Nascimento Matos (Atletismo).

Atleta profissional do ano — Victor Manuel Afonso Damas e Oliveira (Futebol) e Joaquim Agostinho (Ciclismo).

Técnico profissional do ano — Julio Matos Moura (Andebol).

Seccionista do ano — Álvaro de Sousa (Atletismo).

Dedicação do ano — Adriano Mesquita (Andebol).

Sócio do ano — Capitão José Machado Pinto Pontes

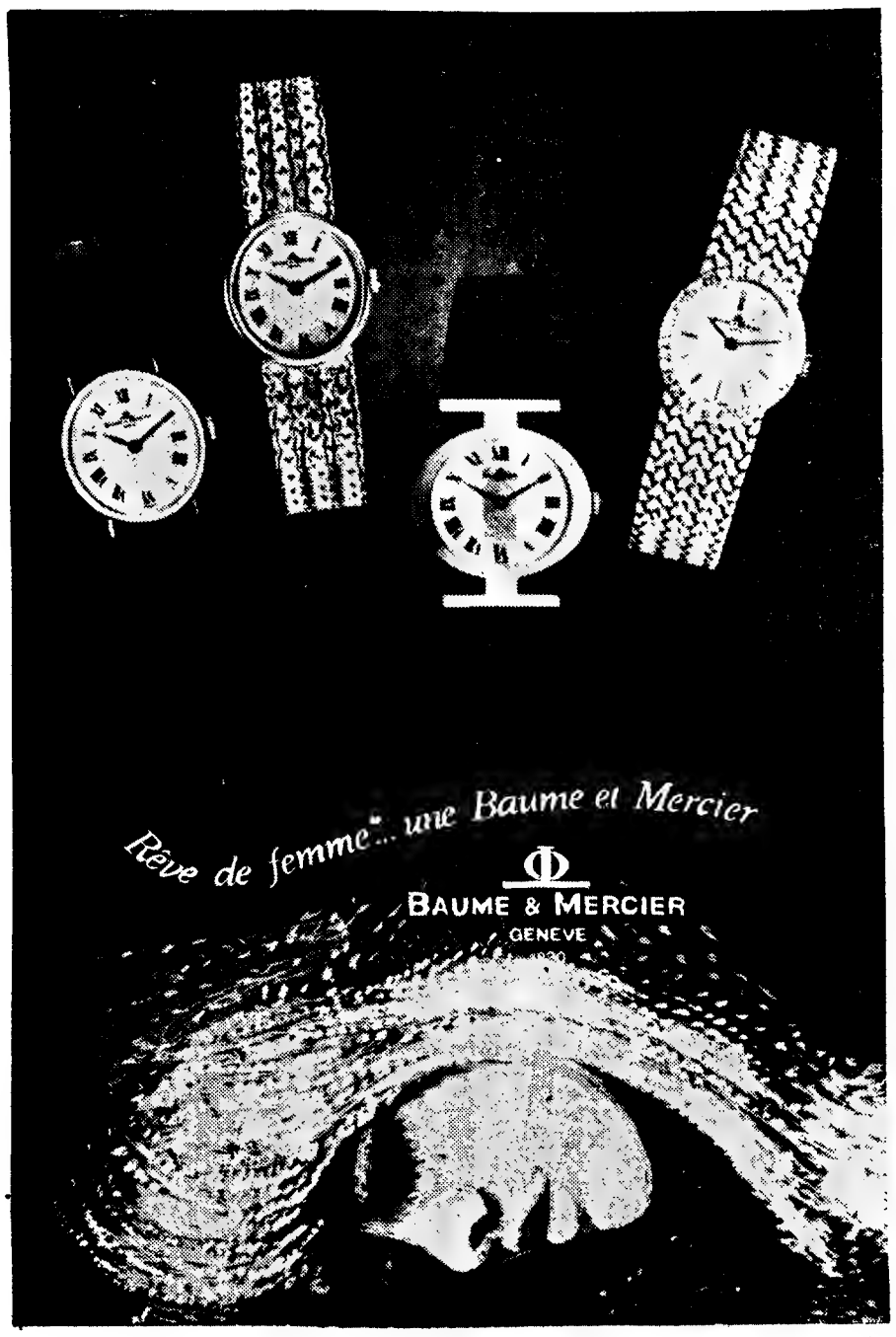
Dirigente do ano — Dr. António Alexandre Pereira da Silva.

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

RAUL NETO, LDA.

PRAÇA DA FIGUEIRA, 18-2.º (c/ elevador) — Esq. R. da Prata
Telefone 32 77 23 — LISBOA

SEMPRE AS ÚLTIMAS NOVIDADES EM:
TECIDOS PARA DECORAÇÕES
ESTOFOS ★ ALCATIFAS E CARPETES



TORRES JOALHEIROS

RUA DO OURO, 253-255 — Telef. 323196

LISBOA (Agência oficial)

GRANDE CAMPANHA
DE DIVULGAÇÃO HI-FI STEREO

1 CONJUNTO de alta fidelidade composto de: 2 COLUNAS SONORAS 1 GIRA DISCOS 1 AMPLIFICADOR + 1 LOTE DE DISCOS estereofónicos

EM PRESTAÇÕES MENSAIS DESDE **210$90**

SEM FIADOR SEM ENTRADA INICIAL

2 LOJAS

54-RUA DA VITÓRIA, 56 T. 35613
17-RUA DOS FANQUEIROS, T. 35614

Vapedrone

Policlínica do Rossio

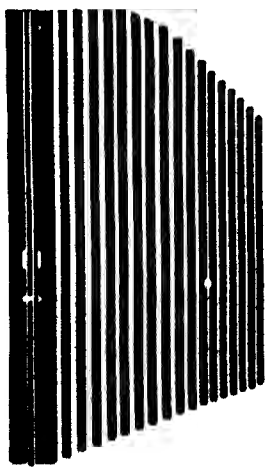
L. D João da Câmara.
19, 2.º, Esq. — Telef 32 06 60

Dr. Almada e Melo — Crianças — 2.ª e 5.ª — 7 h.
Dr. Anacleto Miranda — Olhos — 2.ª 4.ª 5.ª e 6.ª — 15.30 h
Dr. Arnaldo Rodo — Ortopedia (Ossos e articulações) — 3.ª e 5.ª — 15 h.
Dr A. Pita Negrão — Clín. cirur — Operações — 3.ª 5.ª e sáb — 16 h.
Dr. Cordeiro Lobato — Gar., Nar. e Ouv — 14 h.
Dr Ferreira Malaquias — Estom., Intest., Figado — Doenças Ano-rectais, Hemorróidas — 2.ª 4.ª e 6.ª — 19 h
Dr Foutoura Madureira — Rins e v. uri. — 16 h.
Dr Freitas de Sousa — Doen Reumát. — 3.ª e 5.ª — 17 h
Dr Luís Abecassis — Coração, Electrocardiografia — 3.ª 5.ª e sábados — 14 h.
Dr Luís Leite — Senhoras — Partos — 17 h
Dr. Macedo Costa — Assis. do Disp. de Prof. Mental — 3.ª e 5.ª — 18.30 h.
Dr. M Freire da Cruz — Endocrinologia — 3.ª 5.ª e sáb.ª — 15 h.
Dr. Marques da Gama — Clín Médica — 3.ª 18.30 h., Sáb. 14.30 h.
Dr. J. Mira Mendes — Clínica Geral — Doenças Pulmonares — 16 h.
Dr. Nelson R Viegas — Pele e Sifilis — 2.ª 4.ª e 6.ª — 15 h.
Dr. Mesquita Guimarães — Raios X.
Dr. Reis Valle — Análises clínicas

SOL-AR ■ SOL-AR ■ SOL-AR ■ SOL-AR ■

PORTAS EXTENSIVEIS

WOODMASTER
modernfold



NÃO SÃO APENAS PORTAS, MAS MAIS, MUITO MAIS!

SEPARANDO AS SALAS COMO DECORATIVAS PAREDES DESLIZANTES CRIAM AMBIENTES CONFORTÁVEIS E ACOLHEDORES

construídas nos materiais do futuro
modernfold: *aço e vinyl*
WOODMASTER: *madeiras exóticas*

Fábrica de Estores SOL-AR
ESTRADA DA CIRCUNVALAÇÃO, 11965-PORTO - TELEF. 61585
RUA PONTA DELGADA, 26-A B C — LISBOA - TELEF. 40887

SOL-AR ■ SOL-AR ■ SOL-AR ■ SOL-AR ■

EXCURSÃO DA C. P.
FIM DO ANO EM MADRID

Comunica-nos a C.P. de que vai organizar, em colaboração com a E.G.T., uma excursão a Madrid, com partida de Lisboa (Santa Apolónia) no dia 31 do corrente mês no comboio Lisboa-Expresso «TER» e regresso de Madrid no dia 4 de Janeiro do próximo ano no mesmo comboio.

Preços desde 1 360$00 a 1 770$00, consoante o estabelecimento hoteleiro.

Bilhetes à venda:

— Nas estações de Lisboa (Rossio) e Lisboa (Santa Apolónia);

— Na Empresa Geral de Transportes, Rua do Arsenal, 124;

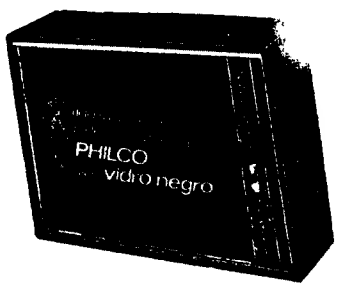
— Nas Agências de Viagens autorizadas;

— Nos Despachos Centrais do Caminho de Ferro.

PHILCO

Tem o privilégio de apresentar a MARAVILHA NEGRA

grande novidade em TELEVISÃO



Anos de avanço na técnica de TV

- **VIDRO NEGRO**
- **CHASSIS FRIO**
- **SISTEMA DE ALIMENTAÇÃO AC**
- **PREPARADO PARA O 2.º CANAL**

À venda nos revendedores autorizados

REPRESENTANTES GERAIS EM PORTUGAL
ARNALDO TRINDADE & CA. LDA.
RUA SANTA CATARINA, 117 — PORTO
PHILCO DE FAMA MUNDIAL PELA QUALIDADE
Aceitam-se Agentes nas áreas ainda disponíveis

Árvores de Natal

(ABETOS)

Grande quantidade, de diferentes tamanhos e preços

ENTREGA IMEDIATA

JARDIM PRIMAVERA

RUA TOMÁS RIBEIRO, 91
TEL. 4 52 09 · LISBOA-1

ENTREGAS AO DOMICÍLIO EM LISBOA E LINHAS DE CASCAIS E SINTRA

PARA AS SUAS OFERTAS DE NATAL
ENCONTRA NA

CASA ÂNGULO

- **Aparelhos fotográficos, de cinema e de projecção.**
- **Binóculos e microscópios.**
- **Grande variedade de artigos para brindes.**
- **Brinquedos.**
- **Bijutarias, artigos de tabacaria e papelaria, etc.**

RUA DA PRATA, 148

Em LAGOS o «DIARIO DE LISBOA» vende-se no Café Portugal

Cortina — Escort

J. Mendes Coelho, Lda.
R. Alexandre Herculano, 6-A
Ford

CARTAZ DOS CINEMAS

Estreias de hoje

A GRANDE AVENTURA DE HANNIBAL — SÃO JORGE
7 HOMENS DO TEXAS — POLITEAMA

SÃO JORGE
(M. 12 anos) Tel. 54153/4
ESTREIA
Às 21.30
A GRANDE AVENTURA DE HANNIBAL
com Oliver Reed — Michael J. Pollard

Às 18.15 — (M. 17 anos)
A MAGIA DA MULHER

EDEN
(Adultos) Tel. 320768
Às 15.15, 18.30 e 21.45
ANOUK AIMEE e ROBERT HOSSEIN em
OS CAMINHOS DA VIOLÊNCIA
(Les Grands Chemins)

IMPÉRIO
(Adultos) Tel. 555134
Às 15.15 e 21.30
3.ª SEMANA
Para o público que só gosta do melhor!
William Holden, Ernest Borgnine e Robert Ryan em
A QUADRILHA SELVAGEM

ESTÚDIO
(Adultos) Tel. 555134
Às 15.30, 18.30 e 21.45
7.ª SEMANA
O HOMEM DE KIEV
c/ Alan Bates e Dick Bogarde

ODEON
(M 12 anos) Tel. 326283
Às 15.15 e 18.15 (P. r.) e às 21.30
2.º MÊS!... 6.ª SEMANA!...
O DIABO ERA OUTRO
com MILÚ e CALVÁRIO
e Nicolau Breyner, Julieta Castelo, Fernanda Borsatti e Armando Cortês
Fados por HERMÍNIA
Canções de JOÃO NOBRE
Eastmancolor

POLITEAMA
(M 12 anos) Tel. 326305
HOJE, Às 21.30—(Scope-Color.)
GRANDIOSA ESTREIA DE BÁRBARAS AVENTURAS DE
7 HOMENS DO TEXAS
com James Cann, Michael Sarrazin e Brenda Scott
CADA UM DELES ERA UMA TERRÍVEL FERA A MATAR
HOJE, ÀS 18.30 — (M. 17 anos)
SESSÃO CLÁSSICA

TIVOLI
(M 17 anos) Tel. 50595
Às 3 e 6.15 da tarde (a p. r.) e 9.30 da noite
4.ª SEMANA
FRANK SINATRA
num filme policial de grande categoria
O DETECTIVE
com Lee Remick

SÃO LUIZ
(M. 12 anos) Tel. 327172
Às 15.15, 18.15 e 21.30
John Wayne, Kim Darby e Glen Campbell em
VELHA RAPOSA
(TRUE GRIT)
«Um dos melhores filmes do ano...» — «New York Times»
TECHNICOLOR
Real. Henry Hathaway

ALVALADE
(M. 12 anos) Tel. 763080
Às 15.45 e 21.45
John Wayne, Kim Darby e Glen Campbell em
VELHA RAPOSA
(TRUE GRIT)
TECHNICOLOR
Real. Henry Hathaway

LIZ
(M. 17 anos) Tel. 48560
Às 21 horas
A RAPARIGA DA PISTOLA
LADRÕES DE JÓIAS

VOX
(Adultos) Tel. 720808
Às 18.30 e 21.45
3.ª SEMANA DE ÊXITO
Elizabeth Taylor, Robert Mitchum e Mia Farrow
Num extraordinário e inquietante filme!
CERIMÓNIA SECRETA
Uma obra-prima em Technicolor de Joseph Losey

R. Bulhão Pato (á Av. Roma)

CONDES
(Adultos) Tel. 522523-326710
Às 15.15, 18.15 e 21.30
EM 3.ª SEMANA
ISADORA
com Vanessa Redgrave
É sublime... imagem lírica onde a arte e o amor se confundem...
Grande Prémio de Cannes 1969 (versão integral)

AVIS
(Adultos) Tel. 47163
Às 21.45 h.
Um «western» com a categoria dos grandes clássicos!
JOHN, O BASTARDO
EASTMANCOLOR
com John Richardson e Martine Beswick

EUROPA
(M. 6 anos) Tel. 661016
Às 15.15 e 21.30
2.ª SEMANA
MARK LESTER (o intérprete de «OLIVER») em
LIVRE COMO O VENTO
um filme para crianças, de rara beleza, que também é o encanto dos adultos!

CHIADO TERRASSE
(M. 17 anos) Às 15 e 21 h.
REPULSA
00 1/4 E OS BIKINIS DE OIRO

MONUMENTAL
(Adultos) Tel 555131
Às 15.15 e 21.30
QUE RICO PAR...
«A FINE PAIR»
com Rock Hudson e Claudia Cardinale

QUINZENA DAS DIVAS
AMANHÃ—Adultos—18.30 h.
VIVA MARIA!, de Louis Malle
com Brigitte Bardot e Jeanne Moreau
Dia 15: Cleópatra (Adultos)

ESTÚDIO 444
(Adultos) Tel. 779095
Às 18.30 e 21.45
3.ª SEMANA
Uma obra de rara linguagem cinematográfica
ISTO ACONTECEU
com Sabine Sinjen e Bruno Dietrich

MUNDIAL
(Adultos) Tel. 538743
Às 15.15, 18.15 e 21.45
4.ª SEMANA DE ENCHENTES
Vanessa Redgrave vive intensamente a figura da bailarina mais disputada do Mundo!
ISADORA
O filme mais importante do ano!
TECHNICOLOR

Metro: Estação Picoas

CASINO ESTORIL
(M 17 anos) Tel. 260729
Às 21.30
UM HOMEM... E MUITAS MULHERES
com Peter Alexander e Antonella Lualdi

ROMA
(Adultos) Tel. 727778
Às 21 e 45 h.
4.ª SEMANA
A espantosa comédia de Pietro Germi
DIVÓRCIO A ITALIANA
com Marcello Mastroiani

LIDO
Praça D João I — AMADORA
(M. 17 anos) Tel. 937593
Às 21.30 h.
Um grande êxito da temporada!
O HOMEM DE KIEV
Extraordinária interpretação de ALAN BATES

RESTELO
(M. 17 anos) Tel. 610375
Às 21.30 horas
A personalidade doentia de um jovem em busca de sensações e sentimentos desconhecidos
DESEJO PERVERSO
c/ Lisa Gastoni e Lou Castel

IMPERIAL
(Adultos) Tel. 45938
Às 21 horas
O ROUBO DA PIETÁ
O MEU FUNERAL
EM BERLIM

OUTROS ESPECTÁCULOS

CIRCO
COLISEU — Às 21 e 30: «Nova Companhia de Circo» (12 anos).

TEATROS
LAURA ALVES — Às 21 e 45: «Forja» (17 anos).
MARIA VITÓRIA — Às 20 e 45 e ás 23: «Esperteza saloia» (17 anos).
CAPITÓLIO — Às 21 e 45: «O pecado de João Agonia» (17 anos)
MARIA MATOS — Às 21 e 45: «Tombo no Inferno» (17 anos).
GIL VICENTE — Às 22: «Oração» e «Dois verdugos» (17 anos).
VARIEDADES — Às 20 e 45 e ás 23: «Peço a palavra» (17 anos).
A B C — Às 20 e 45 e ás 23: «Ena, já fala» (17 anos).

CINEMAS
OLIMPIA — Às 14 e 19: «Ninho de espiões» (12 anos).
ARCO ÍRIS — Às 15 e ás 21: «Diabolik» (17 anos).
CINEARTE — Às 15 e ás 21: «O Caso Strange» (17 anos).
JARDIM — Às 21: «Os crimes de Dellinger» (17 anos).
ORIENTE — Às 21: «A grande corrida á volta do Mundo» (12 anos).
SALÃO LISBOA — Às 21: «Os 4 filhos de Katie Elder» (12 anos).
MOSCAVIDE—Às 21 h.: «Os grandes do volante» (17 anos).
PARIS — Às 21: «O voo fatal» (12 anos)
VOZ DO OPERÁRIO — Às 21: «O gendarme casa-se» (12 anos).
IDEAL—Às 21: «Resgate humano» (17 anos).
LUMIAR — Às 21: «O Sucesso» (17 anos).
UNIVERSAL — Às 21 e 30: «Os indiferentes» (17 anos)
CAMPOLIDE—Às 21: «Vamos para viver» (17 anos)

● Linha de Cascais
ALGÉS — STADIUM — Às 21 e 30: «Romeu e Julieta» (17 anos).
OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 21: «O herói da cidade» e «A mulher infiel» (17 anos)
ESTORIL — CASINO — Às 17 e ás 21 e 30: «Um homem e duas mulheres» (17 anos)
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «Os Inditeontes» (17 anos).

● Linha de Sintra
DAMAIA — D. JOÃO V — Às 21 e 30: «Os 3 sargentos de Bengala» (12 anos).
VENDA NOVA — CINE PORTUGAL — Às 21: «O perigo vem das mulheres» e «Na sombra do esquecimento» (17 anos).
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «Casal contigo por alegria» (17 anos).
QUELUZ — QUELUZ-CINE — Às 21 e 15: «O roubo das Pietà» e «Três escaladas do amor» (17 anos).
MEM MARTINS — CINE-CRIABY — Às 21 e 30: «Flashman contra o homem invisível» (12 anos).
SINTRA — CINE-TEATRO — Às 21 e 15: «Digan lo que digan» (Desilusão) (12 anos)

● Outra Banda
ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15: «Gangsters em Roma» (17 anos).

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● Em Lisboa — Turno A
Ver pelos bairros das imediações e telefones entre parêntesis.)
ALCANTARA — Bairrão, R. Prior do Crato, 25 (661321)
ALMIRANTE REIS — Confiança, Av. Almirante Reis, 46 (42453).
ALVALADE — Zil, Av. da Igreja, 9-D (711780) ✲ São João de Deus, R. Pedro Ivo, 1-A e 1-B (725140).
AMOREIRAS — Britânica, Travessa Légua da Póvoa, 5 (689250).
ANJOS — Renascença, R. Damasceno Monteiro, 104-A-B (831504)
AREEIRO — Roma, Av. de Roma, 85-B (772466) ✲ Garantia, Av. Padre Manuel da Nóbrega, 5-A e 5-B (727300) ✲ Imperial, Av. Guerra Junqueiro 30-B (726860).
ARROIOS — Veral, R. Morais Soares, 109 (40632).
AVENIDAS NOVAS — Alcântara, Av. Republica, 74-A (771379). ✲ Vale, Av. Marquês de Tomar, 45 (773043) ✲ Dalva, Av. Duque d'Ávila, 125 (45225) ✲ S. Sebastião, Largo S. Sebastião, 1-9 (48642).
BAIRRO ENCARNAÇÃO — Ascenso, R. 27, n.º 41 (311216).
BAIXA — Teixeira Lopes, R. Áurea, 154 (324816) ✲ Oliveira, R. Prata, 240 (321415).
BELÉM — Moura, T. da Memória, 55 (630944)
BENFICA — União, Est. Benfica, 592 (700092) ✲ Alegria, Est. Benfica, 180-A-B (780511).
CAMÕES — Barreto, R. Loreto, 30 (327284).
CAMPO DE OURIQUE — Lobel, R. Infantaria 16, 98-B (688807) ✲ União, R. Saraiva Carvalho, 119 (663643).
CAMPOLIDE — Salutar, R. B, 75, A-B (Bairro da Liberdade — (683694) ✲ Pinto, R. Campolide, 11 (682610)
CONDE REDONDO — Sousa Martins, Rua Sousa Martins, 25 (553468)
ESTEFÂNIA — Mundial, L. D Estefânia, 9 (45578)
ESTRELA E LAPA — Andrade Ribeiro, Av. Infante Santo, 66-B (666971) ✲ Paiva da Costa, R. Lapa, 105 (664414)
GRAÇA — Ziller, R. de S. Tomé, 54 (862835) ✲ Central, R. Penha de França, 58 (849245).
LUMIAR — Central, R. Lumiar, 77 (790480) ✲ Douro, Al. Linhas Torres, 93-A-B (791131).
OLIVAIS — R. Alves Gouveia, 19 (311237)
PALHAVÃ — Canto, Est. Laranjeiras, 202-B (780841).
PICHELEIRA — Luzmar, R. João Nascim Costa, 16-A (720703).
REGO — Baptista, R. Francisco Tomás da Costa, 3 (771873).
DE ST.ª APOLÓNIA AO BEATO — Freitas, R. Zófimo Pedroso, 11 (381136) ✲ Banha, Est. Chelas, 173 (332241) ✲ Fraxão, Rua Cruz de Santo Apolónia, 90 (847019).
SANTA MARTA — Fernandes, R. S. José, 87 (326476).
SANTO AMARO — Blatifar, R. D. João de Castro, 27 (638824) ✲ Correia Azevedo, R. Luís de Camões, 42-B (638625)
S. BENTO — Castro, R. S. Bento, 199-A (660513)
MOSCAVIDE — Banha, Av. Moscavide, 22 (251818)

● Linha de Cascais
ALGÉS — Miramar, R. Ernesto da Silva, 8 (212048)
CAXIAS — Nova — Rua Bernardim Ribeiro, 7-A (Tel. 242839)
PAÇO DE ARCOS — Godinho da Silva, Av. Patrão Lopes, 4 (2432039)
OEIRAS — Central, R. João Teixeira Simões 8 (2430058)
PAREDE — Macau, Rua J. Elias Garcia 62-B (247185)
ESTORIL — Parque — Arcadas do Parque, 3 (Telef. 260 1911)
CASCAIS — Marginal — Av. Marginal (Tel 280078) A. Costa — Rua Freitas Reis, 24-A (Telef. 280214)

● Linha de Sintra
AMADORA — Amadora, P. 28 de Maio 3-A (9355'8) ✲ Carmele, R. Elias Garcia, lote 28 (933303) ✲ Helénica, R. Elias Garcia, 2 (933613) ✲ S. Jorge, R. Pedro del Negro, 5, Reboleira (Tel 938703)
DAMAIA — Confiança, Est. Militar, lote D (971023).
QUELUZ — André — Av. Elias Garcia, 151 (Tel. 950043). Queluz — Av. Miguel Bombarda, 123-A (Tel. 951841).
CACÉM — Central — R. Elias Garcia 55 (Tel. 2940034)
MEM MARTINS — Química — Est. Mem Martins, 285 (T. 291002)
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (Tel. 980456)
SINTRA — Simões, R. Heliodoro Salgado, 26 (980832)
COLARES — Colares — Abreir (Tel 299088)

● Outra Banda
ALCOCHETE — Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (234137)
ALHOS VEDROS — Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (224250).
ALMADA — Castro Rodrigues — Rua Capitão Leitão 49 (Tel. 270076).
BAIXA DA BANHEIRA — Nova Fátima, Est. Nacional 377-8 (224 41)
BARREIRO — Soares, Av. da Republica, 1 (2273023)
COVA DA PIEDADE — Atlântica, Quinta do Pombal, (274365).
MOITA — União Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga (239025)
MONTIJO — Giraldes — Rua Almirante Reis, 45 (Tel 230008).
SESIMBRA — Leão, Av. Salazar (Tel 229471)
SETUBAL — Oliveira, L. da Misericórdia (22488)
SEIXAL — Soromenho, Rua Pavia Coelho 38 (22 8560)

SERVIÇOS URGENTES

Telefones

ÁGUA, GÁS e ELECTRICIDADE — Companhia das Águas, 861358 ✲ Companhias Reunidas, 537011 ✲ Gazcidla, 538821 ✲ Gazcidla (dem e feriados, 382069.
BOMBEIROS — Sapadores, 322222 Voluntários, 538524
POLICIA e G. N. R — Serviço de emergência, 115 ✲ Segurança Publica, 866141 ✲ Judiciária, 535380 ✲ Marítima, 326456 ✲ Internacional, 362721 ✲ Viação e Trânsito, 42205 ✲ G. N. R. (área rural), 36865.
SAÚDE — Cruz Vermelha, 865342 ✲ Enfermagem permanente, 766161 ✲ Enfermagem de urgência 43738 ✲ Hospital de Santo Maria, 775171 ✲ Hospital de S. José, 860131 ✲ Sangue, oxigénio e soros, 771168 e 771169 ✲ Transfusões, soros e oxigénio 538524 ✲ Centro de Intoxicações (informativo), 767777 761176 e 763456
TRANSPORTES — Aeroporto, 720111 ✲ Caminhos-de-ferro, C. P., 869029 ✲ Caminhos-de-ferro (Estoril), 861121 ✲ Estação fluvial (T. Paço), 325345 ✲ Estação marítima de Alcântara, 663195 ✲ Estação Marítima de Rocha 672445 ✲ Estação fluvial (Belém), 638511.

BOM APETITE

Restaurante CASTANHEIRA
E. da Torre - Lumiar - 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SÁBADOS E DOMINGOS ORQUESTRA PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE
(M 15 anos)

NOVO RESTAURANTE SALÃO DE CHÁ NO POSTO SHELL EM
AZEITÃO
ESTRADA LISBOA-SETÚBAL
Telef. 22 82 44
LOCAL APRAZIVEL PARA ALMOÇAR E TOMAR CHÁ

RESTAURANTE
António
COZINHA PORTUGUESA
Diàriamente açorda de lagosta
AR CONDICIONADO
ABERTO AOS DOMINGOS
R. TOMÁS RIBEIRO, 63

CAFÉ REALMENTE INCONFUNDIVEL
DOÇARIA CASEIRA — UMA PEGA 10$00
UM RIBATEJO 15$00 — UM SUPER 20$00
NO **BAR RIBATEJO**
Praça do Areeiro, 11-D
Telef. 72 82 96 — Lisboa

POPFADO
Encerrado aos domingos
UM RESTAURANTE EM QUE SE OFERECE QUALIDADE
BAR-BOITE
(M. 17 anos)
A PARTIR DAS 23 HORAS
COM O CONJUNTO DE
HELDER REIS
Rua Ferreira Lapa, 38-D
(à Av. Duque de Loulé)

CERVEJARIA E RESTAURANTE
CHOUPAL
SERVIÇO REQUINTADO
AMBIENTE SOSSEGADO
AR CONDICIONADO, MÚSICA GRAVADA
ABERTO ATÉ AS 3.30 DA MADRUGADA
RUA DO SALITRE 9 (junto ao Parque Mayer)
Telef 42963

Restaurante QUINTA DE S. VICENTE
TELHEIRAS DE CIMA, 144 — TELEF. 790211
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
JANTARES DANÇANTES
COM O CONJUNTO PRIVATIVO
AMBIENTE FAMILIAR
AR CONDICIONADO ● Parque privativo para automóveis
(Encerrado às 3.ªs-feiras) ● (Maiores de 15 anos)

Diário de Lisboa
DL
Propriedade da Renascença Gráfica, S. A. R. L.
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 03 71-8-9 e 32 11 54-5
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa 2 — Portugal

DECUPLICOU EM CINCO ANOS O VALOR DA EXPORTAÇÃO DOS VINHOS DE QUALIDADE

— revelou o secretário de Estado do Comércio na posse do presidente da Junta do Vinho

— *No decurso dos últimos cinco anos foi possível decuplicar, práticamente, o valor exportado de vinhos de mesa de qualidade, o qual passou de 36 000 contos em 1963 a 345 000 contos em 1968* — revelou o secretário de Estado do Comércio durante a cerimónia de posse do novo presidente da Junta Nacional dos Vinhos, eng.º Tovar Faro, realizada esta manhã no Ministério da Economia, na qual foram indicadas também as directrizes da política vinícola para o próximo ano.

Depois de acentuar que o eng.º Tovar Faro era chamado a desempenhar um posto de muita responsabilidade, o secretário de Estado do Comércio disse:

— No plano mundial depara-se á economia do vinho um panorama de persistente desequilíbrio entre a produção e o consumo em que este último tende a manter-se sensìvelmente constante — quando não sofre contracção — enquanto aquela não tem cessado de crescer, senão já pelo alargamento das áreas cultivadas, pelo menos graças ao acréscimo, com carácter persistente, dos rendimentos unitários.

Em face desta tendência os países produtores que fazem parte de zonas preferenciais, e os associados destes, porfiam em reservas para a própria produção os mercados internos ou em assegurar-se condições de protecção que colocam os vinhos do exterior em situação de considerável desvantagem.

Como membros de um desses agrupamentos preferenciais de benefícios não extensivos á agricultura tem-se-nos deparado uma situação particularmente delicada em que, a compensar o desfavor de um regime de protecção aos seus próprios vinhos na Comunidade Económica da Europa não podemos contar com um regime de favor no quadro da E. F. T. A.

Resta-nos assim — e dela temos procurado beneficiar — a tendência manifestada no mercado mundial para uma crescente participação dos vinhos de qualidade no consumo total.

Política vinícola para 1970

Salientou, depois o dr. Xavier Pintado, que em vista desta situação se tem procurado enveredar pelo estímulo á produção de qualidade, o que se conseguiu em larga medida devido á cooperativização e ao aperfeiçoamento de algumas empresas. Por fim, o secretário de Estado do Comércio definiu as directrizes do Ministério da Economia na linha das orientações expressas na Proposta de Lei de Meios para o próximo ano:

1.º — Intensificar as acções de propaganda dos vinhos de marca; 2.º — Proceder a uma aplicação crescentemente selectiva dos apoios á exportação, quer por tipos de vinho, quer por mercados; 3.º — Favorecer a substituição gradual dos vinhos de lote por vinhos de marca nos mercados sujeitos a contingente e promover a redução do numero de marcas susceptíveis de causar a confusão do publico consumidor; 4.º — Fazer acompanhar este esforço de promoção no exterior de acções de fomento da qualidade do produto nomeadamente através de: a) — Apoios ás cooperativas na introdução de melhorias tecnológicas; b) — Aumento da capacidade de armazenagem; c) — Criação de incentivos e facilidades de financiamento para apoio á armazenagem e instituição de regimes de warrantagem apropriados.

A encerrar a cerimónia falou o eng.º Tovar Faro, que se manifestou desvanecido com a nomeação para o seu novo cargo e prometeu dar o melhor do seu esforço no cumprimento das respectivas atribuições, para o que solicitou a colaboração de todos os que trabalham na Junta Nacional do Vinho.

Um aspecto da cerimónia da posse

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental o céu estava pouco nublado, nas regiões a norte do sistema montanhoso Lousã-Estrela e muito nublado a sul do referido sistema. O vento era fraco do quadrante leste.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS — Coimbra, 3°; Faro, 12°; Funchal, 16°; Lisboa, 6°; Penhas Douradas, 1°; Portalegre, 8°; Porto, 2°. TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera: na água do mar: 18°.

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ

A norte do sistema montanhoso Lousã-Estrela, céu pouco nublado; a sul do referido sistema, períodos de céu muito nublado; possibilidade de chuva ou aguaceiros no Algarve e Baixo Alentejo. Em todo o território, vento fraco do quadrante Leste, formação de geada nas terras mais abrigadas do interior; condições favoráveis á ocorrência de nevoeiro matinal.

Amanhã:
Nascer ás 8 e 46
Ocaso ás 18 e 15

Dia 16 Dia 23 Dia 31 Dia 7

MARÉS:

PREIA-MAR: **Dia 11** — 5 e 20 (4,1 m); 17 e 51 (3,8 m). **Dia 12** — 6 e 10 (4,1 m); 18 e 43 (3,7 m). **Dia 13** — 6 e 58 (4,0 m); 19 e 34 (3,6 m). BAIXA-MAR — **Dia 11** — 11 e 10 (0,8 m); 23 e 26 (0,6 m) **Dia 12** — 12 (0,9 m). **Dia 13** — 0 e 11 (1,2 m); 12 e 50 (1,1 m).

De vez em quando

A recente descoberta de antigenes capazes de levar à obtenção do virus causador do cancro, que por sua vez será meio caminho andado para encontrar a ansiada vacina contra o terrível mal, pode considerar-se a melhor prenda de Natal oferecida à humanidade nesta quadra de esperanças renascidas. Dentro de dez anos, prometem os cientistas, a miraculosa vacina poderá ser uma realidade. E' só os muito cépticos — em face das mil maravilhas dos últimos anos — porão em dúvida as fortes possibilidades da ciência actual cumprir a promessa. Com uma pontinha de boa vontade, pode acreditar-se que, ao findar a década de 70, o homem só tenha a preocupá-lo dois flagelos — a guerra e os acidentes de viação, para os quais, francamente, não vejo sinais certos de cura.

V. D.

Gela a água

BRAGANÇA, 11. — Começou a gelar a água nas canalizações de muitas das casas desta cidade, nomeadamente nas dos bairros suburbanos.

O frio tem aumentado de dia para dia.

Hoje, ás 9 horas, o termómetro marcava na atmosfera e á sombra 7 graus negativos.

Ruiu um prédio em construção

Estão a ser construídos, em Campolide, cinco grandes blocos de três pisos, em substituição das antigas instalações da C. P., demolidas em 1968, aquando da abertura da Avenida Gulbenkian. A obra, está a ser executada entre esta avenida e a estação de Campolide, no prolongamento da Calçada dos Mestres.

Esta manhã, cerca das 10 e 15, quando cinco operários procediam ao enchimento da cofragem das placas do grupo de edifícios, um dos pilares cedeu, segundo parece devido ao alui mento do terreno, e ruiu. Na queda foram arrastados três dos operários — Delfim Dionísio Pereira, de 28 anos, casado, Rua Samaritana, 531, A, porta 12, Bairro da Liberdade; Manuel Abreu de Matos, de 35 anos, solteiro, Rua das Palmeiras, 44; e Américo Fernandes, de 35 anos, casado, Rua dos Soeiros, A-to dos Moinhos, Rua 3, porta 10.

Foram socorridos pelos seus colegas e conduzidos em carros particulares ao Hospital de S. José.

A construção dos edifícios está confiada á Empresa de Estudos e Construções, Lda. que tem como técnico responsável o sr. eng.º José Américo Rocha Dantas e encarregado o sr. Mário Rodrigues Tiago. A construção das estruturas de betão armado, no entanto, foi cedida de empreitada ao sr. António Pedro Brito.

A construção do bloco de edifícios foi iniciada em Maio último.

No local compareceu material e pessoal da 1.ª Companhia e Companhia de Reforço do B. S. B. sob a orientação dos chefes Custódio e Mário de Almeida.

Após o desabamento o encarregado da obra sr. Mário Rodrigues Tiago ausentou-se.

DACTILÓGRAFA

Precisa-se, culta, educada, boa apresentação, grande prática daotilografia.

Resposta indicando dados pessoais, habilitações, referências e ordenado pretendido a este jornal ao n.º 530.

Guarda-se sigilo.

SUPLEMENTO
Diário de Lisboa
LITERÁRIO

N.º 592/11 DE DEZEMBRO DE 1969

crónica crítica **alexandre pinheiro torres**

HOJE, NA PÁGINA 8, A. PINHEIRO TORRES RETOMA A CRÍTICA (OU CRÓNICA) LITERÁRIA

António Ramos Rosa ou o excesso do real

por Eduardo Lourenço

Tudo o que sei já lá está, mas não estão os meus passos nem os meus braços.

RAMOS ROSA

NUM CERTO SENTIDO só falamos de nós. Contudo, as nossas palavras essenciais falam sózinhas. Nós pronunciamo-las para nos falar. A plenitude frágil dessa autonomia de uma palavra que é menos nossa do que nós somos dela guarda como o diamante a luz do ser que nos é acessível. Como o diamante ela é o resultado da mais rara das vitórias sobre a noite, opacidade nossa e do mundo, vitória sempre precária pois sob a transparência é fácil descobrir o carvão transfigurado. Esta palavra que é suprema nomeação sem a poder ser totalmente, que pede e suporta a metamorfose permanente que a tira da morte para a vida é um dos nomes da Poesia. A palavra através da qual Ramos Rosa nos fala e se fala, para dizer e se apropriar do que de algum modo *já está aí* e misteriosamente nos escapa, é sem duvida uma, senão a mais explícita das nossas palavras poéticas conscientes dessa intrínseca precariedade. Mas exactamente por isso aquela que primeiro também com consciente e perseverante destino buscou, e busca, para essa mesma palavra, a escrutura de cristal que a subtraia, senão á morte, pelo menos á sombra com que ela embacia tudo quanto toca. Assim, a sua poesia inteira é o lugar de um confronto entre os poderes e os sortilégios de uma Ausência indesarmável e de uma Presença apaziguante e inesgotável, conjuntamente investida das miragens supremas da luz e da Terra. Na aparência, é esta dialéctica a mais clássica e por assim dizer o coração perene de toda a Lírica. Na verdade, a Ausência tem na visão de Ramos Rosa uma função e uma estrutura original. Ela não é nem metafísica como em Pessoa, nem psicológica como em Régio, nem ideológica como no neo-realismo. É a simples sombra, mas dura e persistente sombra, que nasce dos pés da própria Realidade, da presença comum e excessiva do mais simples objecto.

A aventura exemplar da poesia de Ramos Rosa, ainda em curso, mas decerto determinada já por um brilhante passado que se deixa ler na trama luminosa e ardente que a constitui, não saiu armada da cabeça de nenhum Apolo Musageta, mas nasce e toma forma no interior de um complexo poético particularmente rico, e sobretudo, atento como jamais o fora, entre nós, ao fenómeno poético e ao seu impacto na totalidade da nossa existência pessoal, cultural e histórica. Desta autoconsciência, refinada até nos limites da autodestruição, é justamente Ramos Rosa uma das mais completas expressões. A tal ponto que se seria tentado a empregar a seu respeito o paradoxal epíteto de *poesia crítica*. Todavia, não só o nosso contexto semântico o não autorizaria sem grave entorse e fatal equívoco, como na verdade não corresponde á poesia do autor de *Ocupação do Espaço*.

Um conhecido crítico admirou-se de não encontrar na poesia de Ramos Rosa a projecção, ou pelo menos, o eco das análises teóricas consagradas á poesia dos outros pelo notável crítico de poesia que é também António Ramos Rosa. Haveria assim, aliás muito clássica e justificadamente, uma separação, para não dizer oposição ou ignorância, do poeta e do crítico. Esta observação, se marca um certo aspecto da questão, parece-nos bem exterior e releva da muito enraizada e talvez indesraizável oposição de crítica e poesia. Ora, precisamente Ramos Rosa nasceu para a poesia no momento exacto em que a maneira de pensar esse axioma da poética clássica sofria o seu primeiro abalo. E poucos como ele souberam extrair-lhe as consequências.

A deflagração do universo poético de Fernando Pessoa, então em plena apoteose, mostrara como a mais radical lucidez, aquela que normalmente se exige do discurso crítico integrava e mesmo

(Continua na página seguinte)

Ramos Rosa: invenção permanente de um novo olhar poético

Alves Redol e o seu amigo Constantino

Os rumos e as lições da obra de Alves Redol

por Urbano Tavares Rodrigues

HÁ DIAS que o corpo de António Alves Redol desceu à terra, quase ao pôr-do-sol, numa campa rasa do cemitério de Vila Franca, em meio dos amigos e do povo, que se despedia do seu escritor, com lágrimas nos olhos.

No regresso a Lisboa, com uma noite serena e fria a cobrir já a fita rolante dos automóveis de domingo, alheios àquela perda tão grande para nós, vim imaginando na vida do Redol, desde o berço ribatejano à sua entrada, tão cedo, no mundo adulto do trabalho penoso, à imensa ânsia de cultura que dele fez não um vulgar autodidacta mas um artista sempre em busca de conhecimento e de perfeição, crescendo como romancista, de livro para livro, na mesma linha de rumo, até à realização dessa autêntica obra-prima da literatura portuguesa e da literatura universal que é «Barranco de Cegos». Apercebi-me, de súbito, de um claro paralelismo, que não me lembro de ver suficientemente ressaltado, entre Máximo Gorki e o nosso Redol. Em ambos, a mesma extracção popular, a mesma existência ambulante, a mesma vontade firme de intervir pela palavra e pelo acto. De onde a necessidade do teatro que ambos experimentaram tão fortemente. Ou não fosse o teatro a arte política por excelência. Aquela que congrega a comunidade, que elucida a *polis* sobre o seu trajecto no tempo e a sua situação no espaço, que revela o excepcional, o trágico, a partir do que aos homens é comum, que elabora a imagem do futuro com a representação, com a explicação do presente, com os nervos e o sangue da quotidiana massa anónima. Aliás, o próprio Redol deixou bem vincada essa nítida direcção do seu teatro no prefácio de «O destino morreu de repente»: «... Vai cair-me em cima um labéu já antigo, que, afinal, só me desvanece: o de querer intervir. Penso que toda a arte é intervenção e diálo-

go, mesmo que pareça evasiva, pois fazer arte é escolher. E escolher é preferir».

Pode uma peça como «Forja» afigurar-se, ao olhar crítico, quase contraditória, ou não muito didáctica, na medida em que vista de relance, mistura os problemas ou não os hierarquiza suficientemente. No entanto, o apego do artista ao seu ofício e a sua resistência à cultura ou a uma vida mais livre, a que os filhos aspiram, inserem-se no processo evolutivo de toda essa sociedade, embora sem carácter de denúncia política. Mas a verdade é que a política, se não enraiza nos pensamentos, nos sentimentos, nos actos quotidianos, a breve trecho se torna utopia ou sonho nefasto, desumanizador. E essa é uma das lições que nos dá a obra de Alves Redol, cuja perspectiva socialista tem como vértice o fulcro da vida.

Tornando à comparação com Gorki, lembremo-nos de que Redol, tal o autor de «A Mãe», não só veio do povo, mas edifica com o povo, com as suas vivências no meio do povo, o edifício que, para esse mesmo povo amassou palavra a palavra, frase a frase, página a página. Inclusivamente conseguiu o milagre, tão raro entre nós, de ser lido pelo povo. E ambicionava o grande surto de uma cultura popular, única via de autêntica liberdade para uma nação. Deu todo o seu apoio ao fomento de associações recreativas, de bibliotecas. Como deixar pois de o associar a essa calorosa esperança que Gorki depositava num humanismo novo, através do incremento do ensino e da leitura a sua pátria? Porém, uma obra de arte não deve avaliar-se apenas por comparação com o passado e menos ainda em função de critérios preestabelecidos, senão pelo que nos traz de verdadeira e profundamente original. «Toda a obra de arte autêntica — diz Garaudy — exprime uma presença do homem no mundo. E o que encontramos na ficção de Alves Redol é efectivamente essa presença: Zé Diabo Negro, Mari'Estrela, João Carrami-

(Continua na 6.ª página)

António Ramos Rosa

(Continuação da pág. anterior)

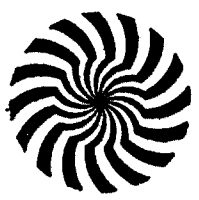
sustentava uma arquitectura poética de inegável fascinação. Dessas miraculosas núpcias da lucidez e da emoção tanto se podia ter concluido que a razão era poética como a poesia a mais alta razão. Foi esta ultima a vivência de toda uma geração de poetas e criticos que por causa dela e através dela instauraram uma nova visão critica e descobriram no fazer poético uma aventura de nomeação integral. quer dizer, de ontologia. Era afinal e com decidida aplicação, a maneira de tornar a sério o célebre distico de Novalis que muito justamente havia presidido á edição do mesmo Pessoa: «quanto mais poético mais real». Era também o fim, e muito mais radical do que o parecera sob a forma do neo-realismo, de uma distinção radical entre poesia e critica que constitui o verdadeiro pólo do presencismo crítico.

A verdade é que, sob essa separação e unindo atitudes que pareciam opostas, agia uma ideia, a mais clássica de todas, afinal. a que só agora começa a tomar foros de contraditória: a de que a Literatura fosse o lugar de uma palavra *realista* e o Realismo a óbvia concepção geral do mundo. O que, alguns, bem raros, começam a entrever nos anos 45 é o peso ontológico da poesia, o seu estatuto de lugar de revelação do real e não apenas a sumptuosa e suspeita manifestação do imaginário como expressão «divina» dos homens que na chamada «prosa» teriam os pés fincados na Terra. Essa descoberta — ou redescoberta na medida em que os exemplos soberanos de um Mallarmé e de um Rimbaud não haviam sido nunca incorporados entre nós á consciência poética — traduziu-se por uma espécie de deslumbramento, e finalmente. por uma autêntica *mitologia do poético*. A poesia é, ao mesmo tempo, o acto de visar a plenitude do real com toda a inocência e a promoção da inocência diante do real a pura poesia Pode dizer-se que ao reino tradicional da boa-consciência poética a que pertence ainda Pessoa, apesar das suas «Magas» ou por causa delas, sucede o da Poesia como boa-consciência, ideológica no neo-realismo, total e fulgurante em Sofia de Mello Breyner e Eugénio de Andrade. Através destas duas assunções da Poesia como nomeação sem sombra da realidade — mesmo quando nomeia as sombras dela — inventa o seu intinerário António Ramos Rosa Mas de cada lado da vereda por onde passa caminha o anjo flamejante do surrealismo pegando fogo aos seus próprios vestidos e inaugurando a Poesia como destruição do seu visceral conforto

A primeira e a mais pura expressão da Poesia como arquitectura do real, a mais límpida manifestação da entrega sem reservas aos sortilégios do «puro poético», parece-nos ser a poesia de Eugénio de Andrade. No momento exacto em que a Poesia Portuguesa se revê com a máxima complacência nos poemas de Pessoa, o poeta de *As Mãos e os Frutos* volta lenta mas seguramente a consciência poética das «ideias» e dos «problemas» para «as palavras» como duplo mágico e imediato do mundo. A plenitude deste movimento só mais tarde será visível para todos mas já transparece nos adolescentes êxtases diante do rio ou da fonte em *Pureza*. Não significa isso que a consciência do poético seja inexistente em Eugénio de Andrade Pelo contrário poucos poetas terá havido entre nós que tanto tenham metido sobre «o material poético», sobre a sua euritmia e sua externa musicalidade. Exactamente por isso pôde conceber o poema como beleza objectal. se assim se pode falar. O poema é, para Eugénio de Andrade, *a sua* morada de cristal, o lugar em que ele vive a sua plenitude ou a plenitude do seu encontro com os outros e o mundo. o mundo aparecendo sempre nele apenas como elo ou passagem para a glorificação do seu próprio-ser-poeta. Mas o poema é também, ou visa ser, *morada de cristal*, pura transparência sem feito. A exterior perfeição do poema — e Eugénio de Andrade foi o primeiro a concebê-lo como *ânfora* como ser análogo da estátua ou rio, como qualquer coisa de «tocável» de «gozável» até — restaura o equilíbrio da Vida. a sua ameaça latente, mas no fundo incapaz de anular o êxtase cósmico vital espermático de que o poeta é expressão viva e sempre renovada.

Se nos referimos a Eugénio de Andrade não é apenas por supô-lo centro de uma nova consciência poética, mas também pelas analogias — á primeira vista inegáveis — entre a sua poesia e uma certa fase poética de Ramos Rosa, para já não falarmos no carácter «terrestre», solar, dos seus dois mundos. A verdade, porém, e que a atitude de Ramos Rosa em relação a essa vivência do primado ontológico da Poesia será muito diversa da do poeta de *Ostinato Rigore*. Ramos Rosa irá tomá-la, ao mesmo tempo como um dado e uma dificuldade. A sua poesia, na hora em que ganhará os traços que as distinguem no nosso panorama contemporâneo vai saber-se como palavra que se esforça pela sua própria plenitude, não como plenitude cumprida A poesia será para ele palavra a quem não é dado de «emblée» a faculdade de dizer poéticamente o mundo sem se ver a si própria posta em causa. Por isso se pode dizer que a poesia de Ramos Rosa é a primeira, entre nós (com uma espécie de prémonição em Casais Monteiro) que oscila entre *uma má consciência a respeito dos seus poderes e uma boa consciência ideal* que é o carácter próprio da poesia tradicional. Nesse sentido, poder-se-ia falar. pois, de *poesia crítica*, mas este carácter «critico» mais não é do que a presença da exigência poética, a consciência funda da dificuldade da palavra poética para se justificar. A sua fonte é pois, a poesia mesma e não surpreende que o ilustre critico por nós invocado a não tenha visto. Ela está incorporada ao próprio processo. Ela faz parte de um novo olhar poético. E todo o itinerário de Ramos Rosa mais não é que a invenção permanente desse olhar. Nunca nos descrevemos melhor que nas palavras endereçadas a outros, sobretudo aos que admiramos. A propósito de dois poetas franceses, que muito preza, Ramos Rosa emprega as duas expressões: «a poesia como restituição do real» e «a poesia como afirmação do real». Entre estes dois pólos oscila o seu próprio fazer poético.

O poema não é para António Ramos Rosa nem realidade paradisíaca, nem o seu análogo imagético ou alegórico, nem plenitude de nehuma espécie, mas simples lugar da luta por uma unidade — uma unificação sobretudo—jamais dada nem jamais alcançada e no entanto presente pelo palpável e fulgurante excesso que o contacto com o real estabelece em nós. Ou talvez. melhor ainda, pelo descontacto, a falha que só o poema premente busca aniquilar. refazendo às apalpadelas o milagre monstruoso de uma coincidência anterior a todas as

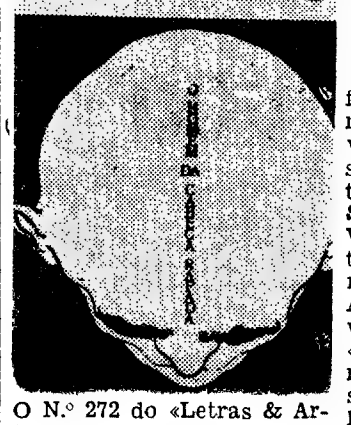


palavras que podem falar dela. É uma aventura ontológica como a de toda a poesia autêntica a de Ramos Rosa, mas é igualmente aventura «mistica», de um misticismo de olhos abertos, ofuscado, por assim dizer. pelo mais paradoxal dos sofrimentos, aquele que é causado pelo esplendor da realidade. pelo seu excesso. pela sua demoníaca plenitude. Nunca o poema estará no lugar do real. Nunca o poema será eco ou refiguração de uma *ausência* primordial, metafisica, como a que alimenta a lirica moderna e seu intrinseco niilismo. A poesia de Ramos Rosa é uma poesia solar e quotidiana, uma realidade branca como sugeriu Vergílio Ferreira Mas de um sol que cria entre as coisas ou nos olhos que as fitam intermitentes «pontos negros» que no-los ocultam e nos cegam. Ramos Rosa vive a sério o que Caeiro assumiu no plano de uma secreta — mas já dolorosa — ironia As coisas não só são reais da realidade que lhes pertence como de toda a realidade macrocosmos e microcosmos. Impossivel dizê-las ou dizer-mo-nos através delas. sem dizer o todo de que elas são a escada de Jacob sem céu nem terra em que se implante. Ao Poeta cabe inventar com os poemas os sonhos precários de uma condição que há muito os anjos desertaram Mas nenhum poema lhe dará jamais aquele repouso que as coisas lhe davam quando supunha ter em sua mão as palavras para as nomear

EDUARDO LOURENÇO

letras & artes

Delvaux no «L & A»



O N.º 272 do «Letras & Artes» poderia ter tido uma utilidade imediata. Consagrado, em grande parte e muito justa e oportunamente, a esse genial cineasta que é André Delvaux, bizarrias da distribuição fazem retirar do cartaz «O Homem da Cabeça Rapada» no momento em que o «L & A» é posto à venda.

O jornal, como é óbvio, fez o que lhe coube — e muito fez e bem: a entrevista com Delvaux, apresentada, conduzida e anotada por Alberto Seixas Santos e António-Pedro Vasconcelos, é mesmo um trabalho de ficar como dos mais notáveis no género. Ainda na rubrica — Delvaux, acresce a análise a «Laços Eternos» (outro filme, pelos vistos, **maldito**...) subscrita por Ricardo Cruz Filipe.

Fernando Pernes, na esteira da homenagem ao cineasta belga, fala de «Um outro Delvaux em breves palavras». Esse outro é o pintor Paul Delvaux, de cosmovisão muito análoga à do seu homónimo das câmaras.

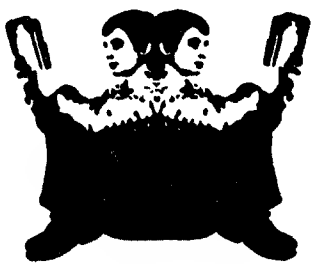
No sumário do «Jornal de Letras & Artes» (onde surge, traduzido, o último capítulo da obra «Bosch», de José-Augusto França, publicada pelas Editions Rencontre; um texto de Duarte Nuno Simões e um testemunho de Ernesto N. Rogers sobre o arquitecto Mies Van Der Rohe; o 4.º artigo do estudo «Da Violência em Poesia», de Manuel Gusmão; e as habituais secções «Pare, Escute e Olhe» e «Actualidade L & A»), salienta-se uma nova rubrica — «Antologia» — desta vez preenchida com poemas de quatro novíssimos: João Miguel Fernandes Jorge, Rui Dinis, Manuel Gusmão e Nuno Júdice.

A apresentação gráfica, de gosto seguro, é assinada, como habitualmente nesta nova série do «L & A», por Manuel Simões.

A Oeste algo de novo

«OESTE CULTURAL» é o «Suplemento de Literatura — Arte Pensamento - -Acção» do jornal «*Badaladas*, de Torres Vedras. Saiu agora o n.º 1, referente a Novembro. e é dirigido por D'Andrade Santos. Nas suas seis páginas, graficamente sóbrias e arrumadas, agiganta-se o inquérito «Esventrar uma Problemática S o ciocultural», dirigido pelo orientador do Suplemento, e a que responde ele próprio (na parte referente á «Literatura»), António Sales («Cinema»). Martins Severino («Teatro») e José Maria Chichorro («Música»); o suplemento inclui ainda «O Conto dos Chineses», de José Cardoso Pires, dois poemas de Maria Teresa Horta, e uma página de critica, assinada por Venerando Matos (secção literária) e D'Andrade Santos (cinema).

É de saudar o aparecimento de «Oeste Cultural» — uma folha de programa ambicioso e de orientação já seguramente definida neste primeiro número. Também no campo das Artes e das Letras a Im-



prensa regional tem seu papel, importantíssimo, a cumprir Em tal terreno, todo o Portugal está (sempre) por fazer.

Uma lição a multiplicar

POR INICIATIVA e sob a orientação de Vítor Cardoso, responsável pela página de cinema do «Jornal do Barreiro», iniciou-se a 26 de Novembro um Curso de Iniciação Cinematográfica na Secção do Barreiro do Liceu Nacional de Setúbal. O Curso terá a duração de três meses, durante os quais serão dadas aulas periódicas, sempre que possível acompanhadas de projecções de filmes, cujas rubricas irão desde a origem do cinema até à actual conjuntura das diversas cinematografias mundiais, em especial a portuguesa.

O primeiro inquérito realizado junto dos alunos (responderam 34 jovens, 10 raparigas e 24 rapazes, de idades compreendidas entre os 13 e os 17 anos) permitiu já alguns resultados curiosos. Assim, à pergunta «Lês habitualmente revistas de cinema?», 19 alunos responderam afirmativamente, embora uma larga percentagem (11) indicasse a sua preferência pela revista «Plateia» e só um aluno preferisse a «Plano». A influência da crítica foi igualmente notada nas razões de preferência para a ida ao cinema, suplantando mesmo a atracção dos actores famosos ou o nome dos realizadores. Enfim, 32 dos 34 jovens vêem, em média, quatro a cinco espectáculos cinematográficos por mês — média razoável se se atender ao preço dos bilhetes e ao limitado poder económico dos estudantes.

As respostas a este inquérito, que foi realizado na primeira aula do Curso, são comentadas por Vítor Cardoso, que assim as transforma em outros tantos dados para uma efectiva iniciação cinematográfica.

Trabalho notável, este — e uma lição a multiplicar. São necessários muitos Barreiros em Portugal...

com livros VERBO é mais NATAL

ARS MUNDI

Panorâmica da arte universal: Numerosas ilustrações a cores e a preto em cada volume. Documentação completíssima sobre a arte de todos os povos e em todas as épocas, sublinhada por textos elucidativos pelo pormenor e objectividade.

Volumes publicados: *Pintura Medieval, Oriente Antigo, Renascimento e Barroco I, Extremo Oriente, Barroco II e Rococó, Índia.*

«Líricas» em directo

Amanhã, 12, 6.ª-feira, realiza-se na Livraria-Galeria 111 uma sessão dedicada à antologia «Líricas Portuguesas» (4.ª Série), que será apresentada pelo seu organizador, António Ramos Rosa. Estarão presentes alguns dos autores antologiados, que lerão os seus poemas.

MORÆS editores

APRESENTAM ALGO DE NOVO NA LITERATURA PORTUGUESA DE HOJE

MAINA MENDES

por

MARIA VELHO DA COSTA

A NOITE E O RISO

por

NUNO BRAGANÇA

Por dois caminhos diversos uma viragem decisiva no Romance português

Desenhos de Manuel Baptista

por Rocha de Sousa

MANUEL BAPTISTA
Galeria de Arte
Moderna, S. N. B. A.

OS MEUS ÚLTIMOS TRABALHOS são relevos monocrómicos, cuja nota dominante é uma grande economia de meios expressivos realçados por uma luz ambiencial que define, através da projecção de sombras subtis, uma superfície dinamizada segundo determinados ritmos.

Assim se exprimia Manuel Baptista em 1968, depois de interrogado acerca da sua obra. Recolher dos artistas tais declarações é importante. Dir-se-á que a descrição operada neste caso se caracteriza fundamentalmente pela ausência de espírito especulativo, inscrevendo apenas o que de sumário a obra comporta. Este é um dos nossos erros mais frequentes; exigimos, em vez da clareza e da urgente afirmação de base, uma especulação rebuscada mais paralela ao objecto de arte do que sobreponível à sua realidade.

OS PRINCÍPIOS ESQUECIDOS

«Um quadro é uma superfície coberta de cores dispostas segundo uma certa ordem», relembrou oportunamente Maurice Denis. Se a elementaridade desse princípio pode chocar logo à partida a verdade é que a sua contestação só pode fazer-se fora das intenções de quem o reafirmou. Por vezes, com efeito, é necessário retomar certas realidades no seu ponto de origem, ou na sua base, a fim de que reapareçam iluminadas de forma correcta e aliviadas de uma sobrecarga de conceitos que as confundem. Em geral, o artista está nesse aspecto muito mais disponível, ao contrário do que pode pensar-se pela mitificação tecida em torno do seu trabalho. O artista é de facto menos responsável por isso do que todos aqueles que o julgam e a sua disponibilidade resulta de uma experiência realizada no campo exacto do nascimento da obra,, da qual ele conhece melhor do que ninguém os limites e os problemas de base. A definição técnica que Manuel Baptista forneceu dos seus objectos joderá parecer elementar e por essa via de algum modo irónica. Mas é nessa elementaridade, e talvez nessa ironia obliqua ou sem deliberação, que reside o seu interesse. Por-

A VOZ DO AUTOR

O ponto de vista debatido pelas opiniões de um autor é facto importante para se apreciar a verdadeira direcção da sua pesquisa. Manuel Baptista defende um princípio de *universalização* das formas de arte, jogando portanto na construção de uma linguagem com base em elementos que, sendo embora descobertos pela experiência pesosal numa certa dimensão geográfica e humana, possam corresponder-se com variadíssimas capacidades de leitura. Esta tendência não exclui a arte que significa ao assumir no seu corpo os problemas específicos de um determinado momento histórico, mas corresponde efectivamente a uma atitude assumida pela consciência do nosso século, ainda que se possa argumentar que toda a arte reconhecida na sua dimensão maior entrou na história como forma universal de conhecimento. Manuel Baptista, ao contrariar qualquer possível tendência para a *regionalização* do seu vocabulário procura naturalmente criar formas que se sobreponham às fronteiras de um discurso identificável no espaço e no tempo.. *Claro que existe uma «mensagem», se assim lhe quisermos chamar, mas não no sentido de discurso. Quero dizer, «conteúdo» não se identifica com «assunto». As formas picturais são modelos autónomos que, evidentemente, têm a ver com a nossa experiência vivida e com todo o complexo individual e social. Uma pintura é uma coerência formal cujo conteúdo é, em grande parte, determinado pela nossa consciência intuitiva.* Esta orientação pressupõe uma técnica própria que exclui o *cliché* e as imagens da experiência corrente. A coerência do objecto é aí filtrada com todo o rigor, despojando-se cada vez mais das implicações imediatas que possam decorrer da sua realidade de partida.

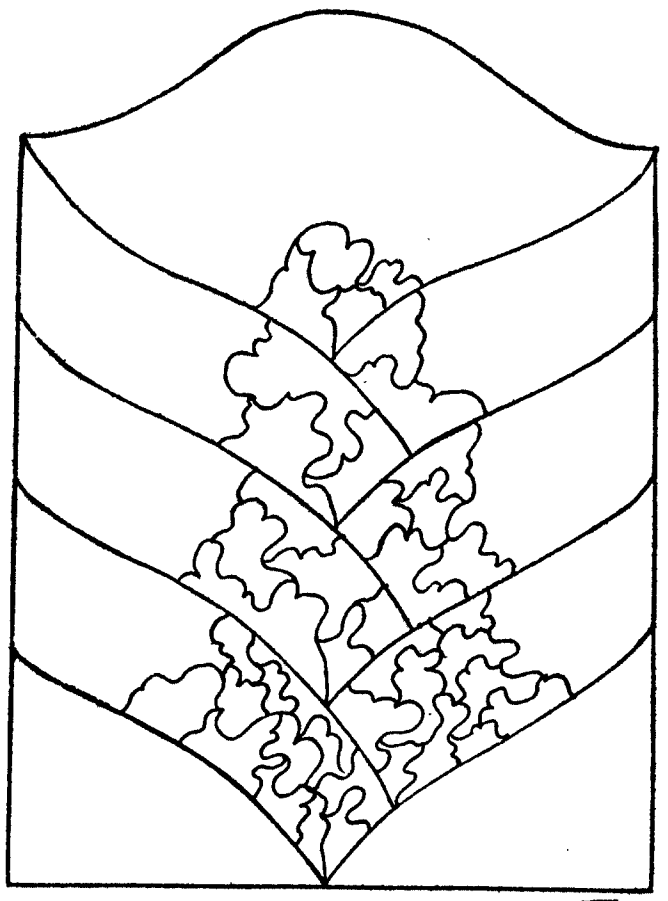
Esta realidade de partida, que parece não existir concretamente nos quadros de Manuel Baptista, é no entanto indispensável ao seu mecanismo de criação. Não se trata de um começo no sentido físico da palavra, com base no qual a obra se forme em termos de metamorfose sucessiva. Pelo contrário, trata-se de um princípio que reside nas aquisições já constituídas no decorrer da experiência existencial. A obra nasce informada por uma elaboração mental anterior, não em referência ao seu projecto particular mas em relação a um vasto material acumulado e disponível de que pode alimentar-se enquanto se faz. *Um simples pormenor de uma porta ou o perfil de uma montanha podem servir de molas propulsoras para a criação de um quadro.* Estas imagens estão no entanto já condicionadas a um esquema gráfico longamente adquirido, não passam de pretextos para a criação de uma realidade outra, aí onde o quadro se reconhece na sua autonomia e na sua condição expressiva particular. A manipulação dos materiais tem aqui uma importância fundamental na medida em que vai limitar, adaptar, truncar, estilizar as possíveis imagens impulsionadoras. Entre a organização de partida, os estudos, e a obra definitiva, no plano de uma oficina que não se oculta, há um lugar importante para a improvisação. Muitas vezes o próprio material sugere o expediente do seu manuseamento possível, daqui surgindo identificações com uma realidade experimentada e a breve trecho a sua transposição para uma linguagem gráfica que conquista ràpidamente toda a independência.

UM PROCESSO EM TRANSFORMAÇÃO

O material tem de facto uma importância muito definida e muito lógica na obra de Manuel Baptista. Ele é simultâneamente a condição plástica que dá corpo ao objecto e veículo de ligação com a ideia que serviu de **ponto de partida.** Poderemos dizer que esta verificação serve para todos os casos mas nem todos os autores a assumem com igual consciência dos limites e das propriedades. É frequente o *discurso* sobrepor-se à natureza dos materiais tendo estes de acomodar-se com maior ou menor adequação a um excesso de *escrita* que compromete a clareza dos resultados.

Manuel Baptista utilizou inicialmente trapos amarrotados que colava sobre um pano de tela e que pintava posteriormente com tintas ácidas, muito diluídas e quase homogéneas a fim de preservarem o sentido matérico da primeira operação. O carácter «expressionista» e «informal» de tais objectos sobrepunha-se a uma preocupação de base que era a de modular a luz contra o suporte aparentemente inerte. Prosseguindo na sua cuidadosa ordenação da linguagem, Manuel Baptista foi muito cedo capaz de despojar a sua pintura dessas implicações retóricas, reconduzindo os materiais a um funcionamento mais sucinto e incomparàvelmente mais eficaz: daí nasceram os seus relevos brancos em que o pano recortado decidia formas exactas contra o suporte, modulando a luz segundo linhas precisas. Assim se objectivaram não apenas as propriedades expressivas decorrentes da manipulação do material como também a sua capacidade de traduzir gràficamente as formas motoras.

A cor voltou mais tarde a integrar-se nos objectos de Manuel Baptista, mas irremediàvelmente circunscrita à mesma realidade, abarcando todas as superfícies num tom apenas ou desdobrando-se de acordo com as margens já resolvidas pela colagem. No entanto, e em relação aos relevos brancos, ela foi quase sempre acréscimo e não consequência do processo desenvolvido. É evidente que os objectos em que ela



Desenho (inédito) de Manuel Baptista

voltou a funcionar passaram a caracterizar-se por uma vibração mais variada, permitindo outras derivações afectivas. Do ponto de vista da percepção, no entanto, as realidades contidas no processo proposto não se alteraram substancialmente.

OS DESENHOS ACTUAIS

Presentemente, e por um período de tempo que não sabemos se virá a conter uma experiência mais vasta em relação a toda a sua obra, Manuel Baptista traz para o desenho a disciplina adquirida na sua fase dos relevos. Com efeito, a sua melhor produção no domínio do desenho é anterior às colagens referidas e muito mais paralela à crise *instintiva* das suas primeiras pinturas com trapos amarrotados. Não que tivesse a mesma violência. Pelo contrário, acusava uma carga poética, de natureza lírica, que pode em certa medida aproximá-la da serena delicadeza dos relevos brancos. Mas nascia de um mecanismo de escrita muito mais imediato, ao sabor de uma necessidade de expressão que só na aparência se limitava ao essencial. O traço vivia de hesitações tàcitamente exploradas, sobrepondo-se ou completando uma variedade de aguadas cuja hábil improvisação era evidente. O recurso a uma oficina em que os truques se tornavam responsáveis pelo espectáculo conduzia toda uma disciplina lírica para o excesso e para a facilidade, a despeito do seu brilho e da sua singularidade formal.

Os actuais desenhos de Manuel Baptista recusam todo o artificialismo e assumem amplamente a disciplina técnica alcançada no domínio dos relevos. O mecanismo de produção das formas é bàsicamente o mesmo, isto é, decorre de sugestões colhidas ao nível de certas aparências a breve trecho transferidas para uma caligrafia rigorosa e autónoma. Os materiais são primários e manuseados com a mesma linear transparência. A mão está presente em toda a sua plenitude de acção, de rigor, de meditada agilidade, consciente do instrumento segura do seu itinerário. As formas repetem-se em sequências onde o ponto de partida é reconhecível apenas na utilização do mesmo esquema gráfico, mas este esquema desmente a permanência dos sentidos, alterando-se na cor, no material ou em certos aspectos que a repetição fatalmente completa e reorganiza. O desenho é assim uma espécie de meditação, de explicitação do mecanismo mais secreto que presidiu ao aparecimento da anterior pintura do artista, que deste modo se desvenda e equaciona.

Em Manuel Baptista, e por fim, põe-se um problema de sensibilidade muito particular que por vezes ilude a leitura das zonas mais profundas da sua proposição plástica. A densidade lírica das suas linhas e a aparente frivolidade das suas formas exigem do espectador um longo comprometimento que parta de uma zona íntima de contacto, aliás bem exemplificada nos desenhos em referência. A serenidade e a segurança pressupõem uma meditação sólida, que o espectador tem de prolongar. No mundo daí resultante existe um apelo subtil pelas formas de uma estética pretérita. Essas formas desenvolvem um jogo que é ao mesmo tempo saudosista e irónico, mas que se recupera para a actualidade com um sólido propósito de acção e uma coerência estilística invulgares.

EXPOSIÇÕES

GALERIA INTERIOR *Rua Camilo C. Branco*	**ANTÓNIO SENA,** com desenhos e colagens em que o papel da escrita reafirma a brevidade dos meios
GALERIA • JUDITE DACRUZ *Rua do Alecrim*	**JOÃO VIEIRA, NUNO SIQUEIRA, MENEZ e ROCHA DE SOUSA,** numa exposição colectiva de guachos e colagens.
GALERIA 111 *Campo Grande*	**VITOR FORTES,** com obras que confirmam a dinâmica da sua imagística dentro de uma construção atenta e rigorosa.
GALERIA DE ARTE MODERNA *S. N. B. A.* *Rua Barata Salgueiro*	**MANUEL BAPTISTA,** com desenhos em que o rigor e o despojamento da linguagem prolongam a experiência da sua pintura recente.
GALERIA S. MAMEDE *R. da Escola Politécnica*	**CARLOS CALVET,** numa exposição retrospectiva da sua actividade como pintor desde 1946.
GALERIA BUCHHOLZ *Rua Duque de Palmela*	**NORONHA DA COSTA,** com pinturas que prolongam a sua problemática no contexto de uma oficina extremamente apurada e eficaz.
S. E. I. T. *Palácio Foz* *Restauradores*	**HILÁRIO,** numa exposição de pintura em que procura, com algumas hesitações, reformular a sua obra.

com livros VERBO é mais NATAL

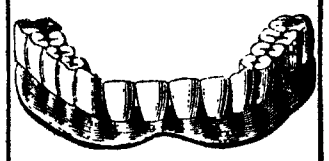
BIBLIOTECA DAS CIVILIZAÇÕES PRIMITIVAS

Uma introdução à História, à Arte e à Cultura das grandes civilizações, descrevendo e analisando os tempos mais remotos à luz das mais recentes descobertas da Arqueologia.

Volumes publicados: *A Pátria dos Heróis, A China, Os Caçadores da Idade da Pedra.*

JÁ CÁ CANTA!

ANTOLOGIA DO HUMOR PORTUGUÊS



FERNANDO RIBEIRO DE MELLO/EDIÇÕES AFRODITE
DISTRIBUIÇÃO: «QUADRANTE»

O MUSEU E O MUNDO DE HOJE

Folhetim artístico de José-Augusto França

ORGANIZOU a UNESCO, nos fins de Novembro, um colóquio internacional sobre o papel do Museu no mundo actual. 22 participantes e uma dúzia de observadores, entre os quais me encontrei, juntamente com o prof. René Berger, em nome da A. I. C. A. Vieram os participantes dos cinco cantos do mundo, e a sua colaboração verbal definiu-se em torno de três relatórios apresentados por G. H. Rivière, do Musée de l'Homme, de Paris («A intensificação da pesquisa científica e o desenvolvimento da produção artística»), pelo prof. J. Jelínek, da Checoslováquia («A difusão da cultura e o alargamento do público»), e por Duncan Cameron, director da «Conferência Canadiana das Artes», departamento governamental («As estruturas e a organização dos museus»). O tema geral foi assim dividido metódicamente — através dum notabilíssimo programa de discussão em 36 pontos (nem sempre directamente abordados), onde se notavam a intervenção de Rivière, a sua experiência, as suas teses e a sua admirável e inteligente combatividade.

A G. H. Rivière se ficou, de resto, devendo o mais interessante dos três relatórios — peça importante para o entendimento do magno problema proposto, e da problemática que ele envolve, num mundo em rápida modificação. As observações, por vezes apaixonadas, frequentemente irónicas, do criador do Musée de l'Homme garantem uma consciência da importancia que o museu tem de ter no mundo contemporâneo.

O MUSEU — qual museu — porquê o museu como museu?

Do templo das musas dos Alexandrinos, ao tesouro da catedral, às colecções régias que 1789 e as suas consequências foram tornando públicas — e às colecções burguesas que seguiram ou hão-de seguir o mesmo caminho de democratização cultural, o museu foi-se modificando. O que ele foi não torna a ser — e só aquilo que será hoje nos deve interessar. Tanto quanto é certo não existir hoje em dia um museu, ou uma definição de museu, conveniente ou acertada às nossas necessidades e, já, às nossas reclamações.

O ódio anárquico ao «museu» que acompanhou o solavanco universal (universal, acredite-se, mesmo em Portugal...) de Maio 68, fenómeno contestatário, filia-se necessàriamente na ignorância do que o museu seja, nesta sociedade de consumo e de «mass media», cuja informação se procura, dentro de esquemas mentais e sensitivos civados de vícios antigos e de terrores modernos.

AO LONGO de cinco inteiros dias de discussão e de troca de pontos de vista e de experiências particulares, entre representantes de países em diferentes estados de desenvolvimento ou de subdesenvolvimento, marcou-se sobretudo à crise, para uns de crescimento e para outros de mutação, em que os museus estão apanhados, parte componente duma rede cultural e informativa que são. E marcou-se também a linha geral de uma responsabilidade de nova e imaginosa inserção nos quadros sócioculturais da vida que havemos de viver. Aqui, ali e acolá...

Não me pareceram extremamente interessantes as intervenções dos convidados da UNESCO — com três ou quatro excepções: as de Rivière, sem dúvida, as de Varine-Bohan (director do ICOM), as do prof. C. Maltese e as da senhora Vatsyayan, do Ministério da Educação da Índia. Muita coisa óbvia, alguns mal-entendidos, vários desacertos e diversas inutilidades pontuaram os trabalhos, como é inevitável em colóquios internacionais, sobretudo quando não estão em jogo decisões precisas e práticas. O «desinteresse» das Ciências Humanas leva por vezes a uma certa irresponsabilidade — que acaba por se verificar só quando se chega a entender não haver ciências mais «interessadas» do que elas...

Tratou-se na UNESCO de museus de toda a ordem — científicos tanto como históricos, e isso não foi de molde a facilitar a metodologia do tratamento dos problemas. Em todo o caso, definiram-se certas permanências ao longo da discussão.

A RELAÇÃO entre o museu e o ensino, problema básico no plano comum da informação abordado muitas vezes, não poderia porém ser tratado agora — no próprio momento em que *também o ensino* está em redefinição... A interdependência de ambos, num contexto áudio-visual, exige achegas de ambas as partes — e de que serve falar em organização pedagógica dos museus se não se sabe de que pedagogia se trata? O que parece certo é que o conflito museu-universidade tende a ser ultrapassado

(Continua na 7.ª página)

Nuno Bragança: «não me comeniem ou classifiquem sem me terem lido»

Um novo

Entrevista com Nuno B

Ontem mesmo, dia 10, «aconteceu» a estreia literária de Nuno Bragança: nos escaparates dos livreiros surgiu «A Noite e o Riso» (ed. Moraes), um livro que se organiza — e se define — à volta da questão fulcral «o que diabo sou eu?»

Na circunstância (no circunstancialismo) da vida literária portuguesa, é sempre de saudar o aparecimento de um novo romancista — e com mais forte razão se esse novo romancista propõe (como somos levados a crer, numa primeira abordagem do caso literário de Nuno Bragança) um novo tipo de expressão romanesca. O livro aí está, posto à prova. Entretanto, julgámos de interesse imediato interrogar o autor de «A Noite e o Riso»: o que diabo é ele, autor, e o que diabo é o livro?

E aqui está a primeira entrevista concedida pelo novo romancista.

— «A Noite e o Riso» é a sua primeira obra literária?

— Aprendi a escrever sòzinho aos quatro anos, com uma máquina de escrever.

Desde a adolescência que sou incapaz de perceber uma coisa sem a reduzir a escrito. Tenho assim centenas de páginas escritas por tal razão. «A Noite e o Riso» é um naco dessa escrita que saltou para fora dos meus apontamentos pessoais.

— O que quer dizer com «saltou para fora»?

— A certa altura da minha vida — em 16 de Agosto de 1966, para ser exacto senti a urgência de perguntar a mim próprio por que motivo nunca escrevera para publicar. Como de costume, pus-me a escrever. A páginas tantas (é o termo) percebi que essa pergunta punha a minha pessoa em causa, e que a única maneira de procurar uma resposta séria seria tentar fazer um livro.

— Porquê um livro?

— Porque esse acto de escrever tornou evidente, para mim, que muito do que fiz a partir de certa idade tenra foi defender-me de ser *apanhado* pela exigência de me submeter à prova da publicação.

— Como classifica o género literário do livro que escreveu?

— Deus me livre doutra que dessa me safo eu. A *publicação*, para quem escreve, quer dizer que o verdadeiro sentido do escrito só pode ser alcançado pelo leitor. Ficarei a saber muito acerca do que escrevi, ou não escrevi, a partir do que «o outro», que é o leitor, descobrir ou não descobrir.

— Sob esse aspecto, o livro talvez seja ambíguo. Porque você emprega uma linguagem pouco complicada, pela qual nos dá uma série de episódios e personagens, e nisso a leitura é fácil e muitas vezes divertida. Mas não acha que o leitor, no fim, perguntará qualquer coisa como «o que diabo é isto?»

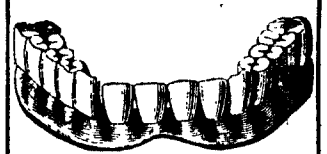
— É provável. Mas repare que a minha intenção foi exactamente alcançar uma unidade formal que desse corpo à pergunta «o que diabo sou eu?» Não é uma pergunta de vaidoso: uma pessoa que se interroga sèriamente sobre si própria interroga-se sobre o que é a vida humana, pelo menos tal como essa pessoa a conheceu.

— Considera que alcançou efectivamente essa unidade? Ou não terá ficado numa série de exercícios estilísticos reunidos em livro?

— Insisto no que disse há pouco: o livro foi-se construindo à volta duma interrogação que o autor fez a si próprio. A resposta, à medida que ia tomando forma escrita, levou-me a perceber a necessidade de me deixar arrastar atrás da mão que escrevia. Digo isto em todo o sentido da palavra, porque o acto de escrever este livro arrastou a minha pessoa toda para um viver diferente. Há nesta obra um carambolar constante entre o es-

JÁ CÁ CANTA!

ANTOLOGIA DO HUMOR PORTUGUÊS



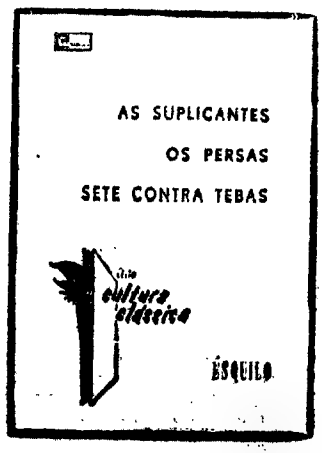
FERNANDO RIBEIRO DE MELLO-EDIÇÕES AFRODITE
DISTRIBUIÇÃO: «QUADRANTE»

Galeria Panorama lançou:

Três obras do grande clássico grego, requintadamente apresentadas num único volume encadernado a «balacron».

Consideramos o «Pai da Tragédia», Esquilo, que nos deu PROMETEU AGRILHOADO e a trilogia de ORÉSTIA, é considerado um dos maiores poetas de sempre, pela religiosidade e pela temática profundamente filosófica e penetrante da sua obra. A sua imaginação possante anima a natureza e legenda da Humanidade.

Tradução de Natália Correia



Peça dados bibliográficos à

GALERIA PANORAMA

Rua Alberto Aldim, Lote D
ALFRAGIDE (DAMAIA)

Já se inscreveu na Tertúlia do Livro?

GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA

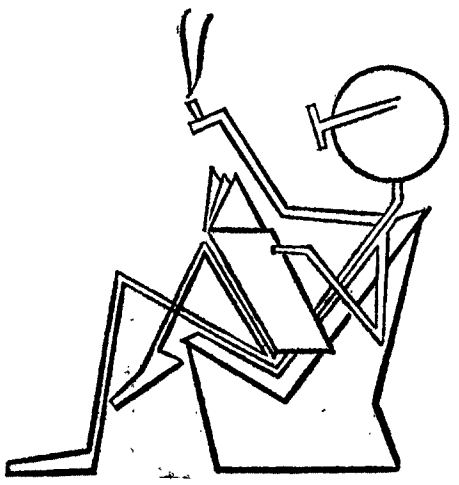
40 volumes

Todo o saber humano numa só obra!

ADQUIRA-A HOJE MESMO!

Editores: EDITORIAL ENCICLOPÉDIA, LDA.

O melhor e mais útil presente de Natal



A PRONTO OU A PRESTAÇÕES

(EM 30 PAGAMENTOS MENSAIS)

Rua António Maria Cardoso, 33-35 — LISBOA
Telefs.: P. B. C. 32 64 52 e 3 33 30

...o romancista

...no Bragança

crito e o vivido, apesar de a matéria-prima ser em grande parte constituida por pessoas e eventos cronològicamente já distantes. Ou melhor, talvez precisamente por causa disso. A unidade possível de «A Noite e o Riso» apareceu-me quando acabei de escrever um dado trecho, em Março de 1969. A notação final — «Azeitão, Agosto de 1966/ /Belgrado, Março de 1969» — representa um esforço para informar o leitor sobre o que acabou de ler, ou seja: uma construção com texto escrito «para trás» e «para a frente» dos poucos momentos do começo e no termo do texto da acção de escrever.

Isso não resultou de uma intenção inicial. Aconteceu simplesmente que a dada altura de andar por toda a espécie de sítios com um bloco de papel e uma caneta, encontrei-me diante dum trabalho acabado, que me «despedia» — embora com menos razões de segurança do que as de Rilke ao dar por finda a sua luta contra «Malte».

— *Que pensa da actual literatura portuguesa?*

— No n.º 71/72 da revista «O Tempo e o Modo», M. S. Lourenço apresenta uma tradução de Beckett na qual conseguiu dar em 1110 palavras o equivalente a um texto original, francês, de 1196 palavras. Digo «equivalente» porque Beckett aprovou a tradução. M. S. Lourenço acrescenta que este trabalho constitui uma espécie de prova de que a língua portuguesa pode ser tão ou mais sintética do que qualquer outra. Creio que todos os escritores portugueses contemporâneos, de uma maneira geral, ainda não ganharam a batalha contra o que Eça dizia ser a tradição fradesca em matéria sintáctica.

— *Como situa o seu livro em relação ao que acabou de dizer?*

— Talvez dizendo que ele encerra também uma interrogação deste género: o meu susto, diante da tarefa de escrever, não estaria relacionado com as dificuldades de uma prosa em que parece sempre necessário escrever tantas palavras para dizer tão pouco? A única resposta válida seria assumir essa dificuldade sem qualquer pretensão no sentido de a resolver numa primeira tentativa.

— *Quais os escritores que mais aprecia?*

— São tantos que tenho preguiça de os enumerar. Se insiste, citarei Fernão Mendes Pinto.

— *Que não fez economia de palavras...*

— Lembra-se da imagem dada pelo Hemingway acerca da síntese no diálogo, que devia ser como um *iceberg* cuja maior parte está oculta? Se considerarmos o objectivo desse autor (que seria famoso em todo o mundo se não fosse português), parece-me poder dizer que o que surge acima da superfície do mar onde António de Faria se afoga é muito menor do que aquilo de que somos informados sobre o que está por baixo desse mar onde António de Faria ainda hoje nos faz sentir os seus coices de afogado.

— *Que livros lia quando era criança?*

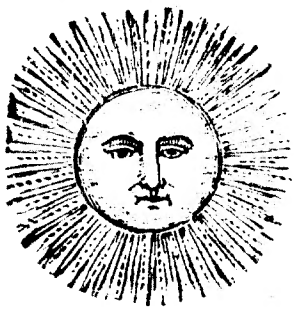
— De um ponto de vista cronológico, Emílio Salgari, como toda a gente. Enquanto escritor, o último livro que li antes desta entrevista.

— *Que pensa do problema, tão debatido, sobre o compromisso do escritor no terreno da política?*

— Que é um falso problema. Se uma obra literária é válida, qualquer coisa de novo surge no mundo, e esse resultado compromete necessàriamente o autor. Se a obra não resulta estèticamente válida, todas as intenções de acção sobre a organização da sociedade são pulverizadas. O tal compromisso não constitui uma intenção, mas um resultado. Há ainda outra coisa: se o artista é, por natureza, um ser contemporâneo (no sentido em que capta as características profundas do espaço e do tempo em que vive), a sua obra não pode deixar de prestar um contributo decisivo à inteligência da sua época, e das vindouras. Nenhuma obra literária válida é reaccionária. A leitura é que o pode ser, e o autor também, no campo dos seus actos extraliterários. O inferno da falsa literatura está cheio de boas intenções políticas. Vale a pena considerar alguns exemplos dados por Roland Barthes em «Le Degré Zéro de l'Écriture».

— *Como concebe que um autor de obras não reaccionárias o seja, pessoalmente?*

— O carácter específico da obra-de-arte pode fornecer ao autor um alibi para se furtar às opções



concretas que deverá tomar se quiser ser coerente com o que escreveu. O carácter necessàriamente apolítico e amoral da obra-de-arte não furta o autor às exigências de uma vida de pessoa. Dois exemplos: a pessoa Louis Ferdinand Destouches, que tomou posição pro-Vichy na guerra 39-45, foi incoerente com o escritor Céline que denunciou o facto de a guerra 14-18 ter servido apenas os interesses de uma classe dominante; ao passo que a pessoa Jean-Paul Sartre aceitando tomar posição em Maio de 68 situou-se na lógica das obras que escrevera. Isto dito, acrescento que o valor literário de «La Nausée» é para mim equivalente ao de «Voyage au Bout de la Nuit».

— *Sente-se satisfeito com «A Noite e o Riso»?*

— Satisfeito por ter ousado atirar-me para dentro da corrente da literatura publicada, dando assim um primeiro passo irreversível, não só no sentido de me expor ao juízo alheio como no de enfrentar o que me

metia medo porque não era outra coisa senão o mais profundo de mim próprio. Por outro lado, só agora percebo o que significa o «desemprego» do escritor quando se encontra na terra de ninguém entre o *já-escrito* e o *por-escrever*. Não é nada agradável. Sonum contexto sócio-político em que as limitações ao publicável são assinaláveis.

— *Que espera dos leitores e da crítica?*

— Que não me comentem ou classifiquem sem me terem lido.

com livros VERBO é mais NATAL

OBRAS COMPLETAS DE TOMAZ DE FIGUEIREDO
Um dos mais notáveis escritores portugueses

TEXTOS CLÁSSICOS
Os ensaios indispensáveis na biblioteca do universitário

PRESENÇAS
Ensaios e estudos universitários

BIBLIOTECA DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO
Os temas mais actuais da ciência ao alcance do grande público

A ARTE POPULAR EM PORTUGAL
Um verdadeiro museu de arte popular

AS GRANDES POLÉMICAS PORTUGUESAS
A primeira obra de conjunto dedicada à polémica em Portugal

A MODA
5000 anos de elegância

IMITAÇÃO DE CRISTO
Edição actualizada de um precioso documento de espiritualidade

AS RECEITAS DA TV
O espelho colorido e movimentado dos programas de MARIA DE LOURDES MODESTO

GRANDE ENCICLOPÉDIA DA COZINHA
de MARIA DE LOURDES MODESTO
Uma obra indispensável na biblioteca da mulher

GRANDES ESTUDOS CONTEMPORÂNEOS
Os melhores trabalhos de investigação, em todos os planos da vida

na colecção
AVENTURA INTERIOR
depois dos

MANIFESTOS DO SURREALISMO
de
ANDRÉ BRETON

MORÆS editores
apresentam os

CANTOS DE MALDOROR
de
LAUTRÉAMONT

Prefácio de Jorge Sena
Tradução de Pedro Tamen

Poetas portugueses em alemão

Esgotou-se rápidamente na Alemanha de Leste a antologia de poesia moderna portuguesa «Ich Kann de Liebe nicht vertagen» («Não posso adiar o amor»), que a Verlag Volk und Welt lançara há pouco tempo. O editor fez saber a novidade a Ilse Lose — a cujos bons ofícios principalmente se deve esta antologia — e confessou-se surpreendido. À vista, pois, uma segunda edição, o que é notável. Recordamos os poetas escolhidos (por Ilse Losa e Óscar Lopes): Fernando Pessoa, José Régio, José Gomes Ferreira, Vitorino Nemésio, Miguel Torga, António Gedeão, Manuel da Fonseca, Luís Veiga Leitão, Sophia de Mello Breyner Andresen, Carlos de Oliveira, Egito Gonçalves, Eugénio de Andrade, António Ramos Rosa, Alexandre O'Neill e Herberto Helder

Guy Menga, congolês

De Paris, vem a notícia de que o Grande Prémio Literário da África Negra (dois mil francos) foi atribuído ao escritor congolês (de Brazzaville) Guy Menga pelo seu romance «La palabre stéril». A escolha pertenceu, como do antecedente, ao juri da Associação dos Escritores de Língua Francesa, presidido este ano por Léonce Peillard.

Quem é Cortázar?

Ainda de Paris: o IV volume da «Encyclopaedia Universalis» acaba de sair. Vai do nosso conhecido Cortázar («Blow-up») ao grego Cacafy e inclui, entre outros artigos, um de Roger Garaudy sobre o Comunimo. A fortuna dos latino-americanos continua a crescer em França e já ninguém se admira de ver inclusivamente uma peça (vulgar) de Pablo Neruda no catálogo da Gallimard, como agora aconteceu (90 páginas, 5 francos, col. «Théâtre du Monde Entier») a «Esplendor e morte de Joaquín Murieta».

A «abelha» em Espanha

O romance *«Uma abelha na chuva»*, de Carlos de Oliveira, foi adoptado como livro de texto para a cadeira de Língua Portuguesa II na Universidade de Santiago de Compostela. Autor do cometimento, uma senhora: a leitora de Português — e jovem licenciada — Maria Helena Abreu.

Auden & Durrell

Dois autores ingleses em foco. W. H. Auden, o maior poeta dos anos trinta (hoje naturalizado, aliás, americano, depois de em 1939 ter emigrado para os Estados Unidos), acaba de publicar «City Without Walls» («Cidade Sem Paredes»), vinte xelins no catálogo da Faber & Faber. Lawrence Durrell, o ex-diplomata que ganhou fama e milhares de libras com o «Quarteto de Alexandria», verá um novo livro seu, «Nunquam», editado simultâneamente pela mesma Faber & Faber (em Londres) e pela Duttons (em Nova York) dentro de três meses. «Nunquam» e o seu antecessor «Tunc» foram entretanto comprados para adaptar ao cinema pelo produtor americano Ronald J. Kahn. Preço (de amigos): 500 mil dólares.

Sarrazin na «Poche»

A trágica morte de Albertine Sarrazin somou-se à adaptação cinematográfica de «L'Astragale» para fazer desta autora que hoje teria trinta e poucos anos um caso apaixonante da década em curso. Quem era ela? Uma ex-pensionista de reformatório, ex-prisioneira de Direito comum, ex-mulher da vida em época próxima da extrema juventude. Também um enorme talento de ficcionista, indiscutìvelmente muito maior e muito mais genuíno do que o do apenas curioso, embora truculento, autor de *Papillon*. Consagração «post-mortem»: as colecções de livros de bolso disputam o pouco que resta (três romances) de Albertine Sarrazin. Em França a corrida foi ganha por «Le Livre de Poche». Depois de uma venda maciça *(L'Astragale)* um «best-seller» em perspectiva com *La Cavale*, volume duplo ao preço — português — de 31$50 agora surgido nos escaparates.

Novidades

Novidades nas livrarias para atacar o Natal em força. Da Bertrand: mais um Latérguy («As muralhas de Israel»), mais um Peyrefitte («Os Americanos»), mais dois Julio Verne (I e II vols. de «A ilha misteriosa»). Da Editorial Início: «Che Guevara», de Martin Ebon, «A batalha de Guadalcanal», de Samuel B. Griffith II, «Mohammed V, Ferhat Abbas e Sékou Touré», de Jean Lacouture, e a reedição de «A Mãe», de Máximo Gorki.

Narrativa cubana

O que se escreve em Cuba? José Manuel Caballero Bonald, um dos melhores poetas espanhóis do momento, foi apurar «in loco» e trouxe de Havana a antologia *«Narrativa Cubana de la Revolución»* (Alianza Editorial, Madrid, 50 pesetas), com 24 ficcionistas que vão de Alejo Carpentier e José Lezama Lima aos jovens Jesús Díaz e Reinaldo Arenas, passando entre outros por Virgilio Piñera, Dora Alonso, Ambrosio Fornet, Antón Arrufat e Guillermo Cabrera Infante. O volume está á venda na Buchholz, onde também vimos (em tradução castelhana) o clássico *«Tirant lo blanc»*, do se's centista valenciano Joan Martorell, e os curiosos *«Cuentos»* de Pío Baroja.

A obra de Alves Redol

(Continuação da 1.ª página)

lo, o Zé Miguel, ou Miguel Rico, o Zé Segueiro, o João do Bulhaco: o povo português — avieiros, gaibéus, caiadores, eguariços, fangueiros, vagamundos, servos antigos e ferozes como o Bem-Fadado, gente de mirada altiva como o Manuel Caixinho, que vai buscar o pão onde ele se encontra

Redol era, além do mais, um saboroso contador de histórias. Nunca se furtou ao pitoresco nem ao lirismo; mesclara até, para relembrar mais uma vez o génio de Gorki, ingredientes românticos e fantásticos ao fluxo do seu realismo, e a sua atenta observação das condições de existência dos pescadores, dos rurais, ou dos transfugas, aventureiros, andarilhos, como o Cidro, como o Miguel Rico, não é apenas lúcida e rigorosa, tinge-se de emoção. Nunca, nas figuras recriadas por Redol se sentem a compaixão paternalista, a procura do exótico ou mesmo essa adesão tolstoiana, entre aristocrático a místico, ao santo povo, ao desgraçado povo, ao admirável, piolheiro, analfabeto, condenado povo de Portugal, atitude a que raros de entre nós, escritores que nos escolhemos solidários com essa mesma massa, teremos sempre conseguido eximir-nos. Redol é um dos do povo, mais ilustrado, dormindo já noutros lençóis, lendo todos os livros que a sua inestancável sede de saber cobiça, mas cem por cento fiel à origem, nos gostos, na opções, nas convicções absolutas. Nos seus romances e contos estrutura-se uma consciência de classe. Redol surpreende a consciência psicológica dos proletários e visa, com a sua obra, à formação de uma consciência de classe do proletariado, ainda quase sem realidade psicológica entre nós. De resto, vejamos, quantas das suas figuras não nos apontam o caminho ideológico que um proletário percorre? Todavia, a apologética política quase não se divisa, sob a forma que, por exemplo, assumia nas experiências do realismo socialista (ou até nos romances de Aragon mais próximos do neo-realismo português), no acervo da ficção de Redol. É que, mesmo sem tomarmos em conta as limitações da criação entre nós, nesse aspecto, a obra de Alves Redol arranca das origens. «Ser radical — alguém escreveu já — é pegar nas coisas pela raiz. Ora, para o homem, a raiz é o próprio homem». O radicalismo de Redol encontra-se nessa investigação do humano, que leva sempre em consideração as relações de trabalho, logo as barreiras de corte), nas investigações a que ele procede de modo cada vez mais fundo, mais rico e complexo, à medida que a sua obra cresce e abrange sectores de vida e de consciência cada vez mais amplos. Que romance entre nós melhor de que «Barranco de Cegos» apresentará, escom tão finas anotações morais, nunca moralizantes, os liames dessa sociedade de classes fachadas que Vitorino Magalhães Godinho classifica como sendo de antigo regime. Todavia, a visão do despotismo dessa falsa elite nunca é deformada pelo ódio, senão que Alves Redol consegue uma tal justeza, na sua amorosamente demiúrgica fixação do real, que sequer rouba às personagens dos déspotas, com Diogo Relvas, a agreste senhorialidade de que os seus gestos se ornam. Todos os valores, religiosos, políticos, mágicos, intelectuais, eróticos, de um mundo em trânsito se nos oferecem neste romance extraordinário, de cujo alcance porventura nem todos ainda nos teremos apercebido.

A seriedade total, o gosto da autocrítica, a liga de orgulho e de humildade, só na aparência paradoxa que definiam Alves Redol patenteiam-se nessas longas e esclarecedoras conversas com o leitor que são os antilógicos de algumas das suas últimas reedições.

Recentemente escreveu ele, no prefácio da 7.ª edição de «Fanga» estas palavras, que, pela sua actualidade e também por virem ao encontro do meu sentir, muito me apraz aqui registar: «Um escritor nasce todos os dias, insubmisso e firme, tanto para detectar injusticas, qualquer que seja a sociedade onde vive, como para repudiar o próprio ripanço que se apodera de alguns, quando aprendem, às vezes com verdadeira mestria, a fazer quatro ou cinco pontos de crochê».

«Detectar injustiças, qualquer que seja a sociedade viva». Assim se apresenta Alves Redol como o contrário de um escritor de encomenda e confirma o conceito por mim expresso em «Realismo, Arte de Vanguarda e Nova Cultura» de que só obras que nasçam de vivências, não apenas de propósitos, que sejam reflexo crítico da experiência, afeiçoadas com amor, com sofrimento e com esperança, poderão servir a arte e consequentemente a construção do socialismo. É claro que Redol evoluiu muito desde os manifestos, tão belo na sua ingenuidade apaixonada de Gaibéus e de «Fanga», até ao domínio da análise dialéctica com que elabora esse «Barranco de Cegos», onde todos os mecanismos da repressão («O medo é a melhor máquina da ordem» — diz Diogo Relvas) nos são, por exemplo, desvendados durante a luta das famílias possidentes contra a associação dos valadores, ainda em germe. Pressão económica, ameaça física, recurso aos motores psicológicos da humilhação. Em todo o romance, as figuras, sem a menor perda de autonomia caracteriológica, se explicam parcialmente pelo contexto socio-económico que as molda. Este foi o ponto de chegada de Redol.

Mas nunca na sua trajectória, plena de ternura e também por vezes de raiva, ele incorreu, como escritor total que era, no vício de distinguir entre literatura proletária a literatura burguesa, o que seria entre nós tanto mais utópico quanto já o era nos países socialistas ao tempo em que tal dicotomia tinha foros de lei. Não: o que as obras de Redol sempre tiveram, isso sim, foi uma perspectiva socialista. E um timbre de coisa autêntica em cada página, de verdade em fio, de carne viva que só pela maravilha da mais sangrenta e genuína fraternidade se pode entender. Ramos de Almeida afirmou: «Ninguém na literatura portuguesa — nem o nosso Ferreira de Castro, nem os brasileiros Jorge Amado, Armando Fontes ou José Lins do Rego — nos deram tais provas de amor pela gente do povo, porque há qualquer coisa de visceral e de essencial no romancista de «Gaibéus». E tinha razão.

O teatro lírico de Alves Redol, descendente nalguns aspectos, tal como o da primeira fase de Bernardo Santareno, do magistério e do fascínio de Lorca, é espelho do sofrimento do povo português. Aponta-nos, entretanto, do mesmo modo, e até com alcance alegórico, como em «A Forja» por exemplo e também em Maria Emília», a alienação da mulher e dos filhos, a exploração das crianças pobres e de raparigas (que já fora tema central de «Gaibéus»), o despotismo familiar e a progressiva intervenção da indústria nas alterações estruturais da família.

A última aventura teatral de Alves Redol, «O destino morreu de repente» permite-nos aquilatar do extraordinário enriquecimento dos instrumentos de que ele agora dispunha para se arrojar a esse cometimento que tanto o tentava, que o deslumbrava: levar ao palco a vida, iluminando-lhe as significações, decompondo sobre as tábuas o espectro do presente, para nelas edificar, em imagem ainda sibilina, a cilada do futuro. A morte roubou-vos cedo de mais o nosso Redol, quando precisamente ele atingia uma esplêndida maturidade, quand olhava com mais claro amor para os seres que o rodeavam e com mais tocante carinho e respeito para o mundo do palco que por estes dias lhe prestou homenagem: o encenador, os actores, todos os que, colectivamente, desde os maquinistas e os carpinteiros de cenas, às costureiras, às vedetas que abdicam de o ser, fazem esse milagre de inteligência, de arte ou de esforços conjugados, de entusiasmo sem limites, que é, na sua essência, ou que sempre deveria ser, o espectáculo de Teatro.

URBANO TAVARES RODRIGUES

PLANO

entre a máquina voadora
e a mini MESSA 2000
há um tempo de progresso

Apesar de combinarem a singular elegância de linhas com uma estrutura leve e equilibrada, separa-as todo um estilo de vida. A máquina voadora traduz o romantismo de uma época e a Mini-Messa 2000 a juventude de uma maquina de escrever dinâmica e moderna. Concebida para ser transportada como um objecto de uso pessoal, quase não tem peso. É ágil e elástica na sua batida, apurada na sua técnica de fabrico, sugestiva na suavidade das suas cores, belíssima no seu estojo de viagem. Embora portátil, a Mini-Messa 2000 foi feita para trabalhar e estudada para resistir.

Tem o carácter das máquinas de escrever MESSA.

MESSA

MÁQUINAS DE ESCREVER S. A. R. L. – Mem Martins

Serafino é sexacional

(Continuação da 8.ª página)

obra que não só *retrata*, como *propõe*. Pelo método escolhido, o filme não merece atenção especial, mas poderia (ainda assim) merecer alguma, caso as propostas fossem, apesar de tudo, aceitáveis de um ponto de vista moral (isto é social, isto é político). Mas, nesse aspecto *Serafino* é profundamente demagógico e reaccionário, como por exemplo se pode verificar nas relações que propõe entre homem e mulher (que aqui é sempre olhada como objecto, inclusive no caso da prostituta, apesar de tudo a figura mais curiosa do filme e que, no entanto, nunca tem opinião sobre o que quer que seja). Curioso será notar que os mesmos argumentos que servem agora para valorizar a *pureza* deste *Serafino* serviram já, muitas vezes, como argumentos válidos de detracção de outros filmes. Curioso é, por exemplo, o facto de Serafino pedir licença no quartel para ir á terra, «*porque há muito tempo que não vê mulher*». Isto mesmo se eu vi ser dado como prova da grande *pureza* deste camponês que tem constantemente a verdade na boca. Neste aspecto, nós, portugueses, não seremos castos (como quer o poeta), mas puros e de verdades ao canto da boca é um fartote. Basta dar grandes passeios aos domingos pelo Eduardo VII.

Mas *Serafino* poderia ser um filme de fácil aderência emotiva (e de nenhuma adesão racional), poderia até ser reaccionário por equívoco do realizador, mas poderia ser uma obra lograda de um ponto de vista estritamente cinematográfico. Nada disso acontece. O filme é grosseiro na linguagem (que faz as delícias das nossas *puras* plateias do Éden) e na definição de figuras. O facto do protagonista ser interpretado por um actor de rosto perfeitamente impassível e de recursos frustrantes, faz de Serafino não um fauno, mas um imbecil, um atrasado mental. Nada do que ele faz é tido como espontânea contestação de preconceitos obsoletos, mas simplesmente como consequência lógica da sua imperícia mental.

Evidentemente que um *herói* deste tipo pode contar de imediato com a adesão do público popular, mas esta desfaz-se logo que o fim da película surge, e o espectador é obrigado a *pensar* (o que nunca acontece *durante a fita*). Para além disto, o filme repisa *gags* e situações de outras obras (veja-se o caso da velha tia de Serafino que, quando morre, vê a casa assaltada pelos parentes, numa cena que vem directamente do *Zorba*), da mesma maneira que se mostra de uma desonestidade narrativa inesperada em Germi, com a utilização de lentes que deformam alguns rostos nas cenas do tribunal e do consultório médico, o que mostra bem quais os intuitos *reais* deste filme que Carlos Porto (e outros) como bom «devorador de equívocos» aceitou e defendeu indignado.

Dois reparos finais:

1.º — Indigna-se C.P. por no mesmo quadro, se classificar Germi e Constantino Esteves com a mesma pontuação. Tenho a dizer que, a um determinado nível as distinções entre o *mau* e o *péssimo* são irrelevantes. Que interessa saber se um indivíduo morreu de constipação ou de tuberculose, depois de ter morrido?

2.º — Diz C. P.: «*compreende-se que os nossos críticos sejam demasiado sofisticados para admitirem a vantagem do uso (em ocasiões oportunas) do varapau*».

Pergunto eu: «*Em teatro é assim? Em cinema nunca notei*».

Posto isto, aceite Carlos Porto um abraço sempre amigo deste «benjamim» que se assina.

LAURO ANTÓNIO

O Museu e o mundo de hoje

(Continuação da pág. central)

numa ligação contínua que será o próprio «continuum» da educação permanente. *Museu-armazém* ou *Universidade-canudo*, acho eu, são afinal, faces do mesmo problema de estruturas estáticas dum mundo acabado ou pelo menos, acabando. O museu tem que ser, por isso mesmo, um «laboratório» (e guardo no ouvido a expressão irònicamente feroz do velho Rivière perguntando, como quem enfia uma carapuça: «Quem é contra o museu-laboratório?»...), como a universidade um «Seminário».

Em consequência disto, pode por-se o problema de fazer «descer o museu à rua», na conquista de um novo público. Mas deve também cuidar-se desta descida geralmente demagógica, com sacrifício da função social do museu, tomado perigosamente no vértice dum consumo concorrencial.

Aqui a delegada da Índia perguntou a propósito, «porque é que estavam todos tão interessados em ter muitos visitantes» — e o prof. Maltese e o delegado mexicano concordaram acertadamente na necessidade de inquerir sobre a *qualidade* dos visitantes e de fornecer a estes uma *motivação*.

«Descer à rua» adquire assim uma *responsabilidade qualitativa* — e traduz-se em multiplicação de funções e de possibilidades físicas. Os «muséus-relais» dos Estados Unidos e da Índia, os museus móveis, ali também propostos, são soluções de descentralização topográfica que, num movimento inverso sobre o plano da informação, devem ser acrescentados por uma concentração de actividades afins do fulcro museológico. O *projecto* do museu («acumulador de informações sob a forma de mensagens-objectos» — Maltese), realiza-se na acção desta «acumulação», na descodificação múltipla dos objectos em causa. Apenas, será preciso não esquecer a existência primacial dos objectos que se mostram...

PARA isso se fazem os conservadores. Se fazem como? O balanço das suas possibilidades de formação é triste — e os cursos de museologia («cursos de jardim de infância», assegurou Cameron, referindo-se aos Estados Unidos) não formam ninguém. Formatura empírica, portanto — e dela vem a continuidade académica da quase totalidade dos conservadores deste mundo. Poderá o prometido «Sylabus» da ICOM e o seu futuro centro de estudos remediar á situação?

...De qualquer modo a *política dos museus*, creio bem que deve começar por uma *política de conservadores*. O museu (insisto eu) não é uma indústria de conservas, mas uma *acção imaginária em função social*. Por isso (largamente discutimos o assunto, Maltese e eu) a sua direcção terá de ser atribuída a sociólogos (da arte) devidamente atentos à realidade em jogo.

JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA

MILHÓLEO

ÓLEO PURO DE GERMEN DE MILHO EXTRAIDO POR PRESSÃO

O ÓLEO PARA TODOS OS USOS CULINÁRIOS
RICO EM ÁCIDOS GORDOS INSATURADOS ESSENCIAIS

MOAGENS ASSOCIADAS, SARL — ALHANDRA

Um dia são dias

(Continuação da 8.ª página)

que o pode afectar é o aparecimento físico dos comparsas do sonho. Por isso, a sua preocupação constante é fugir-lhes. Mesmo que um dos comparsas seja o próprio irmão, gravemente enfermo, que afinal é menos importante que a pulseira. Sonhar é fácil, diz a fita...

Nos seus devaneios Eduarda toma, porém, verdadeira consciência da inutilidade da sua vida. Já o vimos. Toma consciência do vazio. Já o vimos. E também da sua opressão. Ela está num mundo de homens (Vasco, Rui, Jaime, Rodrigo), os homens, ou apenas um homem, é que ditam a regra. Mas dentro dessa opressão é que está a segurança, e ela dispõe-se a defendê-la com unhas e dentes, mesmo que defendendo-a continui inútil, vazia e infantil. — «Eu continuava no estado de infantilidade, mal instruída desde criança por livros que o Rui me deixava à mão», (pág. 105). Jane Arden, não há dúvida, está farta de conhecer as mulheres.

Perguntei-lhe:

— Mas então não há mesmo escritoras?

— Aqui na Inglaterra, não. Na América ainda há algumas, especialmente as que se reunem em torno da revista *Afro*. É que a batalha das mulheres nem sequer começou. Foram cientistas-homens que descobriram a pílula... para as mulheres tomarem. Teremos de esperar por cientistas-mulheres que descubram uma pílula... para os homens tomarem por sua vez. Até ao momento a mulher tem engolido tudo o que o homem lhe tem dado. Sem nova sociedade não há nova mulher. Os homens sempre mostraram as pernas. E as mulheres vêem-se aflitas para cumprirem o direito de mostrarem as delas...

É verdade: disse-me isto. E parte disto é o que lemos da autoria de Marta de Lima na contracapa. Os bons espíritos encontram-se, não sempre, mas às vezes...

O DIREITO DE «POSSUIR», ESCRITO NUM PAPEL

Mas Eduarda não é uma mulher estúpida, porque afinal tem bem consciência da sua alienação. O que não a impede, mesmo nos momentos em que essa consciência é mais aguda, de nela se refastelar masoquisticamente. Se o masoquismo das mulheres fosse vento não havia moinhos do Mundo que estivessem parados, não é verdade? A psicologia de Eduarda polariza-se, deste modo, num *eu* e *não-eu* que convivem educadamente. Diz: «A contradição foi sempre o elemento fundamental do (meu) carácter» (pág. 91). Por um lado é a burguesa requintada que nos diz: «gosto de comer com os nossos talheres de prata, nunca pude sentir na boca talheres ordinários», o que é uma concessão aos metais preciosos, à nobreza metálica das coisas, uma afirmação de apego às raízes. Por outro lado, satura-se às vezes de um nojo infinito pela sociedade, tal como nela se fez mulher, e não há regra dessa sociedade, não há ética, não há estrutura, que ela não anatematize quando, na fase revoltada da *rêverie* (porque só na *rêverie* é que Eduarda às vezes se emancipa) nos diz: «(e fui eu) levada por um homem que não tinha outro meio de (me) possuir senão escrevendo esse direito num papel» (pág 80).

Mas naturalmente que Eduarda é uma mulher que só encontrará a «salvação» nos braços do marido. Por muito longe que vá o anátema ainda não há melhor refúgio que o mundo que anatematiza. Na verdade, quando fugindo à insistência de Jaime desavorа louca para os braços de Rodrigo, no pavor de ver destruído esse refúgio (o tal que foi conquistado pela legalidade de uma assinatura num papel), exclama: «Ah!», que «podia ter despedaçado a minha vida». Que vida? Noutro momento de lucidez dir-nos-á: a das «classes privilegiadas», cujo privilégio é, antes de mais nada, o de «poderem viver a vida superficialmente» (pág. 142).

MARTA DE LIMA NÃO PERDOA

Eu, como leitor masculino, até perdoo a Eduarda. Afinal, estamos numa sociedade bíblica que não se reforma. Diz a Bíblia que a mulher tem de seguir o marido, etc. Mas viver em Paris com duas criadas, dois carros e um *chauffeur*, vale bem o quotidiano num cartório para uma licenciada em Direito, que é quase a perspectiva a que a reduz o mundo dos homens que tais coisas também controla. Neste mundo da Bíblia não há escapatória. Por isso é que a Arden diz...

Mas Marta de Lima não perdoa. Eduarda entretivera-se a idealizar Rodrigo. Não há virtude que este não possua. Tão virtuoso, que chegaria a pensar se ele não seria... Até que, despoetizado Jaime, aparentemente superado o devaneio do passado, ela é metida no *cul-de-sac* de uma nova poetização: a do marido. E corre para ele decidida: quero um filho! Mas nesse *reencontro* (porque agora Jaime está definitivamente «morto») descobre, um momento antes da confecção da descendência, que afinal o agora dilecto esposo também tivera amantes. Oh! a «sociedade inconsequente» do Rodrigo, exclama!

Quer dizer: afinal o último refúgio que descobriste é um pedaço do mesmo mundo corrupto sem o qual não consegues aliás viver. E é a isto que os homens pela mão que não perdoa de Marta de Lima) reduzem uma mulher que, apesar de tudo, é extremamente sensível e inteligente? O que lhe restará será fazer um filho? É tudo? É tudo. A não ser que...

UMA SENTENÇA FELIZ

Não há leitor, por distraído que seja, que não se impressione com este livro fora do vulgar. Marta de Lima dá-nos com perícia extraordinária as horas de desalento e frustração de Eduarda, como são excepcionais as passagens em que nos narra o desastre dos pais desta. As reconstituições do passado, em sucessivas retrospectivas, estão muito bem montadas, fornecendo-nos um perfeito *backdrop* sem o qual a personagem central seria ininteligível. Não há o que se pode chamar um passo em falso, e, com tal rigor, não se tornou difícil a Marta de Lima ascender a um nível de construção novelística de que, entre nós, só as suas confrades femininas Fernanda Botelho, Maria Judite de Carvalho e, mais recentemente, Isabel Barreno se podem gabar.

Não há mulheres escritoras? Bom, talvez a Jane Arden exagere. Que pensa o leitor?

ALEXANDRE PINHEIRO TORRES

Cardiff, 27-Nov.-69

crónica crítica

alexandre pinheiro torres

UM DIA SÃO DIAS

romance de Marta de Lima

MONÓLOGO EM PONTYPOOL

QUANDO ACABO de ler *Um Dia São Dias* lembrei-me de uma conversa em Outubro com Jane Arden. A autora de «Vagina Rex e o Fogão de Gás» afirmava categòricamente na sua casa de Pontypool, a poucos quilómetros aqui de Cardiff

— Enquanto uma mulher for pombo-correio da mensagem dos homens não haverá mulheres escritoras.

Nenhum dos presentes ousou contradizer uma pessoa que terá em Janeiro na Roundhouse um texto dramático representado por Peter Sellers e Sheila Allen. E lembrámo-nos, com muito respeito, do seu notável *The Logic Game* que vimos na TV. Pos isto ela pontificava sem resistência:

— As mulheres continuam oprimidas, mas ser mulher é diferente, neste sentido: a mulher não faz ainda parte da raça humana. A raça humana é *mankind*, não *womankind*. As mulheres são subcultura. Desde que uma mulher oprimida conquiste uma posição de escrava relativamente aguentável o que ela pretenderá depois é manter a todo o custo essa situação de segurança relativa...

Citar mais? Esse monólogo da Arden veio-me, como sugeri, natural e irreversìvelmente à memória ao terminar a leitura do novo livro de Marta de Lima. É que a sua Eduarda Pimenta da Câmara é, de modo definitivo, abrangível pelo diagnóstico da escritora galesa.

A FICHA DA EDUARDA

Que dados nos fornece a ficha da personagem central de *Um Dia São Dias*? Os seguintes: família da burguesia possuidora de terras no Alentejo. A mãe morre esmagada num desastre de «char-à-bancs», circunstância que traumatizará para sempre Eduarda que dele se recorda obsessivamente. Pai morto como consequência do mesmo desastre. Ela e irmão Rui vendem tudo para se formarem Na adolescência idílio frustrado com Vasco. Forma-se em Direito e casa com um médico, Jaime, catorze anos mais velho. Ao fim de seis anos o Jaime cansa-se. Divórcio. Eduarda torna a casar. Desta vez com um diplomata, Rodrigo, um ano mais novo.

VINTE E QUATRO HORAS DA VIDA DE UMA MULHER

Marta de Lima narra-nos, então, um dia (que são dias, um dia em resumo igual a tantos outros, mas não será tanto assim...) da vida monótona que Eduarda leva em Paris com o marido, onde este desempenha qualquer cargo importante: duas criadas, dois automóveis, *chauffeur*, preocupação com jóias (ai!, que acabo de perder uma de família!). O curso de Direito: não se fala mais dele (afinal não valeu a pena vender as terras), e a ocupação de Eduarda, agora com trinta e oito anos, é recordar o *passado* Aos trinta e oito anos? Não há outro remédio. E ela recorda-o enquanto faz *tricot*. Recorda, vive pelo pensamento, lembra Jaime, lembra Rui, lembra Vasco, lembra o «desastre», torna a lembrar Jaime, e depois Rui, ou Vasco, ou «desastre», e depois o «desastre» ou Jaime, ou Vasco ou Rui, ou...

«O vazio é todo meu» diz (pág. 50) ou «habituei-me ao pensamento, é a minha companhia, nem sempre cómoda mas pronta, à mão» (pág. 51), ou «a (minha) tendência para o sonho, para o abstracto» (pág. 74), ou «que faço eu na vida que me justifique, me dê o direito de viver» (pág. 75), «parece-(me) às vezes que (me) realizo. Mas que (me) realizo, como?» (pág. 88), «porque (me) (sinto) hoje só quando sempre (me) acho acompanhada com as (minhas) recordações ou com o teatro da (minha) imaginação» (pág. 101)? «não sei falar (...) nem escrever, sei pensar só...» (pág. 135). A ficha não é brilhante. Vamos ter pena de Eduarda? E as duas criadas e os dois automóveis?

NEM TUDO O QUE RELUZ É OIRO, NEM TUDO O QUE BALANÇA CAI

Mas nesse dia (esse dia que afinal não são dias) chega a Paris o irmão Rui, muito doente, acompanhado do ex-marido, o tal Jaime que se cansara. Há um telefonema para casa dela a avisar, e ela corre ao hotel de Rui. Irá cair nos braços de Jaime? Isso sim! Repara que ele está velho, e, por comparação, Rodrigo é carne fresca. Jaime que aos cinquenta quer a reforma tenta chamar a si de novo a ex-mulher. Mas esta voa para Rodrigo, apavorada com o receio de este desconfiar que possa ter havido um encontro premeditado com o ex-marido. Ah! como ela descobre agora que é afinal o marido que ama! À noite dirá ao Rodrigo: «Quero ter um filho». Morto o passado, pensemos no futuro: nem tudo o que balança cai.

Marta de Lima

O PERIGO DAS PARAFRASES

O que atrás fica escrito é uma mini-paráfrase do livro. Como todas as paráfrases não substitui o texto parafraseado. É que o texto de Marta Lima é, sem favor, notável, e merece bem o prémio Almeida Garrett que lhe foi concedido. Em rigor, economia, e beleza de estilo, recorda muitas vezes os pequenos romances de Gide, que é, naturalmente, uma das grandes influências que Marta de Lima terá de reconhecer.

A esquemática paráfrase que aqui fica não é, pois, para diminuir o livro. Talvez para diminuir a personagem, mas ela é também diminuída na própria obra. Marta de Lima fá-lo-á com uma subtileza na verdade toda gideana, e deixará as culpas da truculência para Jaime que não lhe perdoa o ela afinal não ligar qualquer importância ao irmão doente, desarvorando desembestada quando se aproximam as horas do jantar, não vá Rodrigo chegar a casa antes dela. O ex-marido acusá-la-á de estar empedernida: «a menina não reage, preservada nas suas peles, protegida na sua invulnerabilidade de dama da alta» (pág. 127). É, a este respeito, verdadeiramente exemplar a forma como Marta de Lima documenta o que na realidade preocupa Eduarda. Abre o livro com a sua quase angústia por que perdeu uma pulseira de família. Rala-se com o desgosto do marido. A pulseira é, assim, simbólica da sua estreitíssima dependência de Rodrigo. Preocupa-se porque algo afecta o seu *senhor*. Em contrapartida, na cena com Rui e Jaime, não são estes que, em momento nenhum, são importantes. Estes só o eram na *rêverie* que acompanhara o *crochet*, mas a *rêverie* não afecta o equilíbrio conjugal (pelo menos o equilíbrio que a sociedade exige); o

(Continua na 7.ª página)

«Serafino», de Germi: «abominável», «com algum interesse» ou «bom»?

Serafino é sexacional

Resposta nada indignada a Carlos Porto

por Lauro António

Em páginas de um *Diário* aparecido no ultimo numero deste *suplemento*, Carlos Porto indignava-se, na sua qualidade de espectador de cinema (ou «*de devorador de imagens, de emoções, de palavras e de cadáveres, de ideias e de equívocos*») com as pontuações atribuídas no «Quadro de Classificação de Filmes» e com «*as opiniões nele expressas através de números definitivos e definitivamente condenatórios emitidos pelos benjamins da crítica portuguesa*».

Depois exemplificava o juízo com dois casos que o fizeram «*de fel e vinagre*» — «*dois filmes italianos, por acaso dois filmes de autores neo-realistas*»: *Os Indiferentes*, de Maselli, e *Serafino*, de Pietro Germi. Diz depois que deixa Maselli para melhor altura (e a altura surgiu com a estreia dessa magnífica comédia neo-realista — *Que Rico Par!*) e pega no infeliz *Serafino*.

Como, entre todos os «benjamins da crítica» a pontuar o filme de Germi fui eu o unico a escrever algumas coisas sobre a fita, resolveu debater os meus argumentos, generalizando (abusivamente, como, fàcilmente se compreende) as minhas razões de queixa que passaram a ser as razões de todos os outros.

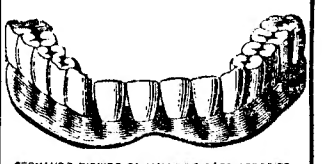
Até esta altura o *Diário* de Carlos Porto merece muitos reparos, alguns dos quais já aqui ficaram expressos por quem de direito no que se refere á orientação dada ao *quadro* e ao *suplemento*. Restará reafirmar a minha admiração pelo facto de Carlos Porto julgar «*definitivas e definitivamente condenatórias*» as classificações aparecidas num *quadro* que comporta nada menos do que 8 (oito) possibilidades de escolha (tal é o numero de críticos a exprimirem a sua opinião) que só muito raramente coincidem. Creio mesmo que um dos méritos deste *quadro*, para além de poder servir de base a a uma possível escolha do leitor, é a disponibilidade que lhe é deixada, em virtude da disparidade de critérios. Cada critico tem a sua visão pessoal do cine- e isso reflecte-se no quadro. Cada leitor pode idenma (e não só do cinema...) tificar-se com um critico determinado e seguir-lhe o critério ou simplesmente aferir opiniões e confirmar pressentimentos. Nada de definitivo portanto...

Passemos agora a Pietro Germi. Carlos Porto afirma que «*ele consegue ser um autor polémico, não sendo um grande realizador*». Inteiramente de acordo. Germi nunca foi um grande realizador, mas foi (quase) sempre um homem simpático, generoso, turbulento que permite a adesão fácil do espectador a uma intriga normalmente conduzida segundo um postulado emocional, sensitivo. Para confirmar tudo isto basta esse belo *Divórcio á Italiana* ou a inspiração picara de *Seduzida e Abandonada*. Usualmente, Germi fica-se pela pintura satírica (ou melodramática, consoante os exemplos) de ambientes sociais determinados. A Sicília nos dois filmes atrás mencionados, ou os bairros operários de *O Homem de Palha* ou de *O Ferroviário*. Com *Serafino*, Germi pretendeu ir mais longe, mantendo no entanto o esquema tradicional do seu cinema. Pretendeu ir mais longe numa fita comercialmente rentável em função do nome de um actor (cantor em voga na Itália) que os produtores certamente impuseram. Procurou, sobretudo, e aqui o terrível dilema (ou equívoco) de base de *Serafino*, construir um filme *construtivo*, assentando a estruturação da obra na costumada adesão emocional do espectador. Numca numa adesão racional. O que se aceita em filmes de mera pintura de ambiente, torna-se inadmissivel numa

(Continua na 7.ª página)

JÁ CÁ CANTA!

ANTOLOGIA DO HUMOR PORTUGUÊS



FERNANDO RIBEIRO DE MELLO/EDIÇÕES AFRODITE
DISTRIBUIÇÃO: «QUADRANTE»

LIVRARIA BERTRAND

AS MURALHAS DE ISRAEL

por JEAN LARTÉGUY

A situação de Israel na rede política do Próximo Oriente

Volume de 370 páginas 60$00